

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO**

ADRIELLE CRISTINA DE PAIVA MARQUES FERREIRA

**A VIVÊNCIA DE MULHERES EM CURSOS SUPERIORES MAJORITARIAMENTE
CURSADOS POR HOMENS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

**JUIZ DE FORA
2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO**

ADRIELLE CRISTINA DE PAIVA MARQUES FERREIRA

**A VIVÊNCIA DE MULHERES EM CURSOS SUPERIORES MAJORITARIAMENTE
CURSADOS POR HOMENS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Administração, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do grau de mestre em Administração.

Orientador: Denis Alves Perdigão

**JUIZ DE FORA
2023**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ferreira, Adrielle.

A vivência de mulheres em cursos superiores majoritariamente cursados por homens na Universidade Federal de Juiz de Fora / Adrielle Ferreira. -- 2023.

174 p.

Orientador: Denis Perdigão

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. Programa de Pós-Graduação em Administração, 2023.

1. Educação superior. 2. Cursos majoritários masculinos. 3. Desigualdade de gênero. 4. Mulheres universitárias. I. Perdigão, Denis, orient. II. Título.

Adrielle Cristina de Paiva Marques Ferreira

**A VIVÊNCIA DE MULHERES EM CURSOS SUPERIORES
MAJORITARIAMENTE CURSADOS POR
HOMENS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

Dissertação apresentada
ao Programa de Pós-
graduação em
Administração
da Universidade
Federal de Juiz de
Fora como requisito
parcial à obtenção
do título de Mestra em
Administração. Área
de concentração: Gestão
e Organizações.

Aprovada em 14 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Denis Alves Perdigão - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª. Lilian Alfaia Monteiro
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª. Nathália de Fátima Joaquim
Universidade Federal de Lavras

Juiz de Fora, 19/06/2023.



Documento assinado eletronicamente por Denis Alves Perdigão,
Professor(a), em



14/07/2023, às 16:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Lilian Alfaia Monteiro, Professor(a), em 18/07/2023, às 16:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Nathália de Fátima Joaquim, Usuário Externo, em 24/07/2023, às 08:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uff (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 1331590 e o código CRC 65687C93.

Dedico este trabalho à minha inspiração
e motivação de seguir todos os dias,
minha querida mãe Patrícia.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um dos gestos mais simples, puros e necessários, ao refletir em quem agradecer diversas são as pessoas que vieram à minha mente. Sendo uma honra imensa ter tantas pessoas que caminharam junto comigo em todo esse processo.

Gostaria de agradecer primeiramente à minha mãe Patrícia, que sendo uma presença constante ao meu lado, sempre me incentivou a estudar, nunca me deixou desistir e sempre me fez acreditar que eu posso tudo e que sempre estive ao meu lado.

Agradeço também ao meu orientador Denis que, desde o início do mestrado, me auxiliou e orientou com liberdade e autonomia para concretizar este trabalho.

À Nathalia, minha orientadora da graduação, que, acreditando em minha capacidade, foi a primeira pessoa que me incentivou a entrar no mestrado e mesmo não sendo mais minha orientadora sempre estive disposta a ajudar.

À minha amiga Bruna, que conheci no mestrado e irei levar para toda vida. Ela foi essencial em toda essa trajetória, compartilhou comigo as frustrações, ansiedades, medos, alegrias e sempre acreditou que isso tudo seria possível.

À minha amiga Thamiris que desde o início sonhou junto comigo com a entrada no mestrado, me acompanhou em todos esses momentos, me ajudou todas às vezes que precisei, acadêmica e pessoalmente, e é uma grande inspiração para mim.

Às dezoito alunas que contribuíram com meu trabalho aceitando participar das entrevistas, disponibilizando seu tempo e confiança para falar de questões tão delicadas.

Aos(às)meus(minhas) amigos(as) que sempre estiveram comigo, me apoiando e incentivando durante esse processo.

Às pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que essa pesquisa acontecesse.

Às mulheres que lutam diariamente por um mundo sem machismo e discriminação de gênero.

Essa pesquisa só foi possível por ter o apoio de todos vocês. Meu mais sincero muito obrigada.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo descobrir como é a vivência de mulheres em cursos de nível superior majoritariamente cursados por homens, cujas profissões são socialmente vistas, simbolicamente, como masculinas na Universidade Federal de Juiz de Fora. Primeiro, foi definido o que seria considerado um curso majoritário masculino, sendo estabelecido que são aqueles que apresentam 70% ou mais de homens - fazendo esta análise 13 cursos se caracterizam como majoritário masculino: Física; Engenharia Elétrica/Habilitação em Robótica e Automação Industrial; Engenharia Computacional; Engenharia Elétrica/Habilitação em Sistemas Eletrônicos; Engenharia Elétrica/Habilitação em Telecomunicações; Ciências Exatas; Engenharia Elétrica/Habilitação em Energia; Música Composição; Estatística; Engenharia Mecânica; Música Violão; Ciências da Computação; e Sistemas de Informação. Em razão do grande número de cursos e da limitação de tempo da realização da pesquisa, foi feito um recorte com foco nas engenharias, analisando os cursos de Engenharia Elétrica, Engenharia Computacional e Engenharia Mecânica. Sendo assim, foi composto o grupo de entrevistadas por 18 estudantes desses cursos. Nas entrevistas foi possível identificar que a vivência dessas alunas perpassa por diversas barreiras como: a falta de representatividade, a discriminação de gênero, o assédio, o cerceamento das suas vozes e corpo. Sendo assim, essas alunas buscam criar formas, táticas, para sobreviverem a este ambiente majoritário masculino, como ignorar situações e comentários desrespeitosos, moldar seu jeito de ser, falar, vestir, se agrupar com outras mulheres. Dessa forma, foi possível concluir que a vivência das mulheres nos cursos majoritários masculinos da UFJF são dificultadas por conta do seu gênero, não sendo valorizadas, reconhecidas e ouvidas, além de passarem por diversas discriminações de gênero. Sendo assim, é de extrema importância, que sejam criadas medidas de apoio, segurança e escuta para que essas barreiras e desafios sejam superados.

Palavras-chave: Educação superior; Cursos majoritários masculinos; Desigualdade de gênero; Mulheres universitárias.

ABSTRACT

This research aims to discover how women experience in higher education courses mostly attended by men, whose professions are socially seen, symbolically, as masculine at the Federal University of Juiz de Fora. First, what would be considered a male-majority course was defined, establishing that they are those with 70% or more men, making this analysis 13 courses characterized as male-majority: Physics; Electrical Engineering/Qualification in Robotics and Industrial Automation; Computational Engineering; Electrical Engineering/Qualification in Electronic Systems; Electrical Engineering/Qualification in Telecommunications; Exact Sciences; Electrical Engineering/Qualification in Energy; Music Composition; Statistics; Mechanical Engineering; Guitar Music; Computer Science; and Information Systems, in view of the large number of courses and the limited time to carry out the research, a cut was made with a focus on engineering, analyzing the courses of Electrical Engineering, Computational Engineering and Mechanical Engineering. Therefore, the group of interviewees was composed of 18 students from these courses. In the interviews, it was possible to identify that the experience of these students goes through several barriers, such as: lack of representation, gender discrimination, harassment, the restriction of their voices and body. Therefore, these students seek to create ways and tactics to survive in this male-majority environment, such as ignoring disrespectful situations and comments, shaping their way of being, speaking, dressing, grouping with other women, all of these tactics being ways of protecting themselves. Thus, it was possible to conclude that the experience of women in the male courses at UFJF is hampered because of their gender, not being valued, recognized and heard, in addition to going through various gender discriminations. Therefore, it is extremely important that support, security and listening measures be created so that these barriers and challenges are overcome.

Keywords: Higher education; Majority male courses; Gender inequality; University women.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	Pierre Bourdieu e alguns conceitos	12
2.1.2	A reprodução	14
2.2	Desigualdade de gênero	19
2.2.1	Raça e classe	33
2.3	Violência de gênero	38
2.4	Mulheres no ensino superior	46
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	59
3.1	Fundação epistemológica	59
3.2	Procedimentos operacionais	62
3.3	Definição do grupo de entrevistadas	68
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	73
4.1	Percepção da pesquisadora	73
4.2	Mulheres na engenharia: esforço multiplicado	77
4.3	Pertencimento	85
4.4	A desistência do curso por conta do gênero	96
4.5	Desafios e barreiras	109
4.6	Casos de assédio e discriminação de gênero	129
4.7	As táticas criadas pelas alunas dos cursos majoritários masculinos na UFJF	144
4.8	Sugestões de melhoria	151
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	157
	REFERÊNCIAS	164

1. INTRODUÇÃO

O trabalho se origina da pesquisa desenvolvida e apresentada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de autoria própria, em que se pesquisaram os motivos que levavam os alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica a trancarem seus respectivos cursos de graduação em uma instituição federal de ensino superior localizada na região sul de Minas Gerais. Como resultado, foram encontrados diversos motivos que faziam com que esses alunos realizassem o trancamento geral de seu curso – sendo, em sua maioria, relacionados a impasses financeiros e psicológicos. Além disso, nas entrevistas realizadas, foram constatadas situações nas quais alunas de cursos predominantemente cursados por homens – como ciência da computação, engenharias e agronomia – enfrentaram diversos desafios para permanecer em razão de sua condição de mulheres. Dessa forma, a vivência delas foram afetadas, além das dificuldades financeiras e psicológicas, por questões de gênero. Cabe destacar que na pesquisa realizada no trabalho de conclusão de curso não foram realizados estudos sobre raça, mas a maioria dos estudantes em situação de vulnerabilidade eram negros (pretos e pardos), o que também pode ser um ponto importante para estudos futuros.

Neste sentido, é importante pontuar que as mulheres são maioria no Ensino Superior segundo o Censo de Educação Superior de 2020 (INEP, 2022). Porém, estão predominantemente nos cursos de educação, saúde e bem-estar, ciências sociais, comunicação e informação, e serviços. Os homens, são predominantes nos cursos de engenharia, produção e construção, computação e tecnologias da informação e comunicação (TIC) (INEP, 2022). Percebe-se que as mulheres estão mais presentes em cursos de ‘cuidados’ e os cursos que fogem desse espectro são predominantemente ocupados por homens.

Temos uma construção de sociedade baseada nos princípios patriarcais e capitalistas. As mulheres, por muito tempo, foram impossibilitadas de participarem ativamente de diversos processos da sociedade. No Brasil, apenas em 1827 criou-se a primeira lei sobre educação para as mulheres, permitindo, assim, com que elas pudessem frequentar as escolas elementares. No final do século XIX, as mulheres passaram a ter autorização do governo para frequentar instituições de ensino superior, e aquelas que frequentavam eram mal vistas pela sociedade e pela Academia. Em 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, foi concedido o voto às mulheres. Em 1962, criou-se o Estatuto da Mulher Casada, que garantia às mulheres

trabalhar, receber heranças, solicitar a guarda dos filhos sem a necessidade de autorização dos maridos (DE MENDONÇA, 2015).

Porém, foi apenas no Século XX que as mulheres começaram de fato a entrar para o ensino superior e reverter o cenário de exclusão na educação. Mas, ainda enfrentando muitas dificuldades (BELTRÃO; ALVES, 2009). No Brasil, verificam-se mudanças no ensino superior a partir da década de 1990, com aumento das matrículas, criação de novos cursos e universidades, tendo como impulso entre 1998 e 2002. Porém, ainda com foco no ensino privado. Apesar de o crescimento ter sido tanto para homens e mulheres, isso não significa que houve uma igualdade de presença entre homens e mulheres (SOTERO, 2013).

Analisar apenas as taxas de escolaridade não é suficiente para que se entenda a persistência das desigualdades no ensino superior. Apenas as taxas não conseguem responder questões sobre as características das pessoas tais como raça, gênero e nem como essas questões se relacionam com a reprodução das desigualdades na educação (SOTERO, 2013).

Outra questão importante de se levantar é sobre as carreiras universitárias. A desigualdade entre mulheres, homens, brancos e negros nas carreiras não é nada específico da atualidade. Há importantes questões sociais por trás das escolhas das carreiras, como a classe social de origem, a qualidade do capital cultural adquirido por meio da escolarização, o nível de dificuldade de acesso a determinadas carreiras que possuem maior condição social, de forma que a escolha das carreiras no ensino superior é determinada socialmente. Nesse contexto, gênero e raça associados à divisão econômica de classes são imprescindíveis para se compreender as disparidades encontradas no ambiente acadêmico. As mulheres passam por um acesso desigual no ensino superior por vários motivos que perpassam questões específicas do processo de ingresso nas instituições e também questões tradicionais discutidas pelo senso comum, que falam sobre os diferentes papéis sociais que mulheres e homens devem desempenhar (SOTERO, 2013).

A dominação masculina¹ faz com que as mulheres não tenham seus direitos plenamente atendidos. Além disso, a dominação masculina é passada por culturas, gerações, religiões e espaços geográficos. A história tem sido feita pelo homem e para o homem. Assim, a mulher foi colocada em um papel coadjuvante num mundo coordenado e controlado pelos

¹ Dominação Masculina é conceito sociológico. Para Bourdieu (2012), a dominação masculina pode ser entendida como tendo um respaldo em uma divisão arbitrária entre homens e mulheres – criada por meio de oposições binárias, que classificam os sujeitos por meio de adjetivos opostos, sendo os positivos associados aos homens e os negativos às mulheres.

homens. A mulher é tratada como reprodutora, e o homem, como o produtor. Sendo assim, o homem trabalha, enquanto a função da mulher é reproduzir e cuidar dos filhos. As mulheres são historicamente tratadas como inferiores e submissas. A obediência e a submissão eram, e talvez ainda sejam em alguma medida, mesmo na sociedade moderna, critérios para uma mulher ser reconhecida como virtuosa (DE MENDONÇA, 2015).

Apesar de todos os desafios colocados, em menos de cem anos, as mulheres estão entrando de forma decisiva nos espaços públicos, nas instituições escolares e no mercado de trabalho. Mas ainda há um horizonte a ser ocupado em que as mulheres estejam no topo do prestígio. No mercado de trabalho, a presença feminina ainda é menor. Todavia, em lugares nos quais é possível conciliar as tarefas domésticas e os cuidados com a família, o cenário muda para uma predominância feminina (RICOLDI; ARTES, 2016).

No ambiente escolar, sobretudo nos últimos anos da educação básica e no ensino superior, algumas pesquisas destacam que as mulheres são maioria entre os estudantes. Em uma pesquisa elaborada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), em 2018, se constatou que as mulheres são maioria no ensino superior, perfazendo o montante de 54,6% dos estudantes. Porém, como já ressaltado, tal maioria não se verifica nos cursos de maior prestígio social – as mulheres estão em maior número nos cursos de ciências humanas, como ciências da educação e língua materna, e na carreira de saúde, notadamente em cursos ligados ao cuidado, como enfermagem, terapia e reabilitação. (RICOLDI; ARTES, 2016).

Já os homens são maioria nos cursos das ciências exatas, como ciência da computação e engenharias. Comparando dados do IBGE (2010) e do INEP (2010) é possível perceber que a presença de mulheres nas áreas consideradas masculinas tem aumentado. Mas, a participação masculina em cursos que são predominantemente femininos é pequena, consequência da pouca valorização dessas carreiras (RICOLDI; ARTES, 2016).

Com todo o contexto histórico de exclusão das mulheres, faz-se necessário entender como é o processo de vivência das mulheres em cursos superiores que são simbolicamente e socialmente vistos como masculinos. É necessário entender se existe interferência em relação ao gênero na vivência dessas mulheres, bem como se o fato de ser mulher, nesses cursos com menor presença feminina, é um dos desafios para permanecer e se formar.

O objetivo geral deste trabalho é compreender como é a vivência de mulheres em cursos de nível superior majoritariamente cursados por homens cujas as profissões são socialmente vistas, simbolicamente, como masculinas

Os objetivos específicos da pesquisa são:

- 1- Descobrir quais são os cursos superiores com diferença significativa no número de alunos do gênero masculino em relação ao gênero feminino;
- 2- Identificar quais são os desafios/barreiras que as mulheres enfrentam em cursos superiores majoritariamente cursados por homens no Ensino Superior;
- 3- Analisar como constroem formas/táticas para conviver em um ambiente majoritariamente masculino.

Com este projeto, pretende-se trazer contribuições acadêmicas para o debate e pesquisa do tema, uma vez que ao pesquisar no Portal de Periódicos Capes por “Mulheres no Ensino Superior” é encontrado uma correspondência de 14.171 trabalhos, porém, dos 100 primeiros artigos apenas cinco deles abordam de alguma forma a vivência de mulheres no Ensino Superior, sendo três artigos que discutem esse tema de forma mais ampla, não focado em cursos majoritários masculinos, um artigo discute sobre o processo de mulheres no curso de física “Mulheres docentes em cursos superiores de Física em duas universidades federais no Brasil” (DE ALMEIDA FREITAS; TEIXEIRA; SILVA, 2021), sendo um curso normalmente majoritário masculino e um artigo que aborda a vivência das mulheres em cursos de engenharia e tecnologias “A mulher em cursos de ciências, tecnologia, engenharia e matemática no ensino superior moçambicano” (UAMUSSE;KOULESHOVA, 2020) que também são uma área majoritária. Assim é evidenciado que o acervo bibliográfico referente à temática ainda não foi muito desenvolvido. Para tanto, pretende-se viabilizar a publicação de artigos com os resultados da presente pesquisa, com o aporte da divulgação do trabalho em congressos e periódicos, bem como na universidade estudada como retorno da pesquisa.

No sentido de contribuição social, espera-se lançar luz sobre a temática de gênero e as dificuldades que as mulheres enfrentam historicamente no ensino superior. Assim, possibilitando o maior debate sobre o tema.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste trabalho aborda a discussão sobre desigualdade de gênero, trazendo diversas autoras e autores a debater sobre o tema. É abordado a relação de gênero, raça e classe. Além disso, é discutido sobre a violência de gênero, bem como também se discute sobre a trajetória das mulheres no ensino superior.

2.1 Pierre Bourdieu e alguns conceitos

Para começar a discussão do referencial teórico é importante trazer alguns conceitos de Pierre Bourdieu necessários para o desenvolvimento da pesquisa.

O primeiro conceito é de campo, onde para o autor é um microcosmo que está inserido no macrocosmo sendo formado pelo espaço social global podendo ser nacional e ocasionalmente internacional. Em cada campo existem as regras do jogo e adversidades que são específicas e irredutíveis às regras do jogo e os desafios dos outros campos. Por exemplo, os desafios de um matemático, sua forma de mobilização e o que o faz mobilizar não é o mesmo de um costureiro. Dessa forma, os interesses sociais de cada campo são sempre específicos, e se submetem ao interesse de valor econômico. Sendo assim, um campo é um “sistema” “espaço” onde é formado pelas posições que os agentes ocupam dentro do campo. As práticas e estratégias dos agentes se tornam perceptíveis quando estão relacionadas às suas posições no campo (LAHIRE, 2017).

Este lugar é um espaço de lutas, numa arena onde o jogo coloca a concorrência e a competição entre os agentes que estão em diferentes posições. O objetivo desses embates está na apropriação do capital específico do campo, buscando ter o monopólio do capital específico legítimo ou da redefinição desse capital. No campo, existem os dominantes e dominados, e é na desigualdade de capital que se determina a estrutura do campo, sendo definido pela relação de forças entre agentes e instituições (LAHIRE, 2017).

Outro conceito importante é o Habitus, que rompe com a dualidade do senso comum entre o indivíduo e sociedade, ao compreender “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade” sendo assim, é como a sociedade tem suas capacidades

treinadas e as propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de forma determinada que guia as respostas às aflições e solicitações em seu meio social (WACQUANT, 2017).

A somatização progressiva das relações fundamentais que são típicas da ordem social, insere-se na hexis corporal, nas posturas, disposições e relações do corpo interiorizadas pelo indivíduo, o que influencia sua forma de agir, sentir e pensar (MEDEIROS, 2017).

Classe social é um conceito para autor, que difere apenas do processo de divisão econômica das classes. O conceito de classe, vem do entendimento da sociedade como um espaço social. Ao compreender a sociedade assim, os agentes sociais estão em diferentes posições definidas através da distribuição das propriedades entre eles, conferindo poder nas relações com os outros agentes. Dessa forma, os agentes sociais “são distinguidos e distinguem” conforme a posição em relação ao espaço social que participam, dependendo das propriedades que as dispõem. Sendo assim, as classes sociais são compreendidas por Bourdieu, como um grupo de agentes que estão em posições próximas no espaço social, diferenciando das outras classes que estão em posições relativas diferentes. Em resumo, as diferentes posições criadas nas diferenças de propriedade, dão poder de umas classes em relação a outras (JUNIOR; BERTONCELO, 2017).

Já o conceito de Illusio diz sobre como o interesse em um campo é um entendimento e ajustamento entre as estruturas mentais dos sujeitos, seus habitus, disposições e as estruturas objetivas, os campos, e as disputas dentro do jogo, que se mostram na ação, investimento. Ter a mesma Illusio diz sobre ter sistemas de expectativas, princípios, de classificação, avaliação que se enquadram as regularidades de lugar social específico. Essas regularidades, regras perceptíveis moldam o habitus dos agentes, que ao serem incorporadas fazem com que as disposições representem um sentido e domínio prático daquele jogo e a forma do seu funcionamento. As estratégias dos agentes e a forma de agir e investir pelo sentido do jogo, são adiantamentos práticos das tendências inerentes do campo, que jamais são faladas pela forma de previsões explícitas (AGUIAR, 2017).

Estes são alguns conceitos importantes para a compreensão da pesquisa, além disso, a obra *A Reprodução* também é importante, dessa forma, o próximo tópico aborda uma discussão sobre esta obra.

2.1.2 A reprodução

O livro “A reprodução” escrito por Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron é uma obra muito significativa para a educação e para este trabalho. O livro faz uma análise do sistema de educação francês em meados de 1960, onde traz as peculiaridades e a defesa do argumento da instrumentalização escolar onde se reproduz a cultura dominante no ambiente escolar. Para os autores o sistema escolar não se trata de um sistema mediador e justo entre o processo de ensino e aprendizagem, mas sim um sistema que é parcial, e as diferenças são reafirmadas e legitima o discurso dominante e tendencioso (MARGOTTO, 2017).

A violência simbólica, conceito criado por Bourdieu (1982) diz que todo poder dessa violência impõe significações e tenta fazer com que sejam legítimas, dissimulam as relações de força que estão na base, assim acrescentado a própria força simbólica, nas relações de força.

Para Bourdieu e Passeron (1982), toda ação pedagógica é de forma objetiva uma violência simbólica, quando é imposto mediante um poder arbitrário, de um arbitrário cultural. Toda ação pedagógica, seja ela exercida por uma educação difusa, onde membros educados por uma formação social ou de um grupo, ou uma educação familiar, onde os membros do grupo familiar, é conferido esta tarefa, ou a educação institucionalizada conferida por uma instituição que tem como função direta ou indiretamente, exclusiva ou parcial. A ação pedagógica reproduz o arbitrário cultural das classes dominantes ou das classes dominadas. O alcance dessas preposições é definido, por como é compreendido o sistema de relações de força e de sentido entre os grupos ou classes.

A ação pedagógica escolar que reproduz a cultura dominante, contribui para que se reproduza a estrutura das relações de força, onde o sistema de ensino dominante faz com que se continue tendo a violência simbólica legítima. A ação pedagógica é uma violência simbólica quando um grupo ao deter do poder impõe através da educação seus meios, valores, crenças (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

Os árbitros culturais são ligadas a um grupo de culturas presentes e passadas, tendo uma variação imaginária, do universo das possíveis culturas, das opções. As condições sociais da produção e reprodução, tendo todas as reestruturações e reinterpretções em relação à continuidade das condições sociais transformadas, em todos os graus, que se pode ter uma

reprodução quase perfeita da cultura em uma sociedade tradicional (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

Nenhuma cultura pode ser definida como superior a outra. Dessa forma, os valores que orientam cada grupo em suas ações e como se comporta, são os arbitrários, não sendo fundamentado em nenhuma razão objetiva, universal. Apesar de arbitrários, esses valores, sendo cada cultura de cada grupo, são vividos como os únicos possíveis, os únicos legítimos. Para Bourdieu e Passeron (1982), isso também ocorre nas escolas. A cultura, ensinada e propagada na escola, não é superior a nenhuma outra. Dessa forma, o seu valor é arbitrário, não estando fundamentado em nenhuma verdade objetiva, ou inquestionável. Apesar de ser arbitrária, a cultura escolar é vista socialmente como uma cultura legítima, como universal (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002).

A transmissão da cultura dominante através da escola pode acontecer por imposição, quando de fato é imposto um determinado discurso, ou por ocultação, quando é feita uma fala e apenas uma parcela dos estudantes entendem, deixando outra parcela a margem sem entendimento sobre aquilo que foi dito (MARGOTTO, 2017).

Sendo definido de forma tradicional o “sistema de educação” como o grupo de mecanismos institucionais ou habituais que faz com que se transmita entre as gerações a cultura herdada do passado, de forma como uma informação acumulada, as teorias clássicas acabam dissociando a reprodução cultural de sua função de reprodução social, dessa forma, ignoram-se as implicações das relações simbólicas na reprodução das relações de força. Tendo em vista, que elas se associam aos interesses materiais e simbólicos de grupos ou classes que possuem diferenças nas relações de força. Essas ações pedagógicas reproduzem a estrutura da distribuição do capital cultural entre os grupos e classes, fazendo com que, se contribua para a reprodução da estrutura social (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

Sendo assim, as leis do mercado em que é definido os valores econômicos e simbólicos, é o valor do capital cultural, dos arbitrários culturais que serão reproduzidos por diversas ações pedagógicas e através delas, os sujeitos educados por ela, geram produtos que formam mecanismos, os quais são mais ou menos determinantes para os tipos de formações sociais, asseguradas pela reprodução social, formada pela reprodução da estrutura das relações de força entre classes (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

Quando o poder arbitrário de uma imposição, que por ser desconhecido, encontra de forma objetiva o reconhecimento da autoridade legítima, a autoridade pedagógica, poder da

violência simbólica se mostra como uma forma de direito de imposição legítima, onde se reforça o poder arbitrário que a estabelece e que a dissimula (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

A força das representações de legitimidade, em especial, da legitimidade da ação pedagógica dominante, no sistema dos instrumentos, sejam eles simbólicos ou não, garantem a perpetuação do domínio de um grupo ou uma classe sobre as outras, sendo variável tradicionalmente. A força relativa do reforço assegurando as relações de força entre os grupos ou classes através das relações simbólicas representam essas relações de força, sendo assim, maior. Dessa forma, o peso das representações de legitimidade na definição completa da relação de força entre classes, sendo maior em relação ao estado da relação de forças que autoriza menos, as classes dominantes, o fato da dominação como forma de legitimação da sua dominação e o mercado forma o valor simbólico e econômico dos diversos produtos das mais diferentes açames pedagógicas, sendo unificado. Podendo ser exemplificado, pelas diferenças que separam essas duas relações de uma dominação de uma sociedade sobre a outra, e uma dominação de classe sobre a outra em uma mesma formação social (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

Desde que toda ação pedagógica em funcionamento se dispõe de uma autoridade pedagógica, os responsáveis pela educação, são colocados como capazes de transmitir os ensinamentos, e também são autorizados de impor a recepção e controlar a inculcação por meio de correções socialmente aprovadas e garantidas. Um grupo ou classe realiza aquilo que é possível de reproduzir, em relação a sua existência e também ao delegar uma instância a autoridade indispensável para reproduzir. (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

Na forma em que a autoridade pedagógica delegada de autoridade, a ação pedagógica volta-se a reproduzir entre aqueles que a submetem a relação entre os participantes de um grupo ou classe permanecendo com sua cultura, dessa forma, o desconhecimento da verdade que é objetivo da cultura como arbitrário cultural, etnocentrismo, foca apenas no seu grupo etno, nação (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

Em uma formação social definida, o sistema das ações pedagógicas, ao ser submetido ao efeito de dominação da ação pedagógica dominante, irá reproduzir, nas classes dominantes e nas dominadas, o desconhecimento da verdade objetiva da cultura legítima como arbitrário cultural dominante, onde a reprodução ajuda com que se reproduza as relações de força (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

Pode ser muito “lucrativo” para as classes dominantes quando a ação pedagógica está reproduzindo num sistema de ações pedagógicas dominado pela ação pedagógica dominante, fazendo com que se reproduza culturalmente, tendo uma reprodução social, que garante que os detentores do conhecimento tenham o monopólio desse conhecimento (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

Todo sistema de ensino institucionalizado deve as suas características específicas de estrutura e da forma funciona, tendo em vista a necessidade de produzir e reproduzir, através dos próprios meios da instituição, as circunstâncias institucionais. Tendo em vista sua existência e persistência, a autorreprodução da instituição, necessárias para sua função própria de inculcação e a realização da reprodução como arbitrário cultural, onde ele não é responsável pela produção, reprodução cultural, mas cuja reprodução auxilia a reprodução das relações entre grupos ou classes (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

Em uma formação social determinada, o sistema de ensino dominante pode formar o trabalho pedagógico dominante como o trabalho escolar sem que aqueles que o fazem e os submetem fíndem de não conhecer a sua dependência em relação às relações de força constitutivas de forma social em que ele exerce. Porque ele produz e reproduz, através dos meios próprios da instituição, formas necessárias para a realização de sua função interna de inculcação, que, simultaneamente, são condições suficientes para a realização da função externa de reprodução da cultura legítima e de sua contribuição a reprodução das relações de força (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

Apenas pelo fato da existência e subsiste como instituição, implica nas condições institucionais do desconhecimento da violência simbólica exercida. Uma vez que os meios institucionais com instituição relativamente autônoma, dono do monopólio do exercício legítimo da violência simbólica, estão dispostos a ter, sob forma de aparentar neutralidade, os grupos ou classes que ele reproduz o arbitrário cultural, dependência pela independência (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

Não levar em consideração, como é feito frequentemente, a história de vida, a origem social, sexo, passado escolar dos estudantes, é um impeditivo para se ter a consciência das variações de realidades de cada estudante. Dessa forma, ao fazer uma avaliação, por exemplo, de linguagem, os resultados não são apenas de estudantes, caracterizados pela sua formação anterior, origem social, sexo ou todos esses critérios de forma simultânea, mas da categoria que, o fato de ser dotada do conjunto dessas características, não teve uma eliminação do

mesmo nível de categorias definida mediante outras categorias. É acreditar que o aprendizado se dá direta e exclusivamente a influência, mesmo que cruzada, dos fatores como origem social, sexo (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

É de conhecimento que os estudantes de classes superiores possuem vantagens sobre os outros estudantes, uma vez que possuem acesso a boas escolas, teatro, literatura, jazz. Os alunos das classes populares podem obter resultados parecidos, mas estão em uma situação de desvantagem, em sentido, por exemplo, do capital cultural. Tendo em vista os estudantes das classes populares que ascendem à Universidade, isso poderia ajudar para que se aumentasse, de modo sensível, as formas de seleção visando diminuir as desigualdades do capital cultural e linguístico entre as classes sociais (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

Os alunos não chegam sem suas histórias na escola, eles trazem com eles sua situação econômica, as desigualdades, os preconceitos, as situações difíceis vividas, a falta. O capital cultural, como definido por Bourdieu e Passeron (1982) é a bagagem cultural do aluno, variável em cada aluno. Muitos alunos têm oportunidades de assistir à peça de teatro, viajar, realizar cursos, enquanto outros sequer ouviram falar sobre essas experiências. Essa diferença em relação à cultura em que é vivida além da escola, pode fazer com que se tenha uma divisão dentro da sala de aula (MARGOTTO, 2017).

Dessa forma, tendo como fundamentos a ideia de capital cultural, a violência simbólica acontecerá no ensino. Ao dar prioridade a um discurso dominante, terá uma exclusão de alguns alunos que não entendem sobre o que é aquela discussão. Dessa forma, o capital cultural se coloca como um componente da segregação educacional, “violentando” os alunos que se sentem apáticos com aquilo que está acontecendo (MARGOTTO, 2017).

Uma discussão importante levantada pelos autores, é sobre a presença de homens e mulheres nas faculdades de letras. Onde é preferencialmente colocado que as mulheres façam os cursos das letras, história, arte, explicado pelo fato social de considerar que as mulheres possuem qualidades “femininas” e “vocações” para esses cursos. As escolhas através da aparência faz com que o sistema das oportunidades objetivas remeta as mulheres às profissões que requerem uma disposição “feminina” por exemplo, as ocupações “sociais”, sendo necessário, o rompimento deste preconceito (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

As características que dizem sobre a eliminação ou a continuidade ao sistema não são distribuídas ao acaso entre os sujeitos de uma mesma classe, mas são suscetíveis de serem relacionadas a critérios sociais ou culturais que diferenciam subgrupos no interior de uma

classe. Por exemplo, os estudantes filhos de operários possuem diferenças sociais, escolares, como a diferença de escolaridade da mãe, as profissões de seus familiares, podendo ser diversas essas realidades daqueles que são da sua mesma classe e idade, apresentando características compensadoras que elevam a um estado mais avançado do curso, ou quanto ao mesmo nível do curso em relação às disciplinas. Entende-se, pela mesma lógica, que em relação ao êxito, as mulheres apresentam sempre um número maior dessas características compensadoras que os homens da mesma classe social (BOURDIEU; PASSERON, 1982).

Os exames ao serem usados como forma de seleção e classificação, tecnicamente selecionam aqueles alunos que seriam mais capazes e competentes, mais preparados, na mesma medida, aqueles que não conseguiram nota suficiente para serem aprovados, são tratados como inferiores, excluídos do sistema que valoriza a eficiência, as metas, resultados (MARGOTTO, 2017).

Bourdieu e Passeron (1982), dizem que as escolas produzem de forma direta as desigualdades e exatamente pelos alunos terem vindo de locais diferentes com capitais culturais diferentes entre si. Ao padronizar a seleção através dos exames é uma forma de enfraquecimento e limitação dos conhecimentos que foram adquiridos, contribuindo com que se reforce ainda mais a valorização da cultura dominante e reforçando a inferiorização de alguns estudantes em detrimento de outros. Além de ser uma forma de exclusão dos estudantes por meio de uma seleção que os elimina antes mesmo de serem examinados dentro do curso (MARGOTTO, 2017).

A obra “A reprodução” se mostra como fundamental para evitar a propagação das ideias baseadas na exclusão das pessoas em ambientes diversos, principalmente, naqueles que possuem como objetivo auxiliar na formação de pessoas com pensamento crítico. Essas reflexões ajudam na compreensão de argumentos sólidos para que se possam auxiliar no rompimento da corrente de violências simbólicas que dificultam o desenvolvimento pleno, principalmente no sistema escolar (MARGOTTO, 2017).

2.2 Desigualdade de gênero

Há muito tempo o patriarcado demarca a construção da sociedade, desde a Antiguidade clássica, podendo ser compreendido um sistema político-cultural de opressão que

dissemina, através da dominação simbólica daqueles que possuem poder, no geral sendo expresso a noção de hierarquização em que os homens são superiores às mulheres e aos demais grupos, socialmente discriminados (BURCKHART, 2017).

Historicamente, a educação das mulheres era realizada dentro de casa. Elas eram ensinadas a serem donas de casa, o que implicava em cuidar da casa e da família. A universidade era direcionada aos homens, das classes sociais mais favorecidas, que buscavam ascender socialmente e ser bem sucedidos. A discriminação presente na sociedade advém de muitos anos e mesmo com as políticas públicas implementadas nas últimas décadas, ainda existe discriminação. O preconceito começa por meio da separação entre homens e mulheres, que se discriminam dentro dos seus próprios “grupos” de acordo com sua raça, orientação sexual e classe, dentre outros. Na universidade não é diferente! Esses preconceitos acontecem contra os sujeitos que fazem parte desses grupos apresentados acima (SANTOS, 2014).

Para Bourdieu (2012), a dominação masculina pode ser entendida como tendo um respaldo em uma divisão arbitrária entre homens e mulheres – criada por meio de oposições binárias, que classificam os sujeitos por meio de adjetivos opostos, sendo os positivos associados aos homens e os negativos às mulheres. Do mesmo modo, a divisão sexual do trabalho distribui atividades usando o gênero como parâmetros – colocando os espaços em opostos, como, por exemplo, sendo a assembleia reservada aos homens, e a casa reservada às mulheres. Além disso, o autor vê na dominação masculina a violência simbólica, violência suave, insensível, invisível para as próprias pessoas que vivem aquilo, acontecendo por vias simbólicas da comunicação e conhecimento.

As divisões de ordem social e de relações sociais de dominação e exploração entre os gêneros são colocadas em dois *habitus* diferentes, tendo em vista as diferenças corporais e os princípios de visão e divisão que fazem considerar todas as coisas do mundo e práticas, reduzindo as distinções à oposição entre o masculino e feminino. Assim, para os homens é estabelecido o papel externo do oficial, do público, do direito, tendo a tarefa de lidar com ações consideradas mais perigosas e espetaculares como, trabalhar na lavoura e colheita, ir para a guerra, entre outras coisas. Já as mulheres são direcionadas aos trabalhos domésticos, o cuidado das crianças, trabalhos tidos como privados, escondidos e até mesmo invisíveis e considerados vergonhosos. Por ser um mundo limitado, as mulheres ficam restritas ao espaço da casa (BOURDIEU, 2012).

A princípio o processo de “dominação/submissão” aconteceu através dos contratos de casamentos e propriedades que concedeu aos homens privilégios sexuais, e na esfera pública e política do poder, aconteceu por meio da presença nos espaços do interior das instituições, nas criações de leis, na atuação nos processos eletivos e representativos. Mais tarde, a “exploração” começou a acontecer no campo econômico, por salários desiguais. Além do não reconhecimento e remuneração baixa das mulheres, que sustenta a segunda e a terceira jornada de trabalho, que perpassa pelo trabalho doméstico, os cuidados dos filhos e familiares (FOCHI; ZIRBEL, 2020).

A identidade social da mulher e a do homem são construídas por meio da atribuição de papéis, onde a sociedade tem uma expectativa que existem funções realizadas por cada gênero. Dessa forma, a sociedade define com precisão onde a mulher irá atuar e onde será a atuação do homem (SAFFIOTI, 1987).

Socialmente, realiza-se um processo de naturalização dos papéis desempenhados pelas mulheres, buscando fazer entender que a atribuição da mulher é de cuidar do espaço doméstico, vem da capacidade de ser mãe. Com esse pensamento, realiza-se essa naturalização estabelecendo que a mulher deve se dedicar aos trabalhos domésticos, compreendendo a socialização dos filhos, como algo natural, tendo em vista sua capacidade de gerar e dar à luz (SAFFIOTI, 1987).

O patriarcado sustenta a dominação masculina, tendo como alicerce instituições como a família, escola, igrejas, e as leis. Ideologias que ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores. Foi pelo patriarcado que se instituiu que o trabalho doméstico deveria ser feito pelas mulheres e sem remuneração e sequer ser reconhecido como trabalho. (ARONOVICH, 2019 apud LERNER, 2020, p. 31).

Tendo em vista a desvalorização social do espaço doméstico, os detentores de poder têm interesse em instaurar esse processo de naturalização, colocando que esse papel sempre foi feito pelas mulheres. É muito necessário que se entenda que a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher, traz questões sociais e, além disso, é um caminho mais fácil e curto para que se legitime a “superioridade” dos homens, dos brancos, dos heterossexuais e dos ricos (SAFFIOTI, 1987).

Tem-se como presunção que, nos primórdios da nossa sociedade, o homem tenha dominado a mulher através da força física. Dessa forma, surge a discussão da inferioridade da mulher em relação ao homem. Mas, em contrapartida, é possível ver mulheres no exército em

cargos de alta patente, como na Nicarágua, além de várias mulheres que trabalham com sua força física diariamente e, além disso, tem-se a comprovação que biologicamente não existe essa diferença. Assim, esse processo da força física não é justificativa para a dominação e discriminação, a “inferioridade” feminina é exclusivamente social (SAFFIOTI, 1987).

Em 2013, no I Encontro de Filosofia e Gênero, ocorrido na Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo, Djamila Ribeiro elaborou um texto que debate sobre o sexismo biológico, tendo por base a obra, *O Segundo Sexo—Fatos e mitos* de Simone de Beauvoir. Na primeira parte da obra de Beauvoir denomina-se “Destino” e seus três primeiros capítulos são: “Dados da biologia”; “Ponto de vista da psicanálise”; e “Ponto de vista do materialismo histórico”. Esta primeira parte da obra ser denominada “Destino” é algo muito importante, pois dá ênfase em como essas três instâncias citadas, buscam legitimar o discurso da má-fé e tentam conferir uma essência à mulher, criando um lugar, destino, definido para elas. Dessa forma, tenta criar um destino fisiológico, psicológico e econômico para a mulher. Beauvoir identifica e refuta essas três instâncias que tentam dificultar a liberdade da mulher (RIBEIRO, 2013).

O sexismo biológico busca assinalar uma “inferioridade natural” da mulher. A mulher tem os hormônios de progesterona e estrogênio, a questão é buscar afirmar que a produção desses hormônios irá definir e determinar o comportamento da mulher. Já em relação ao homem, ao dizer que a testosterona faz com que o homem seja mais valente, líder. Considerando esse pensamento, uma mulher pode pensar que por não ter testosterona, não faz parte da sua natureza ser líder. Utilizar da biologia na questão de gênero faz tomar uma diferença biológica como social. Mas a mulher não pode ser definida somente pela biologia ou sua sexualidade, uma vez que a consciência adquirida pela mulher de si própria é advinda da sociedade a que ela pertence. O homem sendo visto como soberano não é apenas por possuir uma anatomia diferente da mulher, mas porque quem possui essa anatomia diferente é quem possui o prestígio social, não podendo ignorar o fato histórico e social (RIBEIRO, 2013).

A mulher possui útero, ovários, e o homem não. O problema está na afirmação de que por ter útero e ovário, a mulher seria inferior, abrangendo os sentidos político, moral e até mesmo intelectual, em relação ao homem. Essas definições hierárquicas em relação às diferenças sexuais fazem com que as mulheres sejam colocadas em uma situação de desvalorização permanente em relação aos homens. Nesse argumento da diferença biológica,

a palavra “fêmea” prende a mulher ao seu sexo e como consequência disso é nunca se libertar dessa uma situação. É ainda muito comum ouvir frases que dizem que é da natureza da mulher cuidar; que toda mulher tem um instinto maternal e precisa ser mãe, colocando a maternidade como um destino; que a mulher é dócil e delicada. Todas essas frases são aceitas e vistas na sociedade como algo comum. Para Beauvoir (1980), definir uma essência a mulher colocando-lhe que existe um destino para ser seguido é querer destituir um ser humano de sua própria humanidade (RIBEIRO, 2013).

Usar da biologia como uma forma para legitimar a opressão da mulher, é como se dissessem que a mulher é isso, e não há nada que possa fazer para mudar. O sentido político e objetivo dessa diferença se dá porque a diferença biológica produz uma desigualdade que não é apenas biológica. Conforme a análise de Beauvoir (1980), a questão de gênero não tem fundamento se está amparada na biologia, uma vez que o sexo não é suficiente para definir uma mulher, tendo em vista que a mulher é indivíduo, que participa da sociedade e é através da participação na sociedade, no mundo que o indivíduo se define (RIBEIRO, 2013).

Simone de Beauvoir (1980), não nega que exista diferenças sexuais entre homens e mulheres, o que está sendo questionado e negado é que estas diferenças não deveriam produzir desigualdades no campo social, mas produzem. As diferenças biológicas são usadas para “desculpas” para que se negue os direitos às mulheres, para legitimar as desigualdades. Sendo assim, Beauvoir nega a existência de uma natureza feminina, subordinada do gênero, definido pela biologia (RIBEIRO, 2013).

Muitas mudanças já aconteceram, mas de todos os fatores de transformações, os mais importantes estão relacionados com a mudança decisiva da função da instituição escolar na reprodução da diferença entre gêneros, o crescimento do acesso das mulheres no ensino superior e sua independência econômica e transformação das estruturas familiares. Porém, essas mulheres encontram ofertas de trabalho principalmente nas profissões intermediárias de nível médio e continuam sendo excluídas de cargos de autoridade e responsabilidades (BOURDIEU, 2012).

Apesar de ter um aumento das mulheres em diversas atividades, é importante ressaltar a existência das desigualdades, tanto entre gênero, quanto entre raça e classe, uma vez que se parta do ponto que as relações sociais de gênero, raça e classes são “interdependentes e indissociáveis” (HIRATA, 2018).

A desigualdade se mostra em situações em que as mulheres não têm as mesmas chances de acesso às mesmas profissões que os homens, limitadas a determinadas atividades e com poucas perspectivas de promoção, além da desigualdade salarial (HIRATA, 2018).

Esse crescimento visível oculta o fato em relação à igualdade de oportunidades de acesso e os índices de representação não podem esconder que as desigualdades continuam nos diferentes níveis escolares e nas carreiras. As mulheres estão mais presentes nos cursos que são considerados “femininos”, como secretariado, licenciaturas e área de saúde, e os homens ficam com áreas relacionadas à mecânica, eletricidade e eletrônica. É notório que a mesma lógica de divisão é colocada dentro das disciplinas, atribuído aos homens o mais nobre, sintético, mais teórico, e às mulheres o mais analítico, o mais prático e menos prestigioso (BOURDIEU, 2012).

Bourdieu (2012) sublinha que tanto o Estado, estruturado por essa divisão sexual, quanto a Escola, responsável pela reprodução dos princípios de visão e de divisão fundamental – organizados também em termos das oposições binárias e homólogas –, são instituições que não somente realizam e produzem a ordem masculina, mas a ordem social na totalidade. Nesse sentido, contribuições para o desaparecimento progressivo da dominação masculina só seriam possibilitadas por uma ação política de longo prazo que considere todas as consequências de tal dominação – sendo reforçada tanto institucionalmente quanto pelas estruturas incorporadas entre as mulheres e entre os homens.

Tem-se um aumento das mulheres na direção de carreiras consideradas mais “renomadas”. Elas estão chegando mais nas carreiras consideradas masculinas, são maioria no ensino superior, podendo ser algo que irá afetar o mercado de trabalho no futuro. Mas essa mudança pode se confrontar com um “limite”, sendo a insuficiência da mudança na organização da divisão sexual do trabalho. Um exemplo, o pequeno avanço dos homens nas carreiras que são consideradas femininas, relacionadas ao cuidado. Enquanto o cuidado for direcionado como uma função quase que exclusivamente das mulheres, raramente a maior escolaridade dessas mulheres fará com que elas cheguem em posições de maior prestígio e da equidade de gênero (RICOLDI, 2016).

Em uma pesquisa realizada por Andréa Barreto (2014), que contribui com o Centro Latino-americano em Sexualidade e Direitos Humanos (Clam) do Instituto de Medicina Social (IMS) da UERJ, os resultados chamaram a atenção para a questão da desigualdade de gênero não ser entendida como um problema da “sociedade”, sendo compreendida como um

“outro” que está ao redor, porém, distante de quem se fala. A desigualdade de gênero está enraizada na academia. Ao analisar a docência no ensino superior, por exemplo, os dados mostram a diferença da presença das mulheres de 10 pontos percentuais em relação aos homens. E ao se analisar as instituições públicas e privadas, os homens estão mais presentes nas organizações governamentais (LÁZARO; MONTECHIARE, 2014).

Em outra pesquisa, desta vez realizada na Unicamp, foi possível perceber que, em relação à divisão de docentes de cada sexo pelas diversas áreas de concentração, a desigualdade é evidenciada na literatura. As docentes do sexo feminino estão concentradas em determinadas áreas, enquanto os homens estão presentes em um número maior de áreas (MOSCHKOVICH; ALMEIDA, 2015).

Já em relação aos níveis mais altos da carreira e aos cargos de gestão foi possível observar que existe uma variação entre as diferentes unidades. Com os resultados evidencia-se que existe uma diferença entre os cargos administrativos altos, em relação ao acesso de docentes do sexo feminino. As chances das mulheres estarem nesses cargos é 12% menor do que a dos homens. Porém, elas estão concentradas nas coordenadorias de graduação, neste cargo a presença de mulheres é 35% maior do que a dos homens. Mas em relação às coordenadorias de pós-graduação e nas direções de faculdades e institutos os homens estão em maior número, 43% a mais do que as mulheres (MOSCHKOVICH; ALMEIDA, 2015).

Este tipo de desigualdade na alta gestão da universidade também se mostra de outras formas. Ao analisar os mandatos de diretores (as) dos 20 institutos e faculdades existentes de 1999 e 2014, foi um total de 80 mandatos com duração de 4 anos. Desses, apenas 21 (26,2%) foram realizadas por docentes do sexo feminino. Além disso, das 12 pessoas que estiveram no cargo de reitor desde a criação da Unicamp, nenhuma delas foi uma mulher. A primeira docente a ser uma pró-reitora da universidade foi apenas em 2006 e em 2013 havia apenas três docentes como pró-reitoras. Já o Conselho Universitário, em 2011, tinha 20 docentes titulares e apenas cinco (25%) eram mulheres. Entre os períodos de 2002-2011, entre os 151 docentes que atuaram como conselheiros, apenas 34 (22,5%) eram mulheres (MOSCHKOVICH; ALMEIDA, 2015).

Esses dados mostram que os docentes do sexo masculino tem significativamente mais chances do que as docentes do sexo feminino de ocupar diretorias de faculdades e institutos, e cargos no conselho universitário, as chances de serem reitoras ou pró-reitoras é ainda menor. Podendo ser evidenciado que as professoras têm mais dificuldade de estarem em cargos que

possuem maior poder universitário. Os resultados da pesquisa mostraram que as docentes do sexo feminino estão mais concentradas em determinados cursos e os homens estão mais espalhados pelos diferentes cursos. Indicando que as mulheres encontram maior dificuldade de ingressar em certas áreas, além disso, as professoras gastam mais tempo do que os professores para estarem ao topo da carreira, na grande maioria dos casos (MOSCHKOVICH; ALMEIDA, 2015).

A constituição de 1988 garante a igualdade econômica, política e social e o direito de não discriminação em relação ao sexo e raça. Porém, como a mulher participa da vida em sociedade, ainda não existe uma equidade de poder e da participação dos bens comuns. Temos uma sociedade marcada pela desigualdade, existe uma divisão sexual das tarefas, certas posições, carreiras, são reconhecidas características conferidas aos homens e à masculinidade, e para outras, características conferidas às mulheres e ao feminino (BARRETO, 2014).

A divisão sexual do trabalho é uma divisão do trabalho social através das relações sociais entre os gêneros, é um fator prioritário para que se mantenha a relação social entre os gêneros, sendo algo histórico e social. Como característica tem-se a determinação de forma prioritária aos homens da esfera produtiva e as mulheres à esfera reprodutiva, sendo assim, estabelecendo aos homens as atividades que possuem maior valor social, como a política, religião e cargos de alto escalão (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Essa divisão social do trabalho parte de dois princípios organizativos, sendo o primeiro o de separação, estabelecendo que existem trabalhos que são de homens e trabalhos de mulheres e o princípio hierárquico onde o trabalho do homem possui mais valor do que o trabalho da mulher. Estes princípios são validados em todas as sociedades aplicados via um processo de legitimação e de uma ideologia naturalista. Dessa forma, tem-se o rebaixamento do gênero ao sexo biológico, reduzindo as práticas sociais a “papéis sociais sexuais” remetendo as questões naturais da espécie.(HIRATA; KERGOAT, 2007).

Para um bom desempenho no mercado de trabalho, por exemplo, é habitual o reconhecimento da racionalidade, competitividade e alcance do sucesso, que pelo senso comum são associados ao universo masculino. Já os cuidados da casa e da família, enaltecimento do amor, submissão, empatia, são associadas como características fundamentalmente femininas (BARRETO, 2014).

A participação das mulheres no mercado de trabalho tende a ser mais precarizada, uma vez que estar no mercado de trabalho não dá a possibilidade delas não precisarem fazer as

tarefas domésticas. Mesmo com as mudanças e com o maior acesso das mulheres às escolas, universidades e ao mercado de trabalho, ainda se mantém praticamente sem mudanças o fato das responsabilidades das mulheres pelo trabalho doméstico (IPEA, 2010).

O cuidado dos filhos e filhas, idosos, das pessoas com deficiência e dos familiares doentes, além de todas as tarefas domésticas como limpeza da casa, alimentação, se faz um trabalho cotidiano e quase obrigatório, sendo algo cultural e historicamente destinado às mulheres (IPEA, 2010).

Em 2008, 86,3% das meninas brasileiras com 10 anos ou mais disseram fazer tarefas domésticas. Apenas 45,3% dos homens disseram também fazê-las. Além disso, as mulheres gastavam em média 23,9 horas por semana em trabalhos domésticos, os homens gastavam 9,7 horas. Já no caso de mulheres de famílias que possuíam rendas inferiores a $\frac{1}{2}$ salário mínimo per capita e mulheres casadas, o tempo destinado aos trabalhos domésticos chegava a quase 30 horas semanais. Havendo indicativos que o trabalho também é diferente entre homens e mulheres. Os homens voltam-se a trabalhos externos como cuidar do jardim e do carro e pequenos consertos, enquanto as mulheres se dedicam às tarefas internas e do dia a dia como cuidar dos filhos, da limpeza da casa, lavagem de roupa (IPEA, 2010).

Até as mulheres que já possuíam algum tipo de ocupação disseram gastar 20,89 horas semanais com tarefas domésticas. Já os homens que possuíam algum tipo de ocupação gastavam 9,2 horas. Essa sobrecarga de trabalho, concedida às mulheres pelo trabalho doméstico, influencia na entrada no mercado de trabalho. Fazendo com que ao procurar emprego, se depare com trabalhos mais precários, uma vez que possui necessidades como trabalhar mais perto de casa, ter uma jornada menor de trabalho, ou apenas aceitar o trabalho caso consiga conciliar as questões pessoais de cuidado dos filhos e familiares. Isto também afeta nas possibilidades de crescimento no emprego, uma vez que possuem menos tempo disponível do que os homens, além de todos os estereótipos conferidos a elas pelas responsabilidades dos cuidados. Resultando no fato das mulheres optarem por ter menos filhos ou até não ter (IPEA, 2010).

Além disso, as dificuldades não são apenas de entrar no mercado de trabalho, mas também de conseguir permanecer nele e conseguir boas posições. Quando elas conseguem, muitas vezes são em cargos precarizados, recebendo salários menores do que os dos homens. Em 2008, 9,6% das mulheres economicamente ativas estavam desempregadas, enquanto para os homens a taxa era de 5,2%. Além disso, o tempo de desemprego das mulheres tende a ser

maior (IPEA, 2010). Em 2021, as mulheres são a maioria dos desempregados, dos 12 milhões de desempregados, 6,5 milhões são mulheres, já em relação à taxa de desocupação os homens estão em 9% e as mulheres 13,9% (IBGE, 2021).

Este fator pode ser explicado pela relação da menor disponibilidade de tempo das mulheres para o mercado de trabalho, tendo em vista suas tarefas domésticas. Em 2008, 42,1% das mulheres ocupadas com 15 anos ou mais estavam em trabalhos precários, eram empregadas sem carteira (13,7%), trabalhadoras domésticas (15,8%), trabalhadoras sem remuneração (6,3%) e trabalhadoras na produção do próprio consumo ou na construção para uso próprio (6,3%). Em todos esses trabalhos elas estão mais presentes do que os homens, menos no emprego sem carteira. Do outro lado, temos as mulheres que possuem trabalhos com maiores prestígios sociais e remunerações, as trabalhadoras de nível superior. Porém, elas também encontram dificuldades no mercado de trabalho, tendo em vista a discriminação de gênero (IPEA, 2010).

Podendo aqui trazer o conceito de carreira caleidoscópica, conceito definido por Mainiero (2005), que diz sobre a forma que as mulheres vivenciam as carreiras, onde as decisões sobre a carreira perpassa por diversas outras questões como o processo da família, cuidados da casa. Dessa forma, as mulheres passam por dificuldades em chegar nos cargos mais altos, uma vez que os homens em sua grande maioria não dividem as tarefas de casa e os cuidados da família. É como se tivesse sido criado um modelo de carreira onde as mulheres não podem competir com os homens (OLTRAMARI, 2011).

O uso do tempo em trabalho é algo muito relevante para estudar a desigualdade de gênero. Homens e Mulheres não trabalham igualmente nos mesmos tipos de atividades, e nem no mesmo tempo de duração. Sendo assim, as responsabilidades e os poderes de homens e mulheres se diferem, pelo fato de como o tempo de cada um é gasto (MEDEIROS; PINHEIRO, 2018).

A divisão sexual do trabalho não é só sobre o espelhamento das tarefas pagas e não pagas entre mulheres e homens, mesmo trabalhando com jornadas totais de trabalho semelhantes, as mulheres trabalham mais em comparação com os homens (MEDEIROS; PINHEIRO, 2018).

Em 2018, as mulheres gastavam 54,4% de horas semanalmente em trabalhos. E este número aumenta quando se observa o trabalho não pago que é de 83%, já os homens no trabalho pago gastam 61,2%. Ao analisar o trabalho não pago, as diferenças são ainda

maiores. Além de ser maior para as mulheres o gasto de tempo em trabalho não pago, 1/5 das mulheres o tempo gasto em trabalho doméstico se aproxima e em alguns casos até ultrapassam a jornada total de um trabalho pago de 44 horas semanais. Dessa forma, por isso no Brasil a divisão sexual do trabalho não é sobre o espelhamento das jornadas de trabalho pago e não pago entre homens e mulheres, porque as mulheres no geral trabalham mais (MEDEIROS; PINHEIRO, 2018).

A desigualdade no mercado de trabalho entre homens e mulheres advém de vários processos. Um deles é o chamado “teto de vidro” que é uma segregação hierárquica dos cargos de trabalho, o que faz com que as mulheres estejam em menor número em cargos de comando nas organizações. Práticas organizacionais que reproduzem os estereótipos que colocam as mulheres as responsabilidades dos cuidados ou que não entendem as diferentes necessidades entre homens e mulheres só endossam a desigualdade (IPEA, 2010).

Apesar de todos os avanços e do aumento da presença feminina no mercado de trabalho, ainda tem algo que continua praticamente inalterado. O fato das mulheres estarem relacionadas ao feminino e a feminilidade e as tarefas domésticas. Muitas foram as conquistas já realizadas, porém, ainda se tem pouca transformação. Isto pode ser evidenciado quando se observa o trabalho doméstico remunerado. Ele possui tamanha importância que a mulher ao conseguir entrar no mercado de trabalho e ter renda suficiente, ela delega este trabalho doméstico a outra mulher. Assim, temos as mulheres que possuem maior escolaridade adentram o mercado de trabalho, porque conseguem passar as tarefas domésticas e familiares para outras mulheres, remunerando ou por favores. Dessa forma, temos um “encadeamento” das mulheres na sociedade brasileira onde elas se ligam através das atividades domésticas (IPEA, 2010).

Das 16,5 milhões de mulheres ocupadas em trabalhos precários, em 2008, 6,2 milhões eram empregadas domésticas. Sendo esta a ocupação que mais emprega as mulheres no Brasil e que vem crescendo, em 1998 eram 4,7 milhões de mulheres empregadas domésticas. O trabalho doméstico remunerado representa uma forma de entrada das mulheres no mercado de trabalho. Porém, é um trabalho cheio de preconceitos e precarização, com baixos salários e sem formalização (IPEA, 2010).

O trabalho doméstico remunerado no Brasil se formou historicamente e se mantém como uma atividade feminina e negra. Revelando assim, uma relação com o histórico patriarcalista e escravocrata, que perpetua as desigualdades de gênero e raça no país. A sua

desvalorização se mostra na falta de proteção social que afeta as mulheres trabalhadoras domésticas, tendo em vista a desigualdade de tratamento no acesso e na garantia de direitos trabalhistas (IPEA, 2010).

Os vários estereótipos de gênero influenciam no significado que é conferido às ocupações e carreiras, uma vez que se tem como concepção que existem carreiras que são mais femininas e outras masculinas. Como resultado disso, o gênero acaba tendo como influência do valor social dado às profissões no mercado de trabalho, e também age da mesma forma nas universidades, onde a presença das mulheres têm aumento, porém, não é distribuída pelas mais diferentes profissões (BARRETO, 2014).

Na escola, as mulheres costumam seguir cursos preparatórios, enquanto os homens os cursos profissionais. Já no ensino superior esta divisão ainda acontece, sendo Letras, Ciências Humanas e Sociais cursos com maior presença feminina e cursos como Ciências Exatas e Tecnológicas possuem maior presença masculina. Três disposições evidenciam esse processo de disposição entre homens e mulheres nas áreas de ensino, essa diferenciação entre gêneros acontece muito cedo, ela é constante entre os diversos níveis escolares, e não tem fatores que mostram que esse fenômeno tenha acabado, mesmo que possa ter diminuído (ROSEMBERG, 2001).

Uma pesquisa realizada com as escolhas profissionais de 156 meninos e 151 meninas estudantes da 4ª série do ensino fundamental em Belo Horizonte mostrou que as meninas possuem tendências por escolherem profissões mais liberais e de “cuidado”, e os meninos escolheram profissões de atleta e artista, e em segundo lugar profissões como engenheiro e advogado. Esta pesquisa mostra a divisão entre profissões muito precocemente e também a diferença de expectativas diferentes entre meninos e meninas (ROSEMBERG, 2001).

Em uma pesquisa realizada por Beltrão (2004) foi possível ver em quais cursos estavam as mulheres e os homens entre (1960 -2000). Em 1960, os cursos superiores possuíam predominância masculina, eram os cursos de Militar (superior), Engenharia, Agronomia e Eclesiástico. Já as mulheres estavam mais presentes nos cursos de: serviços Sanitaristas, Artes Domésticas, Geografia e História, História Natural, Belas-artes, Educação Física e Letras. Em 1970, alguns cursos deixam de existir e outros começam a ser ofertados, assim as mulheres passaram a ser maioria nos cursos de: enfermagem, Serviço Social, Pedagogia, Ciências Sociais, Psicologia e Filosofia. Porém, os homens continuam sendo

maioria nos cursos, se mantendo nos cursos já citados e também em Medicina Veterinária e Teologia (BELTRÃO, 2004).

Em 1980, os cursos ofertados aumentam novamente, porém, a maioria dos cursos apresentava maior presença de homens, mesmo que tenha tido um relativo avanço onde as mulheres passam a frequentar mais cursos. Entre 1980 e 1991 a oferta de cursos se mantém praticamente da mesma forma. Em 2000, tem-se um aumento dos cursos ofertados em 10% e o aumento da participação feminina, sendo 46% maior a participação feminina do que em 1991, e carreiras como Arquitetura e Urbanismo e Odontologia passam a ser ocupadas em sua maioria por mulheres (BELTRÃO, 2004).

A questão sócio-cultural poderia ser um fator relacionado com as mulheres não estarem tão presentes nas áreas de Ciências Exatas, da Terra, Engenharias e Computação, e os homens não estarem tão presentes nas áreas de saúde? Não se pode negar que o fato que desde os primórdios da humanidade, quando o ser humano dependia da caça e da pesca para sobreviver, havia a divisão de tarefas por gêneros, onde o homem buscava os alimentos e a mulher ficava em casa cuidando dos filhos (LAZZARINI, 2018).

Uma hipótese é que essa divisão de tarefas através do gênero teria relação com as questões das características físicas de cada sexo, onde o homem teria a força muscular que ajudava para caçar e a mulher ficou designada a cuidar dos filhos, uma vez que nos primeiros meses de vida é a única que pode o amamentá-los. Estas aptidões naturais fundamentam as divisões de tarefas. Porém, estas condições foram socialmente incorporadas e expandindo para outras atividades que não têm relação com as características físicas, como as atividades intelectuais (LAZZARINI, 2018).

Este padrão sócio-cultural de divisão de tarefas por gênero aumentou através das crenças sobre a natureza feminina, por exemplo, os pensamentos difundidos por Aristóteles, filósofo da Grécia Antiga, de que a mulher tem propensão a se emocionar com maior facilidade e possui limitações de caráter como: ciúme, crítica, desânimo, ilusão, ausência de esperança e autorrespeito. Porém, ao fazer o exercício e reler esta lista substituindo a mulher por homem, é possível ver que independente da versão, pode se pensar em homens e mulheres que sentem as mesmas emoções. Dessa forma, estabelecer determinadas características exclusivamente as mulheres tratam-se de um reflexo de pensamentos pré-concebidos que não possuem de fato um fundamento lógico (LAZZARINI, 2018).

Durante a infância, os meninos são incentivados a explorar, brincando com jogos desafiadores e brinquedos criativos, desmontando e construindo coisas, tendo pouco ou nenhum incentivo em contribuir com as tarefas domésticas. Já as meninas são incentivadas a brincar de cuidar das bonecas, brincadeiras que imitam as tarefas domésticas com brinquedos como eletrodomésticos em miniatura. E, além disso, são ensinadas a contribuir com as tarefas domésticas e cuidar das crianças menores. Isto significa que as mulheres são ensinadas socialmente, desde menores, a servir e cuidar. Por outro lado, os homens são ensinados a pensar de forma lógica, lidar com problemas e, em especial, explorar o mundo externo ao da família (LAZZARINI, 2018).

O sistema educacional brasileiro possui composições parecidas. Porém, não igual a dos países desenvolvidos. Observamos as mulheres mais presentes nos cursos de ensino, licenciaturas e, também, homens e mulheres de raças e classes sociais diferentes tendo a interrupção dos estudos. Mudar as questões de polarização das áreas de ensino é algo que vai para além das políticas educacionais, uma vez que como elas são feitas aparentam ter modelos de socialização que são midiáticos, religiosos e familiares, além da desigualdade de gênero no mercado de trabalho (ROSEMBERG, 2001).

Para que se tenha uma democratização efetiva do ensino superior é preciso ter políticas públicas que contemplem todos os estudantes, ampliando o acesso e fortalecendo o ensino público, passando pelo aumento do quadro docente e técnico, melhoria da infraestrutura, planejamento adequado, novas ações pedagógicas. Além disso, é preciso que se tenha consolidado programas que garantam a permanência dos alunos no ensino superior, em especial, aqueles de classes socioeconômicas mais baixas (DE ASSIS *et al.*, 2013).

Dessa forma, tentar romper com a formação padrão existente no ensino em uma sociedade tão desigual entre homens e mulheres, não é o suficiente, se não tentar romper com todo esse processo na sociedade e no mercado de trabalho. Além disso, democratizar o acesso à educação e com qualidade é um desafio para as políticas educacionais, que perpassa por valorizar o magistério, sendo um trabalho quase exclusivamente feito por mulheres (ROSEMBERG, 2001).

Sendo assim, como cada gênero tem incentivos diferentes, o potencial, metas para a vida adulta também são diferentes. Assim, é associado a fragilidade e inferioridade da mulher diante da sociedade e de si própria. Dessa forma, a educação que perpassa pela desigualdade de gênero se mantém de geração a geração e assim o machismo em nossa cultura também se

mantém. Para poder mudar este processo, é preciso educar, desde o nascimento, meninos e meninas de forma semelhante, motivando todos os tipos de estímulos e permitindo que os interesses e potencialidades surjam naturalmente (LAZZARINI, 2018).

2.2.1 Raça e classe

Quando falamos de mulheres, sabemos que elas são diversas, sendo importante fazer um recorte de raça e classe, uma vez que são questões que vão influenciar diretamente na vida dessas pessoas. Essa análise mais abrangente é melhor instrumentalizada pela interseccionalidade. A interseccionalidade pesquisa como as relações interseccionais de poder tem influências nas relações sociais em uma sociedade que é diversa. Como um instrumento analítico é considerado que a raça, classe, gênero, orientação sexual, etnia, nacionalidade, idade, entre outras estão inter-relacionadas e irão se moldar de forma mútua. A interseccionalidade é o meio de entender e explicar as complexidades do mundo, dos sujeitos e das experiências (COLLINS; BILGE, 2021).

É possível ver de forma clara que a vida da mulher irá variar segundo a sua classe social. Se uma operária passa duas horas por dia no trânsito, mais oito horas na fábrica, e quatro nos serviços domésticos, as mulheres das classes mais favorecidas possuem uma pessoa que faz os trabalhos domésticos em sua casa. No seio das classes médias, sendo que, nestas, é grande a diferenciação, tendo em vista a grande variação de renda, é possível ver mulheres que são donas de casa e que se dedicam de forma exclusiva aos cuidados da casa, do marido e dos filhos, e outras que trabalham fora. Em relação àquelas que trabalham fora, também existem grandes diferenças. Por exemplo, entre uma secretária que possui um salário que não lhe dá condições de contratar alguém para ajudar nos trabalhos domésticos de sua casa; aquelas que mesmo não possuindo uma boa renda conseguem contratar empregadas em tempo parcial ou faxineiras; aquelas que possuem um salário alto e conseguem contratar alguém em tempo integral (SAFFIOTI, 1987).

É necessário refletir sobre os diferentes significados da história. Em relação às classes sociais, podem se diferenciar, em dois sentidos, as classes dominantes e as classes subalternas. As mulheres passam por um processo de discriminação. Mas, além delas, temos outras categorias sociais que são discriminadas, como os negros, indígenas e homossexuais (SAFFIOTI, 1987).

O movimento *Wages for Housework Campaign* identificou a “trabalhadora doméstica” como indivíduo principal da premissa da exploração do seu trabalho não remunerado e das relações desiguais de poder criadas pela não remuneração, sendo o pilar da ordem capitalista de produção. A luta das trabalhadoras domésticas imigrantes, para que se reconheça institucionalmente o “trabalho do cuidado”, é um exemplo do porque a desvalorização do trabalho reprodutivo é uma das bases da acumulação de capital e da exploração do capitalismo do trabalho das mulheres (FEDERICI, 2019).

É importante pontuar que é necessário entender que classe informa a raça. Mas a raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a forma como a classe é vivida, gênero é como a raça é vivida. É preciso pensar para que assim se perceba as intersecções entre raça, classe e gênero, entendendo que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras cruzadas. Não se pode assumir a importância de uma categoria sobre as outras (DAVIS, 1977).

Refletir como as opressões se cruzam e combinam, fazendo com que se tenha outras formas de opressão, é necessário para se refletir sobre as diversas possibilidades de vivência. Além disso, as discussões teóricas desenvolvidas pelo feminismo negro serve como mecanismo para se pensar não só sobre as mulheres negras, mas também sobre qual é o projeto de sociedade almejado. As mulheres negras, historicamente, pensam as questões das mulheres de uma forma universal e crítica, mostrando a necessidade de pensar outras possibilidades de ser mulher (RIBEIRO, 2016).

Pensar a interseccionalidade é entender que não se pode ter principalidade de uma opressão sobre as outras, e que sendo elas estruturantes, deve-se romper com a estrutura. Raça, classe e gênero não podem ser pensadas de forma isolada, mas sim de forma indissociável (RIBEIRO, 2016).

A invisibilidade da mulher negra dentro do debate feminista faz com que essa mulher não tenha seus problemas nem mesmo nomeados. Sendo assim, não é pensado sobre saídas emancipatórias para os problemas que nem foram falados. Essa ausência também é ideológica. Este silêncio sobre a realidade das mulheres negras faz com que elas não sejam colocadas como sujeitos políticos (RIBEIRO, 2016).

Um exemplo, é que nos últimos 10 anos o assassinato de mulheres brancas diminuiu em quase 10%, mas, por outro lado, aumentou quase 55% das mulheres negras, segundo o Mapa da Violência de 2015. Tendo uma falta de uma visão étnico-racial para as políticas de

enfrentamento à violência contra a mulher. A junção das opressões faz com que a mulher negra tenha apenas na interseccionalidade uma prática verdadeira que não nega sua identidade em desfavor de outras (RIBEIRO, 2016).

No Brasil e na América Latina, a violação colonial, feita pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas, resultou na miscigenação que é uma identidade nacional, que faz com que se tenha o mito da democracia racial latino-americana. A “violência sexual colonial” foi algo estruturante de todas as hierarquias de gênero e raça existentes na sociedade (CARNEIRO, 2003).

A história do período colonial continua presente na nossa sociedade, está presente no imaginário social, adquirindo novas formas e funções de uma ordem social considerada democrática, mas perpetua as relações de gênero segundo a cor ou raça vindas da época da escravidão. As mulheres negras têm uma história diferente do que é falado de forma clássica sobre a opressão das mulheres, não sendo considerado a diferença qualitativa com o resultado da opressão sofrida das mulheres negras (CARNEIRO, 2003).

Ao se falar do mito da fragilidade feminina, justificada historicamente pela proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, quais são essas mulheres? As mulheres negras, fazem parte de um grupo de mulheres, seguramente majoritário, não reconhecem esse mito em si mesmas, uma vez que nunca foram tratadas como frágeis. São mulheres que trabalharam por muitos séculos como escravas nas lavouras, nas ruas. Mulheres que ficaram sem entender quando falaram que as mulheres precisavam ter o direito de ir às ruas trabalhar, uma vez que já desempenham a função do trabalho há séculos. São mulheres que possuem identidade de objeto, que antigamente estavam “a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados” (CARNEIRO, 2003).

Quando se fala de assegurar as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, quem são as mulheres que estão tendo os empregos garantidos? As mulheres negras se deparam com anúncios de trabalho que tem como frase: “Exige-se boa aparência” (CARNEIRO, 2003). Tem-se um aumento da participação das mulheres negras no mercado de trabalho. Porém, elas ainda sofrem com forte peso do racismo e diversas desigualdades, como ao se analisar as taxas de rendimentos por cor e sexo, elas ficam abaixo de todos os grupos, inclusive dos homens negros (PINTO, 2016).

A unidade de luta das mulheres na sociedade não necessita apenas conseguir superar as desigualdades criadas pela história hegemônica masculina, é necessário a superação das

ideologias complementares do sistema de opressão, como o racismo. O racismo determina a inferioridade social dos negros da população em geral e das mulheres negras em especial. Por isso se enxerga essa divisão na luta das mulheres negras pelos privilégios instaurados para as mulheres brancas. A luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e raça tem trazido novos caminhos para a atuação da política feminista e anti-racista, contribuindo para o debate racial e para a questão de gênero na sociedade (CARNEIRO, 2003).

Em uma pesquisa realizada por Beltrão (2004) foi possível ver que quanto mais feminina é uma carreira, maior é a proporção de pretos, pardos e indígenas, sendo o inverso com brancos e amarelos. Pode-se identificar que as questões de sexo/cor/raça estão muito relacionadas. Dessa forma, as carreiras que têm mais homens brancos também têm proporcionalmente mais homens pardos, pretos, amarelos e indígenas. Porém, nas carreiras tidas como mais femininas, encontram-se mais pretos, pardos e indígenas. Isto acontece pelo fato que o avanço entre as mulheres pretas e pardas foi maior que os homens do mesmo grupo racial (BELTRÃO, 2004).

Conforme os dados censitários brasileiros, as carreiras tidas como mais masculinas têm menor presença de pretos e pardos e as carreiras tidas como mais femininas têm maior participação dessas pessoas. Pode concluir-se que existe sim uma relação entre a trajetória de acesso das mulheres e dos grupos de cor/raça menos privilegiados. Essas análises vêm também do processo que nas últimas décadas o avanço tem sido mais expressivo entre as mulheres pretas e pardas do que os homens do mesmo grupo racial (BELTRÃO, 2004).

Em relação à classe, ao estudar as classes populares, é necessário primeiro entender que as pessoas precisam que sua vida seja dotada de “sentido”, de onde vem a autoestima e o reconhecimento social para ser quem são e o que fazem. Sendo assim, o que se retira dos dominados socialmente não são apenas os “meios materiais”. O domínio constante de uma classe sobre a outra, faz com que as classes, dominadas, se enxerguem como “inferiores”, preguiçosas, não inteligentes, capazes, éticas. As classes populares não são apenas “despossuídas” dos capitais que fazem com que se tenha uma pré-decisão hierárquica social. Para as classes populares existe um estigma, um “fantasma” de sua incapacidade de “ser gente”, de não digno. Se a pessoa dominada socialmente não se convence ser inferior, não existe dominação social possível (SOUZA, 2014).

Deste modo, as classes do “privilégio” não detém apenas dos capitais apropriados para ascender na disputa social pelos recursos limitados. Elas têm a “crença em si mesmo”, que

vem de uma autoconfiança de classe, indispensáveis para enfrentar os desafios colocados pela vida, fracassos, sem que se caia, por exemplo, no alcoolismo ou no desespero, assim usufruindo do “reconhecimento social” de outras pessoas de forma tão natural, como “quem respira” (SOUZA, 2014).

Já as classes populares, não possuem nenhum dos “privilégios de nascimento” que as classes média e alta detém. A socialização na família muitas vezes passa por problemas, a escola não é tão boa e muitas vezes ajuda na criação do sentimento de “insegurança” da sua própria capacidade, os exemplos de pessoas na família que obtiverem “sucesso” são raros, ou inexistentes, e quase todos precisam trabalhar muito cedo e não possuem tempo para os estudos, além de questões como, alcoolismo, abuso sexual, sendo “sobrerrepresentados” nas classes populares (SOUZA, 2014).

A “cegueira” brasileira sobre a luta de classes faz com que não entendamos as dores e sofrimentos das classes populares, nem os limites para combate à desigualdade através de formas rigorosamente economicistas. Antes de tudo, é permitido que menos que 1% da população faça de “tolos” os outros 99% (SOUZA, 2014).

É de extrema importância considerar gênero ligado à raça e classe, uma vez que, por exemplo, ao se falar do trabalho doméstico realizado pelas mulheres, isso não significa que todas as mulheres realizam esse trabalho da mesma forma, uma vez que mulheres brancas e negras, pobres e ricas terão realidades diferentes para a realização desse trabalho. Ao se falar do mercado de trabalho, o acesso também é diferente conforme a raça e a classe das mulheres (BIROLI, 2016).

As desigualdades colocadas são definidas na forma de “opressões cruzadas”, ou seja, na ligação entre gênero, classe e raça. Se não considerarmos as relações de gênero, é impossível que se possa explicar porque a precariedade e vulnerabilidade é maior entre as mulheres do que entre os homens. Se não considerarmos as relações de classe e raça, é impossível entender porque as mulheres estão em posições desiguais entre elas (BIROLI, 2016).

2.3 Violência de gênero

A literatura sobre violência contra as mulheres tem seu início nos anos 80, formado pelos estudos feministas no Brasil. Estudos que só foram possíveis através de mudanças sociais e políticas que aconteceram no país no processo de redemocratização. Nessa época a pauta do movimento era dar visibilidade à violência contra as mulheres e buscar formas de acabar com ela, por meio de intervenções sociais, jurídicas e psicológicas. Sendo uma das maiores conquistas dessa época a criação, ao nível nacional, na estrutura da Polícia Civil nos estados, da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM), sendo uma das principais políticas públicas de combate à violência contra a mulher (SANTOS; IZUMINO, 2005).

Os primeiros estudos sobre esta temática tinha como objeto de estudo as denúncias de violência contra as mulheres nos distritos policiais e as ações feministas não-governamentais de atendimento as mulheres que passaram por violência. Com a criação da delegacia da mulher, começa a se investigar e buscar mais sobre os crimes, buscando saber o que era mais denunciado, quem eram as vítimas e seus agressores. Estes estudos também possuem referências teóricas que eram utilizadas para entender e definir o fenômeno social da violência contra as mulheres e qual era a posição das mulheres em relação à violência (SANTOS; IZUMINO, 2005).

No passado, a mulher era vista como propriedade do pai e, depois, do marido, e não possuía direitos. Atualmente, ainda temos vestígios desse passado ao olharmos para a situação da mulher no mercado de trabalho, com baixos salários. Através da construção social dos papéis de gênero, pode-se pensar sobre as características associadas aos homens e mulheres. Sendo necessário pensar que gênero e poder estão sujeitos a questionamentos e mudanças, uma vez que são relações historicamente criadas (FERNANDES; DA NATIVIDADE, 2020).

As mulheres brasileiras têm menor remuneração, passam por situações de assédio, são mais propensas ao desemprego e estão pouco representadas na política. O feminicídio é tão constante que o Brasil é o quinto país com maior índice de assassinatos de mulheres, pelo simples fato de serem mulheres, de acordo com Organização Mundial da Saúde (OMS) (GUEBARA; RAVACHE, 2021).

Os comportamentos e conduta de homens e mulheres são diferentes e criam quase um código de conduta. Onde para os homens é estabelecido o papel de maior poder paternalista,

onde eles têm a responsabilidade de sustentar e proteger suas famílias e as mulheres, ficando em um papel de submissão. Dessa forma, a educação dos gêneros desde a infância é tratada de forma diferente (GUEBARA; RAVACHE, 2021).

É possível enxergar marcadores de gênero em várias situações do dia a dia, podendo ser visualizado na diferença de tratamento entre homens e mulheres, além disso, a separação de cores, brincadeiras, roupas e até momentos que utilizam de humor e publicidade de cunho machista, onde acabam invisibilizando a violência de gênero, estupro, abuso psicológico, agressão, ente outros (FERNANDES; DA NATIVIDADE, 2020).

A cultura patriarcal pode se expressar por meio de comportamentos de dominação e submissão ao homem, reproduzido através da desigualdade de gênero e atitudes machistas. É possível observar que desde cedo as meninas são incentivadas a terem responsabilidades, enquanto os meninos são ensinados a lidar com responsabilidades mais tardiamente. Dessa forma, o patriarcado ajuda na criação dos papéis de gênero e sexismo (FERNANDES; DA NATIVIDADE, 2020).

As músicas, piadas, comportamentos machistas que acontecem na sociedade, mantém o machismo e também a violência de gênero, uma vez que retratam as mulheres como objetos sexuais, reforçando o pensamento que os homens são melhores que as mulheres, e intensificando a ideia de inferioridade, submissão, exploração e desvalorização de gênero (FERNANDES; DA NATIVIDADE, 2020).

A estrutura social patriarcal, a misoginia e o machismo limitam os direitos da mulher a cidade, fazendo com que os homens tenham delimitado o seu espaço em locais públicos. A locomoção feminina do espaço privado para o público, sempre passou por conflitos e se mostra como um problema histórico que necessita de ser enfrentado. Além disso, o processo de ir e vir das mulheres, o acesso aos espaços públicos são questões que precisam perpassar pelos debates de gênero, raça, cor, etnia e classe social. Uma vez que as mulheres de classe social mais alta utilizam muito pouco dos espaços públicos da cidade ou nem utilizam, tendo assim menores chances de ficarem vulneráveis a situações de assédio, cantadas nas ruas. Mas a mulher negra, indígena, trabalhadora precisa estar nesses espaços todos os dias para cumprir suas tarefas e está muito mais sujeita a passar por situações de assédio sem ter a quem recorrer (BENEDICTO, 2017).

A violência contra a mulher não é algo recente, desde a antiguidade as mulheres não são vistas pela sociedade como iguais, fazendo com que sejam muitas vezes vítimas de

assédio e agressões. Podendo esta violência ser física, psicológica, e até chegando no extremo que é o feminicídio. A falta de punição aos agressores, o silêncio das vítimas e a ideia de inferioridade das mulheres, faz com que a vítima se sinta culpada e assim, são fatores que colaboram para o acontecimento da violência contra a mulher (GUEBARA; RAVACHE, 2021).

O fundamento do machismo reside na ideia de que o homem é superior à mulher, porque tem mais poder. Estas ideias estão presentes principalmente nas famílias, onde é formado as questões críticas e regras sociais. Desde a infância as crianças passam por isso, uma vez que se tem padrões colocados como “menino veste azul e menina veste rosa”, como foi falado pela ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damare Alves (2019). Por muitas pessoas concordarem com esses pensamentos, é daí que vem uma das principais motivações do estupro, uma vez que o machismo está presente nos homens e mulheres na sociedade (GUEBARA; RAVACHE, 2021).

No momento que a mulher não aceita os costumes e valores impostos pela sociedade machista, o estupro, e outros tipos de violência contra a mulher começam a ser visto como se foi uma provocação da vítima e que teve um merecimento. Assim, o patriarcado, a misoginia e a cultura do estupro vão se legitimando e colocando o homem como superior nas relações, sendo esses alguns dos fatores que contribuem para manterem a naturalização e invisibilidade da violência contra as mulheres (FERNANDES; DA NATIVIDADE, 2020).

O assédio sexual está presente no universo organizacional, formado através de uma história e cultura brasileira, patriarcal, escravocrata, racista, preconceituosa, discriminatória e machista (SANTOS; SIQUEIRA-MARC; MEDEIROS, 2020).

A violência física e/ou assédio sexual tem relação com a continuidade da desigualdade de poder, que faz com que os homens acreditem que possuem autorização para a violação dos corpos e dos direitos das mulheres, tendo em vista a masculinidade que os coloca como superiores às mulheres. É o que acontece com casos de estupros, assobios, provocações, feitas às mulheres nas ruas, e que reproduzem a ideia de que o homem tem o direito de poder julgar, ou até mesmo controlar a sexualidade das mulheres. Dessa forma, deve se desconstruir essa ideia de masculinidade, questionando o “modo de ser homem” que reproduz e legitima a opressão sexista, é necessário refletir sobre formas de superar essas questões, causadas por homens agressores ou estupradores (FERNANDES; DA NATIVIDADE, 2020).

É possível concluir que a naturalização da violência contra a mulher perpassa por questões históricas, como o patriarcado, machismo, misoginia, sexismo, cultura do estupro e que isso faz com que se tenha a continuidade da violência, além de das naturalizações das situações de desigualdade de poder. Em muitos casos, se banaliza a violência contra a mulher, fazendo com que se reforce o pensamento que a violência é tolerada e naturalizada. As relações sociais de gênero são criadas historicamente e definem os papéis e modelos que irão ser seguidos, trazendo limitações e opressões de diversas vidas há séculos (FERNANDES; DA NATIVIDADE, 2020).

É preciso que se pense e reflita em relação ao fim de desnaturalizar comportamentos que mantêm a violência, por meio da família, escola, igreja e o Estado, uma vez que essa violência muitas vezes são camufladas por “cuidado, proteção e amor” fazendo com que a violência passe despercebida, é vista como algo natural. É necessário que se tenha uma realização de conscientização de adultos e educar as crianças de maneira que os meninos sejam ensinados a respeitar as meninas desde a infância. E que a sexualidade e questões de gênero sejam ensinadas de forma saudável, buscando romper os padrões de comportamento violento, e empoderando as meninas em relação aos seus próprios corpos e sobre seu lugar na sociedade. O combate a violência contra a mulher não é uma luta apenas das mulheres, mas de toda a sociedade, que precisa pensar sobre seu comportamento e atitudes (FERNANDES; DA NATIVIDADE, 2020).

O estado precisa atuar para além da criação de legislações que combatam a violência e os abusos contra a mulher, e punindo os agressores, além de conscientizar e buscar a igualdade entre os gêneros através de políticas públicas de ações afirmativas. É necessário que o Estado garanta formas necessárias para que a mulher seja cidadã e agente do progresso. Além disso, é preciso que tenham ações que evidenciem a dignidade da mulher e de oportunidades de participação em que sejam incluídas na sociedade (GUEBARA; RAVACHE, 2021).

Além disso, é necessário que para ter mais mulheres na política seja diminuído a desigualdade, trazendo maiores oportunidades, através do incentivo à entrada as universidades, programas para mulheres negras de classes sociais mais baixas possam terminar o ensino superior, além de ter um mercado de trabalho que valorize mais as mulheres e aumente as oportunidades de cargos de chefia e liderança. É preciso ter incentivos na educação, desde o início da trajetória acadêmica até, para que todos sejam conscientizados

sobre a igualdade de gênero, trabalhando o ensino do respeito entre homens e mulheres (GUEBARA; RAVACHE, 2021).

Em uma pesquisa em uma instituição pública do Piauí foi possível constatar que a cada dez mulheres, três se sentem inseguras no campus da universidade, em especial as alunas e funcionárias. Os fatores citados como motivo dessa insegurança são: vulnerabilidade da segurança (39%); questões relacionadas com a estrutura do campus como locais isolados e pouco iluminação (23%); a sensação de insegurança generalizada (16%); assédio sexual (10%); violência já vista no campus (6%); outros 6% que não falaram o motivo da sua insegurança (DE SOUZA; DA SILVA FRANÇA; PEREIRA, 2020).

Já ao serem perguntadas sobre o assédio sexual, 93% das entrevistadas relataram nunca ter passado por isso dentro do campus da universidade. Das (7%) que testemunharam algum tipo de assédio, 50% falaram sobre comentários e cantadas que foram ofensivas e de cunho sexual; 37,5% falaram sobre ações com cunho sexual não desejada e inconveniência de colegas de sala ou trabalho e 12,5% citaram a invenção de boatos sobre a sexualidade (DE SOUZA; DA SILVA FRANÇA; PEREIRA, 2020).

Ao serem perguntadas sobre ter passado por situações específicas que caracterizam como assédio sexual, 23% das respondentes já ouviram comentários ou piadas sobre seu corpo; 1% recebeu propostas a troco de “favores sexuais”; 14,2% se sentiu incomodadas com atitudes de homens dentro da universidade, 59,8% foram por olhares de homens em direção a elas. 32% já saíram de onde estavam por conta da presença de homem. Além de 6 entrevistadas que tiveram dificuldade em identificar e nomear o que seria um assédio sexual. Ao tratar assédio como uma brincadeira, ao naturalizar certos comportamentos na sociedade de cunho machista resulta na dificuldade de certas entrevistadas não saberem o que é assédio sexual. Por muitas vezes, por ser feito como se fosse uma “brincadeira” faz com que as mulheres passem por dificuldades em reconhecer como uma violência (DE SOUZA; DA SILVA FRANÇA; PEREIRA, 2020).

Na segunda pesquisa realizada foi identificado que o contato físico sem consentimento entre professores e alunas, como pegar no cabelo, toques em diferentes partes do corpo, beijos e abraços. Quando o assédio se tratava de questões que se tratavam de contato físico, as entrevistadas tiveram maior facilidade em identificar como violência. As entrevistadas relataram que não revidaram ou responderam a esses assédios e que muitas vezes até

deixaram projetos e atividades para não se encontrar com o assediador (DE SOUZA; DA SILVA FRANÇA; PEREIRA, 2020).

Nesta segunda pesquisa, os assédios e abusos sexuais relatados, em grande maioria, aconteceram nos dois anos iniciais dos cursos, mostrando que existe um padrão de ação dos docentes em se aproximar de mulheres que estão no início de sua trajetória acadêmica, quando existe maior vulnerabilidade social, e pouco se conhece da universidade. Assim, ao entrar na universidade e passar por situações de assédio, causa uma quebra de expectativa e surpresa, uma vez que não esperavam que tais atitudes viessem de professores (DE SOUZA; DA SILVA FRANÇA; PEREIRA, 2020).

Nesta pesquisa, realizada em uma instituição superior no Piauí, foi possível ter como conclusão que o assédio sexual infelizmente está dentro do dia a dia da vida das mulheres universitárias. Além disso, tendo em vista as relações de poder entre gêneros, é possível ver uma dificuldade em identificar e nomear a violência que muitas vezes é vista como brincadeira ou piada. Mas ainda assim, as mulheres passam por situações desconfortáveis e também possuem medo de relatar essas situações. O assédio sexual acontece no dia a dia, nas salas de aula, nos corredores e traz consequências no desempenho e nas oportunidades acadêmicas das alunas (DE SOUZA; DA SILVA FRANÇA; PEREIRA, 2020).

O aumento dos alunos no ensino superior no Brasil, em especial das mulheres, trouxe desafios para as instituições de ensino, questões como a evasão escolar, mudança curricular, a mudança do panorama da educação onde o aluno é visto como cliente, além das questões sociais. Alguns desafios são as questões como assédio, violência e o adoecimento no ambiente acadêmico (DE CASTRO HELMOLD; ITUASSU, 2019).

Em uma pesquisa realizada por De Castro Helmold e Ituassu (2019) dos 1,699 respondentes da pesquisa, 90,94% relataram já ter vivido ou presenciado casos de assédios em alguma instituição de ensino superior. 53,68% disseram ter passado por situações de assédios dentro das IES. Em relação à percepção do assédio, foi possível ver que as pessoas não têm ideia do que seria o assédio e suas diferentes formas. 86,54% dos respondentes que passaram por situações de assédio foram mulheres. Dessas, 53,36% relataram que foi em algum momento da sua trajetória acadêmica. Em relação aos assediadores, 93,61% eram do sexo masculino, ficando evidente as questões sobre o machismo no ambiente acadêmico, sendo necessário pensar as instituições de ensino superior como microcosmos que refletem a cultura

da sociedade, assim reproduzindo preconceitos, ao invés de difundir um ambiente que apoie e respeite as diversidades (DE CASTRO HELMOLD; ITUASSU, 2019).

Foi possível perceber na pesquisa citada que, quanto maior a escolaridade, mais se tinha a ideia do que é um assédio, no caso as mulheres, com ensino básico (50%) e no mestrado aumentava para (96,81%). Já em relação aos homens a situação difere, homens com ensino médio (88,89%) e na pós-graduação (66,67%). Em relação aos assediadores, foram mencionados estranhos, profissionais de segurança do campus. Porém, o que chama atenção é que 55,04% dos casos o agressor era um professor e 42,75% era um aluno. E a maioria das vítimas (69,56%) eram alunas (DE CASTRO HELMOLD; ITUASSU, 2019).

Ainda nesta pesquisa foi possível perceber que a maioria dos casos de assédio aconteceram dentro do campus, na sala de aula e presencialmente, porém, apenas $\frac{1}{3}$ das vítimas foram atrás de denunciar os casos. Alguns respondentes relataram ter medo de sofrer consequências ao denunciar, e sente que não teria consequências fazer a denúncia, além do sentimento de vergonha. Sendo estes os principais motivos de não haverem tantas denúncias de assédios nas organizações. É necessário fomentar o debate sobre assédios nas instituições de ensino superior, buscando aumentar a confiança das vítimas nas instâncias de defesa e combate a violência. Além de garantir a integridade da denúncia, preservando a vítima e tendo uma política que possua punições mais rígidas aos agressores. Uma vez que a impunidade e o medo contribuem para que essas situações se repitam (DE CASTRO HELMOLD; ITUASSU, 2019).

Os respondentes desta pesquisa disseram não conhecer os mecanismos das instituições que possam apoiá-los e dessa forma não possuem confiança. Poucos conheciam as formas e locais para denúncia institucional. Os mais citados foram ouvidorias e palestras educacionais, porém, as iniciativas não institucionais foram citadas como coletivos, grupo de alunos e movimentos estudantis. É de extrema importância que as instituições de ensino superior tenham mecanismos organizados e estruturados com objetivo de combater os assédios e sejam amplamente divulgados para a comunidade acadêmica buscando acabar com esses casos. Fica claro a importância das instituições se responsabilizarem por essas tarefas, institucionalizando a luta contra a violência, ao invés de deixar que outras pessoas tomem isto como sua responsabilidade (DE CASTRO HELMOLD; ITUASSU, 2019).

A grande maioria dos entrevistados falaram que nunca tiveram contato sobre o tema, o que dificulta a conscientização. E quando teve debates sobre este tema foi por iniciativas dos

professores em disciplinas, ou palestras e debates em coletivos e organizações discentes, mostrando a falta de iniciativa e protagonismo das instituições. É necessário que se crie e fortaleça programas institucionais de denúncia e acolhimento, e melhorar a comunicação e divulgação dos programas que já existem, além de ter sanções mais severas, além de oferecer ajuda psicológica e jurídica às vítimas (DE CASTRO HELMOLD; ITUASSU, 2019).

Ações de combate às diversas formas de violência existentes no dia a dia dos estudantes são necessárias para que se tenha um local de estudo saudável. Além de formar cidadãos que sejam empáticos e solidários com seus colegas e fomentando o respeito. É de responsabilidade das instituições de ensino superior oferecer um ambiente saudável e digno de estudo para todos (DE CASTRO HELMOLD; ITUASSU, 2019).

No curso de Engenharia Elétrica da UFRN foi desenvolvido uma iniciativa de criação de uma Coordenação de Mulheres, cujo objetivo é dar visibilidade às mulheres do curso de Engenharia Elétrica e proporcionar melhores condições na sua vida acadêmica. Esta coordenação possui ações de empoderamento das mulheres, debates sobre feminismo, troca de experiências dentro do curso, cada dia mais, mulheres participam dessas atividades (RIBEIRO; DA SILVA, 2018).

Além disso, muitas foram as denúncias de assédio nas engenharias da UFRN, assim a coordenação realizou uma pesquisa com as alunas dos cursos de engenharias sobre suas vivências no ambiente acadêmico. Com os resultados da pesquisa a Coordenação de Mulheres possui argumentos para legitimar a luta contra o assédio, machismo e misoginia no departamento de engenharia elétrica da UFRN e assim criar ainda mais ações para as alunas do curso (RIBEIRO; DA SILVA, 2018).

Nessa pesquisa realizada, 60% das respondentes relataram já ter sofrido machismo e mais da metade já foi desqualificada ou inferiorizada, questões que se enquadram em assédio moral. Mais de 65% das mulheres relataram não terem sofrido assédio na universidade. Porém, essa incoerência pode ser explicada através do argumento que muitas pessoas que passam por assédio não conseguem identificá-lo. O que reforça a importância de ações de combate ao machismo (RIBEIRO; DA SILVA, 2018).

No curso de Engenharia Elétrica da UFRN, após as ações feitas pela Coordenação de Mulheres, foi possível observar que as alunas começaram a reconhecer as situações machistas e deixaram de lidar como se fosse algo natural e os alunos reconheceram as atitudes que

tinham com suas colegas, entendendo que certas atitudes devem ser evitadas (RIBEIRO; DA SILVA, 2018).

Em uma pesquisa realizada na UnB foi possível observar que o assédio sexual muitas vezes não é identificado pela vítima, apenas quando é definido o assédio sexual como: piadas sexistas, desqualificações, toques sem consentir, abuso de poder com intenção sexual, olhares invasivos e cantadas que as alunas identificaram o assédio. Ao perguntarem as entrevistadas se já ouviram casos de assédio sexual feitos por professores dentro da UnB, 81% disseram que sim e 19% falaram que não, e ao serem questionadas se já havia sofrido ou sofre de assédio por professores na UnB, 80% disseram que sim e 20% falaram que não. A violência contra a mulher no Ensino Superior precisa de soluções de enfrentamento que sejam eficazes nas situações que envolvem aluno-aluna ou servidor-aluna (FERRAZ, 2017).

O assédio sexual está muito presente na sociedade e muitas vezes não é solucionado, às vezes pela falta de debate sobre o tema e conscientização faz com que dificulte para ser solucionado. É necessário ser muito debatido nas universidades, uma vez que o número de assédio sexual no ambiente acadêmico é alto. O assédio sexual é um problema na vida das mulheres nas mais diversas situações da vida universitária (DA SILVA; DA SILVA, 2018).

O assédio tem associação com as questões socioculturais em que estão relacionadas aos gêneros, aos estereótipos criados sobre as mulheres. É necessário combater a cultura do estupro, onde a mulher vítima de assédio é culpabilizada por isso, tentando justificar pela roupa, situação, local, mas nada disso justifica o assédio. Passar por situações de assédio gera muitas consequências nas mulheres como sofrimentos físicos e psicológicos. Os números de casos são alarmantes reforçando a importância de discutir sobre este tema na universidade e em toda sociedade, é necessário continuar na luta para que mesmo que gradualmente esta situação seja mudada e se possa combater o assédio sexual (DA SILVA; DA SILVA, 2018).

2.4 Mulheres no ensino superior

No decorrer dos anos, a política educacional brasileira passou por várias mudanças buscando atender os anseios políticos e sociais segundo a conjuntura de cada momento histórico. A legislação educacional brasileira não foi acessível à educação das mulheres em todos os momentos históricos. Sendo o modelo educacional brasileiro influenciado por vários

atores, principalmente pelo contexto histórico da sua colonização, tendo em vista que o Brasil foi colônia de Portugal (DOS SANTOS; DE ALMEIDA; NUNES, 2021).

No Brasil, em seu período colonial, tinha-se uma sociedade que era aristocrata, escravocrata e latifundiária, fundamentada por uma economia agrícola. Nessa época, os donos das terras possuíam muito poder e usavam do autoritarismo para lidar com situações dentro e fora de suas propriedades. Essas questões ajudaram para que se tivesse uma construção de uma sociedade extremamente patriarcal e que afetou e afeta muito a sociedade brasileira, tendo influência na dificuldade de acesso das mulheres à educação e ao ensino superior (DOS SANTOS; DE ALMEIDA; NUNES, 2021).

No início do Brasil Colônia, o papel das mulheres, em especial as mulheres brancas, era os cuidados do lar, do marido e dos filhos. Dessa forma, era considerado que não havia necessidade de que a mulher aprendesse outras coisas que não estivesse relacionado aos trabalhos domésticos e maternos (DOS SANTOS; DE ALMEIDA; NUNES, 2021).

O primeiro modelo educacional no Brasil que possuía um processo sistematizado foi estabelecido pelos jesuítas de 1549 até 1759. Porém, os jesuítas eram padres da igreja católica e não tinham como objetivo ensinar “tudo a todos”, mas sim propagandear os princípios da fé católica pelo mundo, acontecendo isso no Brasil (DOS SANTOS; DE ALMEIDA; NUNES, 2021).

No Brasil Colonial a institucionalização da educação não era de fato efetivada, mas foi se organizando conforme as ações portuguesas que faziam decisões sobre a sua colônia, ao decorrer do surgimento das necessidades. Devido ao tradicionalismo e da resistência do novo modelo de ensino que seria imposto pelo Marquês de Pombal, os jesuítas foram expulsos das terras lusitanas. Sendo um dos motivos, a formação cristã e que não tinham preocupações com os interesses de Portugal (DOS SANTOS; DE ALMEIDA; NUNES, 2021).

As reformas estabelecidas por Marquês de Pombal foram a primeira tentativa de educação feminina no Brasil. Ainda que as mulheres não pudessem estudar o mesmo conteúdo que os homens, foi permitido oficialmente que elas pudessem ir às salas de aulas, que eram separadas por gênero. Além disso, surgiu-se o magistério público que possibilita que elas pudessem dar aulas apenas para outras mulheres (DOS SANTOS; DE ALMEIDA; NUNES, 2021).

Em 1808, com a chegada da família real, teve a formação do núcleo do ensino superior no Brasil, que tinha como características a orientação para formação profissional e o controle

do Estado sobre o Sistema (SAMPAIO, 1991). O Brasil passou por um desenvolvimento cultural, mas o direito e acesso à educação ainda era para poucos. Em relação à educação das mulheres, pouca coisa havia mudado. Uma vez que a educação feminina estava restrita aos cuidados do lar e em outras direções que não envergonhasse os pais ou maridos ao aparecer em público (DOS SANTOS; DE ALMEIDA; NUNES, 2021).

Em 1822, o Brasil tem sua independência de Portugal e neste contexto seus dirigentes de governo estabelecem o ensino primário como uma responsabilidade do Estado e com a possibilidade de oferta para as mulheres, mas ainda com algumas restrições. Uma parte dos governantes tem a preocupação em resolver as questões do ensino superior. Em 1824 é promulgada a primeira constituição do Brasil. Onde era proposto que o ensino primário seja gratuito e para todos, mas o secundário ainda era um privilégio da elite. Além disso, instituiu os colégios e universidades como direitos civis e políticos. Porém, é importante ressaltar que as pessoas negras e indígenas eram excluídas do acesso. Apesar de alguns avanços que a constituição de 1824 trouxe, o ensino secundário ainda era um privilégio de poucos (DOS SANTOS; DE ALMEIDA; NUNES, 2021).

No final do século XVIII, o acesso ao ensino superior ainda era negado para as mulheres, uma vez que as provas para entrada eram praticamente restritas apenas aos homens (DOS SANTOS; DE ALMEIDA; NUNES, 2021).

As mulheres tinham dificuldade de acesso ao ensino fundamental, e em relação ao ensino superior à situação era ainda pior, uma vez que era dominado por homens. As mulheres foram excluídas dos primeiros cursos de Medicina (1808) e Engenharia (1810). O decreto imperial que concede acesso às mulheres a se matricularem em um curso universitário é de 1881. Porém, era difícil superar as dificuldades, uma vez que o ensino médio era essencialmente masculino e caro, e os cursos normais não qualificavam as mulheres para a entrada nas universidades. A primeira mulher a ter o título de médica no Brasil foi Rita Lobato Velho Lopes, em 1887. Durante o século XIX e na primeira metade do século XX a exclusão feminina dos cursos de ensino médio impediam a entrada das mulheres nas universidades (BELTRÃO; ALVES, 2009).

Historicamente, o acesso ao ensino no Brasil como direito foi marcado por um processo excludente e desigual para as mulheres. Foi apenas em 1875, com a criação da Escola Normal, feita com intuito das mulheres poderem se profissionalizar através da carreira

de magistério. Assim, inicia o processo de aceitar a docência como uma profissão socialmente aceita para as mulheres (PEREIRA; NUNES, 2018).

Mundialmente, foi no século XX que o ensino passou a ser obrigatório e gratuito em diversos países. No Brasil, foi neste período que se teve uma grande expansão do acesso ao ensino superior. Muitos foram os fatores que ajudaram para que o número de matrículas aumentasse (DOS SANTOS; DE ALMEIDA; NUNES, 2021).

A expansão do ensino superior brasileiro teve muita influência das pressões impostas advindas do avanço do capitalismo no país. Foi possível perceber o aumento de mulheres nos ensinos secundário, superior. Porém, ainda se manteve a desigualdade entre homens e mulheres, onde as mulheres eram consideradas inferiores aos homens, sendo assim não tendo as mesmas oportunidades, salários e reconhecimento social (PEREIRA; NUNES, 2018).

No Brasil o ensino superior só começou a ter caráter universitário nos anos 30, em contrapartida, alguns países da América espanhola que começaram a ter as primeiras universidades já no período colonial, como Peru e México, ou Chile após sua independência. De 1808 até 1934, mais de um século, o formato do ensino superior foi de formar profissionais nas áreas liberais tradicionais, como direito, medicina e engenharia (SAMPAIO, 1991).

Na primeira metade do século XX, foi promulgado o direito ao voto às mulheres, por meio da legislação de 24 de fevereiro de 1932, por um Decreto-lei promulgado pelo Presidente Getúlio Vargas. Da constituição de 1934 em diante, diversos foram os avanços na legislação. Esses avanços contribuíram para a Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961, que criava as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e fez com que criasse um currículo mínimo de caráter nacional para todos os cursos de graduação. Porém, apenas na segunda LDB de 1971 e na terceira de 1996, que foi possível ver um sistema de ensino semelhante com o atual (DOS SANTOS; DE ALMEIDA; NUNES, 2021).

Foi com a LDB, a partir da década de 1960, que as mulheres brasileiras começaram a ter maiores chances de entrar na universidade e na década de 1970 que se teve a reversão do hiato de gênero, iniciando a formação universitária (BELTRÃO; ALVES, 2009).

Outro marco importante foi a criação do Ministério da Educação e das universidades brasileiras, na década de 1930. Houve um aumento das oportunidades de inserção das mulheres no sistema educacional, mas ainda sendo algo restrito às elites do país. Com as mudanças mundiais, políticas, econômicas e sociais houve transformações estruturais na

sociedade brasileira. As mudanças foram se intensificando, a partir da década de 1940, com a expansão da economia, industrialização e urbanização do país, assim, aumentou a demanda por mão de obra nos mais diversos setores, fazendo com que as mulheres fossem procuradas para estarem em cargos cada vez mais específicos. Nas próximas décadas têm-se um aumento no nível de escolarização da população. Surgem novas relações sociais, novas concepções de mundo, novos debates, sendo um deles o debate sobre a emancipação feminina em 1960 (PEREIRA; NUNES, 2018).

Porém, este processo não representa uma ruptura com a visão conservadora sobre a mulher na sociedade, permanecendo as ideias de ser papel da mulher o cuidado ao lar e da família. Mas é importante ressaltar que o aumento do acesso das mulheres ao mercado de trabalho e ao sistema de ensino, foi um avanço histórico advindo das mudanças da segunda metade do século XX (PEREIRA; NUNES, 2018).

Existe uma relação entre a história das lutas das mulheres e os processos de mudança econômica e social (BELTRÃO; ALVES, 2009). O movimento feminista da segunda onda surge em muitos países, e no final de 1960, após as mudanças sociais do pós-guerra e dos novos lugares que as mulheres ocupavam fora do espaço privado e doméstico. Assim, o pensamento feminista avança, com as novas configurações sociais e com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho e no ensino superior (RICOLDI; ARTES, 2016).

Nesse período ocorreu um avanço na situação da mulher brasileira, que teve aumento na sua presença em todos os níveis de ensino e começou a ter maior participação no mercado de trabalho (BELTRÃO; ALVES, 2009).

Porém, as condições políticas restritivas e opressoras impostas pela ditadura militar coibiu a ação conjunta das mulheres e do movimento feminista. Apenas em 1970 que o movimento das mulheres começa a ser construído de uma forma de entidade coletiva, sendo possível incidir na política nacional (BELTRÃO; ALVES, 2009).

Foi também na década de 1970, que houve o ressurgimento do movimento feminista contemporâneo, onde nomes como Beauvoir, Millet, Friedman entre outras aparecem nas discussões, entrando esses debates nas universidades e estimulando cada vez mais o debate teórico sobre as mulheres. Que foi ganhando força na próxima década, e com a institucionalização do feminismo começa a se discutir pautas urgentes, agendas feministas e assim, as mulheres vão entrando cada vez mais nos espaços sócios, institucionais, e nas salas de aulas (PEREIRA; NUNES, 2018).

Em 1990, as reformas educacionais realizadas no Brasil foram essenciais para diminuir as desigualdades no nível educacional, com uma tendência de ampliação do acesso à educação para todos. Porém, foi apenas nos anos 2000, após a criação da Secretaria de Promoção de Políticas para as Mulheres (SPM) e a criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), que o debate sobre gênero foram inseridos na política educacional em âmbito federal (PEREIRA; NUNES, 2018).

O século XX terminou de uma forma diferente do que havia começado, tendo a reversão do hiato educacional como uma das maiores mudanças. A reversão do hiato de gênero na educação, foi uma revolução que transformou a história de quase 450 anos de exclusão feminina nas escolas, porém, muita ainda precisa ser feito para que haja de fato equidade de gênero no Brasil. As mulheres negras ainda têm menores índices de educação que as mulheres brancas (BELTRÃO; ALVES, 2009).

Muitos são os fatores que fazem com que se tenha essas mudanças, sociais, econômicas e culturais, não podendo esquecer do papel da luta da mulher para que se tenha uma diminuição da desigualdade de gênero na educação brasileira (BELTRÃO; ALVES, 2009).

Existe diferenças significativas entre os níveis de escolaridade dos homens e das mulheres brasileiras. Por quase 450 anos a diferença de gênero na educação brasileira deu mais oportunidades aos homens, apenas na segunda metade do século XX que a diferença de gênero se inverteu e as mulheres passaram os homens em relação ao número médio de anos de escolaridade (BELTRÃO; ALVES, 2009).

Na década de 1990, o processo de reestruturação do ensino superior acontece num cenário de crise fiscal do Estado que resultou em uma política que reduziu os investimentos no Estado em várias áreas, inclusive na educação superior pública. Sendo assim, no Governo de Fernando Henrique Cardoso, foi investido mais na educação privada, nas universidades particulares. Com a entrada na presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, isso começou a mudar, uma vez que o então presidente assumiu como ponto de sua agenda de governo a reforma da educação superior com foco em uma expansão do ensino superior e democratização do ensino (ARRUDA, 2011).

No início da primeira década dos anos 2000 foram implementados alguns programas em busca da democratização da Educação Superior no país. Apesar de apresentar ainda alguns desafios, esses programas trouxeram um avanço para a educação superior. Sendo a ampliação

do financiamento para os estudantes por meio do Programa Universidade para Todos (PROUNI) que foi promulgado pela Lei 11.096, de 13 de janeiro de 2005 e o Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior (Fies) promulgado em 1999. Além disso, as universidades federais passaram por uma ampliação em 2007 com a promulgação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) (BARROS, 2015).

Em 1995 foram registradas 1.759.703 matrículas em cursos presenciais de graduação, já nos anos 2000 esse número subiu para 2.694.245, sendo 1.515.352 mulheres e 1.178.893 homens, o que já mostrava a presença significativa das mulheres no Ensino Superior. No ano de 2001 o número de matrículas subiu para 3.030.754 sendo 1.705.995 mulheres e 1.324.759 homens (INEP, 1995, 2000, 2001).

Após as políticas de expansão do ensino superior em 2010 o número de matrículas subiu para 6.379.299 representando o dobro das matrículas em relação a 2001. Dessas 6.379.299 matrículas, 60,9% foram de mulheres e 39,1% de homens, dessa forma as matrículas tiveram maior participação feminina no período de 2001 a 2010. Esse número ainda aumenta quando se analisa os concluintes, em 2010 foram 60,9% de concluintes mulheres (INEP, 2012).

No ano de 2019 o número de matrículas foi 6.153.560 sendo 3.430.115 de mulheres e 2.723.445 de homens. Já no ano de 2020 o número de matrículas apresentou uma queda registrando 5.574.551 sendo 3.149.703 de mulheres e 2.424.848 de homens. Com esses dados é possível ver que desde os anos 2000 as mulheres começaram a entrar significativamente no Ensino Superior e sendo maioria, porém, ainda cabe a reflexão de quais cursos essas mulheres estão inseridas, sendo em grande maioria nos cursos dos cuidados como saúde e educação (INEP, 2020).

Este processo de expansão das universidades levanta uma preocupação em relação à mercantilização do ensino superior. Buscando atender os interesses neoliberais, que pensa a expansão de forma mercadológica em detrimento do ensino de qualidade e universal, criando um processo contínuo de privatização da educação, sendo possível ver diversas formas de precarização do ensino e diminuição de investimentos na educação (PEREIRA; NUNES, 2018).

No atual cenário de discursos reacionários cujo projeto é dificultar e limitar o acesso ao ensino superior, acabar com as políticas de inclusão, diminuir os números de vagas nas

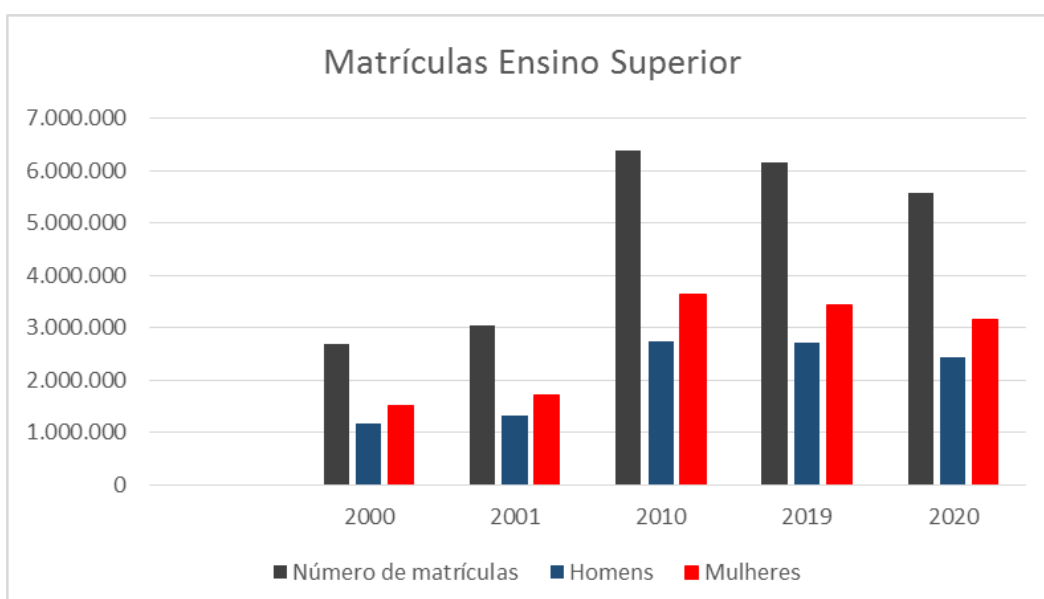
universidades públicas, acabar com programas e cursos, entre outros retrocessos. Retomando discussões do tempo em que ensino era restringido a apenas a elite brasileira e servia apenas ao seu interesse. A luta é pela ampliação do acesso às universidades públicas e gratuitas, pela manutenção dos investimentos para a educação, pela garantia de um ensino de qualidade que possibilite a permanência dos alunos na universidade (PEREIRA; NUNES, 2018).

Como é possível ver no gráfico 1, apesar da expansão do ensino superior, é possível ver a queda no número de matrículas após o ano de 2010, e se intensificando em 2019 e 2020, podendo ter influências do processo da pandemia, mas também todo esse processo de desmonte da educação vivido nos últimos anos tem influência para que se tenha uma evasão dos alunos no ensino superior.

Entende-se que apenas aumentar a oferta de vagas nas universidades públicas, não é garantia de permanência dos alunos pertencentes as camadas populares da sociedade. É necessário políticas de assistência estudantil que garantam a permanência desses alunos até a conclusão do seu curso e com qualidade de vida, sendo a política de assistência estudantil essencial para diminuir as desigualdades sociais e não reforçá-la (PEREIRA; NUNES, 2018).

No gráfico 1, é possível observar o número de matrículas nos últimos anos no Ensino Superior e o aumento das matrículas de mulheres. A partir das políticas de expansão do ensino, maiores foram as possibilidades para que todos tivessem acesso ao ensino superior. Porém, ainda cabe questionar esses dados em relação à maioria de mulheres, elas são maioria, mas em quais cursos?

GRÁFICO 1- Matrículas no Ensino Superior por sexo



Fonte: Inep (2000, 2001, 2010, 2019, 2020)

Elaboração da autora

Tendo em vista a problematização de quais cursos as mulheres estão presentes, cabe a análise de quais são as áreas de maior presença feminina. Em 2017, em relação ao ingresso nas universidades, 55,2% eram mulheres e 44,8% eram homens. Já em relação ao número de concluintes esse número aumenta, 61,1% de mulheres e 38,9% de homens. As mulheres eram maioria no número de matrículas nos cursos de Pedagogia (92,2%), Enfermagem (84%), Psicologia (80,5%), Fisioterapia (79%), Serviço Social (90,1%), Nutrição (85,2), Farmácia (71,9%), Odontologia (72,2%), já os homens eram maioria nos cursos de Engenharia Civil (69,5), Engenharia de Produção (65%), Engenharia Mecânica (89,7%) (INEP, 2019). Exemplificando mais uma vez a presença das mulheres nos cursos da saúde e da educação.

Ao se deparar com os dados de números de alunos concluintes em 2019, observa-se mais uma vez a presença das mulheres nas áreas: Educação (75,5%), Saúde e bem-estar (73,8%), Ciências sociais, comunicação e informação (72,3%) e os homens nas áreas Engenharia, produção e construção (62,7%) e Computação e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) (86,4%) (INEP, 2021)

Nos cursos de licenciatura, 72,8% das matrículas são de mulheres, e 27,2% são homens. Em relação ao número de conclusão dos 878.229 concluintes, 518.339 são mulheres e 359.890 são homens(INEP, 2020).

As tabelas a seguir (tabela 1 e 2) sintetizam os dados em relação às áreas de concentração que as mulheres e homens estão presentes no Ensino Superior.

TABELA 1-Mulheres no Ensino Superior segundo área de concentração

2010*	2015	2017	2019
Educação	Farmácia (73,2%)	Farmácia (71,9%)	Ciências sociais, comunicação e informação (72,3%)

Humanidades e artes	Gestão de Pessoal/Recursos Humanos (80,2 %)	Odontologia (72,2%)	Saúde e bem-estar (73,8%)
Ciências sociais, negócios e direito	Fisioterapia (80,4%)	Fisioterapia (79%)	Educação (75,5%)
Saúde e bem-estar social	Psicologia (81,1%)	Psicologia (80,5%)	
Serviços	Enfermagem (84,7%)	Enfermagem (84%)	
	Nutrição (87,9%)	Nutrição (85,2)	
	Serviço Social (90,7%)	Serviço Social (90,1%)	
	Pedagogia (92,8 %)	Pedagogia (92,2%)	

*No ano de 2010 não foram disponibilizadas as porcentagens (%) em relação às áreas de concentração, apenas quais eram as áreas que possuíam mais mulheres.

Fonte: Inep (2010, 2015, 2017, 2019)

Elaboração da autora

TABELA 2-Homens no Ensino Superior segundo área de concentração

2010*	2015	2017	2019
Ciências, matemática e computação	Engenharia de Produção (65,5%)	Engenharia de Produção (65%)	Engenharia, produção e construção (62,7%)
Engenharia, produção e construção	Engenharia Civil (69,9%)	Engenharia Civil (69,5)	Computação e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) (86,4%)
Agricultura e veterinária	Engenharia Elétrica (87,0%)	Engenharia Mecânica (89,7%)	
	Engenharia Mecânica (90,1%)		

*No ano de 2010 não foram disponibilizadas as porcentagens (%) em relação às áreas de concentração, apenas quais eram as áreas que possuíam mais homens.

Fonte: Inep (2010, 2015, 2017,2019)

Elaboração da autora

Dessa forma, é possível observar que no decorrer dos anos, apesar de ter acontecido uma ampliação do Ensino Superior e as mulheres terem maiores oportunidades para entrar nas universidades, elas continuam concentradas em determinadas áreas como as de saúde e educação. Mesmo com as políticas de expansão do Ensino, a entrada das mulheres em sua maioria estão condicionadas aos cursos dos “cuidados”, diferentemente dos homens que se encontram em grande maioria nos cursos de engenharia, exatas, tecnológicas, mostrando

também que os homens não estão tão presentes nos cursos de saúde e educação, reforçando mais uma vez os papéis simbólicos atribuídos a homens e mulheres dentro do Ensino Superior.

Com todos esses dados é possível afirmar que houve uma expansão do Ensino Superior que possibilitou a entrada de muitas pessoas, e isso deu possibilidades para que as mulheres entrassem de fato no Ensino Superior, sendo inclusive a maioria no Ensino Superior. Porém, quando se observa para os dados em relação às áreas que mulheres estão inseridas, é possível observar que em grande maioria estão nos cursos da área de saúde e educação, os chamados cursos dos cuidados. Já os homens estão mais presentes nos cursos de engenharia, exatas e tecnologias.

Esses dados mostram que ainda tem no Ensino Superior a divisão de papéis, onde é conferido às mulheres as áreas dos cuidados e os homens os cursos considerados de maior prestígio. Reforçando assim a dominação masculina que divide os papéis entre homens e mulheres. Essa situação também se repete na Universidade Federal de Juiz de Fora, o que mostra que esse fenômeno está de fato presente nas instituições.

Dessa forma, os dados mostram que apenas analisar os números de mulheres no Ensino Superior, onde elas são maioria, não significa que exista uma igualdade de condições. Uma vez que, ao observar as áreas de concentrações, ainda se encontra uma enorme discrepância na presença de homens em mulheres em relação às diversas áreas de conhecimento.

Essa desigualdade de gênero entre homens e mulheres no Ensino Superior reflete também na distribuição de professores universitários e pesquisadores dos diversos cursos, tendo em vista que grande parte dos docentes continuam nas suas áreas de concentração advindas da sua formação da graduação. Os estudos sobre gênero e ciência mostram que, mesmo com a melhora dos indicadores educacionais no ensino superior, ao analisar as carreiras acadêmica e científica, as mulheres estão em desvantagem, não estando presentes ou pouco representadas nas posições de maior prestígio (BARRETO, 2015).

As conquistas das mulheres no campo educacional não acompanharam o mesmo grau de conquistas no mercado de trabalho. Foi revertida a diferença de gênero na educação, mas não as diferenças de ocupação e salarial. Para que se tenha uma justiça social e equidade de gênero no Brasil é necessário que se tenha um avanço em todos os níveis de educação e que se reverta as desigualdades de gênero no mercado de trabalho (BELTRÃO; ALVES, 2009).

A respeito da desigualdade de gênero, a dificuldade de acesso e permanência no ensino superior é agravada, apesar da expansão do acesso ao ensino superior e a presença significativa das mulheres nas universidades no Brasil, este fato não descarta, as desigualdades existentes em relação ao gênero, raça/ etnia e condição social (PEREIRA; NUNES, 2018).

No contexto brasileiro, foi possível perceber que a entrada das mulheres no ensino foi, historicamente, marcada pela desigualdade de acesso e oportunidades, em um sistema educacional formado através de uma base excludente e em uma sociedade marcada pelas desigualdades sociais e econômicas (PEREIRA; NUNES, 2018).

É evidente que, entender as diferentes expressões da questão social faz com que se entenda as desigualdades no Brasil, com trabalhos cada vez mais precários, e com valor de troca fundamental através das interações do capitalismo monopolista, que exerce a exploração da mão de obra e principalmente da mulher, com jornadas de trabalho exaustivas e muitas vezes sem reconhecimento do seu trabalho (PEREIRA; NUNES, 2018).

Não se pode negar que houve diminuição da desigualdade de gênero ao acesso ao ensino superior, advindo de muita luta e reinvidações dos movimentos feministas. A presença expressiva de mulheres no ensino superior brasileiro é o resultado de muita luta que foi travada e enfrentada pelo direito ao acesso à educação, e por mais oportunidades e relações igualitárias (PEREIRA; NUNES, 2018).

A participação das mulheres no mercado de trabalho e no ensino superior, não significa que houve uma superação das desigualdades de gênero e não ocultam a complexidade da discussão sobre a desigualdade de gênero no Brasil. (PEREIRA; NUNES, 2018). A expansão do ensino superior proporcionou a maior entrada de mulheres no ensino superior, mas ainda é necessário entender a ocupação dos cursos de maior ou menor prestígio, para que a tão sonhada equidade entre sexos se faça presente na sociedade brasileira (ARTES, 2017)

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo conta com a estruturação da metodologia proposta para o desenvolvimento desta pesquisa. Dessa forma, são expostos à fundamentação epistemológica, a natureza da pesquisa, os procedimentos e técnicas de coleta de dados e análise e interpretação dos dados

3.1 Fundação epistemológica

Burrell e Morgan (1979) abordam ser central para a tese defendida por eles a noção de que todas as teorias de organização são influenciadas por uma ciência e uma teoria da sociedade. Os cientistas sociais trabalham os temas por pressuposições que podem ser implícitas ou explícitas, em relação à natureza do mundo social e como ele pode ser estudado. Primeiro, existem os pressupostos de natureza ontológica, que estão relacionados com o respeitar a essência do fenômeno que está analisando. Com a questão ontológica, tem-se um segundo elemento, os pressupostos de natureza epistemológica. Que dizem sobre as bases de conhecimento, como se entende o mundo e como passa o conhecimento para os outros através da comunicação.

Dessa forma, em relação à natureza epistemológica do trabalho, a abordagem que mais se aproxima da perspectiva adotada da pesquisa, é epistemologia estruturalista construtivista, proposta por Bourdieu (1989). Porém, é necessário ressaltar que não é utilizado essa abordagem como uma totalidade, uma vez que outras teorias podem auxiliar para essa compreensão, além de existir respostas que vão para além das teorias existentes. Além disso, é importante ressaltar que não foi utilizado a metodologia de Bourdieu na construção da pesquisa, apenas o entendimento do seu estruturalismo construtivista no sentido epistemológico da pesquisa.

Em relação ao estruturalismo construtivista de Bourdieu (1989), o autor defende que as estruturas objetivas do mundo social podem conduzir as ações dos agentes, mas, essas mesmas estruturas são construídas socialmente pelos próprios agentes. Dessa forma, para o autor, as relações sociais são dialéticas e existem estruturas que agem de forma objetiva para

legitimar, reproduzir e transformar a sociedade, ao mesmo tempo, em que são construídas pelos agentes dessa sociedade e historicamente transformada por eles.

O estruturalismo construtivista de Bourdieu busca uma superação da oposição entre objetivismo e subjetivismo. Por meio de uma relação dialética que tem convergência para uma prática que incide no produto da combinação que implica as disposições estruturadas (*habitus*) e as estruturas objetivas e determina a um campo, socialmente predeterminado que transcenda os agentes e suas interações. Emergindo como campo de forças e campo de lutas em função da sua conservação ou da transformação em um processo que irá depender das correlações que encerram as posições sociais, as disposições e as tomadas de posição (DA ROSA, 2018).

Além disso, o estruturalismo de Bourdieu tem uma função crítica, desvelando a articulação do social. O método utiliza a análise dos mecanismos de dominação, produção de pensamentos, da “gênese das condutas” (THIRY-CHERQUES, 2006).

De acordo com Bourdieu (1990a):

Por estruturalismo ou estruturalista, quero dizer que existem, no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos - linguagem, mito, etc., estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Por construcionismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupo, e particularmente do que se costuma chamar de classes sociais” (Bourdieu, 1990, p.149)

Bourdieu (1989) vê a pesquisa como uma ação racional, não sendo uma “busca mística”. Assim, o processo de aprendizado é realizado com o passar do tempo, não sendo um processo natural e inerente a todos. O pesquisador deve se dedicar humildemente a sua função, opondo-se a um “show”, “exposição” onde se busca exclusivamente ser notado (SCARTEZINI, 2011). Para Bourdieu (1989), a estrutura social é composta, dentre outros, por três conceitos principais: campo, *habitus* e capital.

Para Bourdieu, todo conhecimento é condicionado pelo *habitus*. Assim, ele propõe que o pesquisador precisa realizar um exercício de elucidação do que é proposto a se pesquisar, ficando ciente das suas vulnerabilidades, preconceitos e dos prejuízos que podem acontecer (KOZICKI; COELHO; ALMEIDA, 2013). O *habitus* é formado por um grupo de

esquemas geradores de ação adequados em relação a um determinado campo ou situação (GARCIA, 1996).

O campo é um "microcosmo do espaço social" que possui uma certa autonomia, possuindo regras e leis particulares, influenciadas e relacionadas a um espaço social amplo. É espaço de lutas entre os sujeitos que participam e procuram manter ou chegar em determinadas posições, alcançando essas posições através da disputa de capitais específicos, reconhecidos através das características de cada campo. Os capitais se apresentam em maior ou menor grau para os sujeitos que participam dos campos, onde as diferenças são as responsáveis pelas posições hierárquicas que os sujeitos possuem (PEREIRA, 2015).

Em cada campo social, há uma implicação na forma dominante de capital. No campo econômico, a forma dominante é possuir capital econômico e bens materiais, no campo cultural, possui capital cultural, no campo científico, deste capital científico, entre outros. Bourdieu (1990b) levanta que as relações dos produtores culturais e simbólicos fazem com que mantenham o campo do poder e em uma posição na estrutura das classes sociais. De maneira geral, os sujeitos que são produtores de bens culturais e simbólicos, como artistas, pesquisadores, fazem parte de uma parcela da classe dominante, uma vez que vem de classes que possuem um capital cultural específico que fazem com que tenham poder e privilégios (GARCIA, 1996).

Diante dos conceitos expostos de campo e capitais, esta pesquisa tem como campo a universidade, local onde acontece a "disputa de poder" pelas mulheres em cursos majoritariamente cursados por homens. Além disso, os conceitos de capital cultural, social e econômico estão dentro desse campo, uma vez que a permanência dessas mulheres nos cursos com dominação masculina será influenciada se as mesmas possuem ou não capitais econômicos, social, cultural.

Bourdieu atribui ao pesquisador um papel importante na sociedade, sendo ele o responsável por "quebrar" as pré-noções e o senso comum, elaborando novas formas de entender as instituições, relações sociais, sociedade e a si. Em sua teoria, existe a possibilidade de mudança das estruturas de poder por meio de pressões coletivas. Dessa forma, o entendimento das estruturas de poder e como eles atuam no sujeito cria possibilidades de mudanças nos limites do campo social (SCARTEZINI, 2011).

Bourdieu (1989) estabelece que é necessário existir uma percepção flexível que consiga ver o objeto por meio de suas relações com o todo. Além disso, o autor estabelece que

não deve existir divisão entre teoria e método e, sim, liberdade, mas para que isso aconteça é necessário que a metodologia seja adequada ao objeto e ao meio que é utilizada. O autor também coloca que para que se construa o objeto, deve-se fazer uma ruptura com o senso comum.

Para Bourdieu, no estudo científico da sociologia se tem a responsabilidade de coordenar os seus próprios usos científicos, tendo a responsabilidade de garantir que a comunidade acadêmica esteja envolvida de forma orgânica na sociedade e os problemas que existem nela (SCARTEZINI, 2011).

Dessa forma, as contribuições de Bourdieu com o estruturalismo construtivista têm muito a acrescentar para a pesquisa, tanto com as discussões sobre a dominação masculina como para a fundamentação epistemológica, fazendo com que a pesquisa rompa com o senso comum, tenha uma percepção mais flexível. Além de utilizar do entendimento que as estruturas objetivas do mundo social irão direcionar as ações dos indivíduos, sendo uma forma importante a se considerar na realização das entrevistas e análise.

3.2 Procedimentos operacionais

Tendo por base que o objetivo do trabalho compreender como é a vivência de mulheres em cursos de nível superior majoritariamente cursados por homens cujas as profissões são socialmente vistas, simbolicamente, como masculinas, a natureza da pesquisa se caracteriza como qualitativa, uma vez que pretende analisar um contexto que envolve diversos fatores humanos, subjetivos e não quantificáveis, e demandam uma abordagem predominantemente qualitativa para a situação. Segundo Minayo (1994) , “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado” (1994, p. 21).

Primeiro, foi feito um pedido ao Centro de Gestão do Conhecimento Organizacional - UFJF de um relatório dos alunos matriculados até 2022/1 em cursos presenciais no campus de Juiz de Fora separados por gênero. Sendo determinado esse período de até 2022/1 por acessibilidade, e por ser o último período vigente, sendo os dados mais atuais. Dessa forma, foi feita uma análise buscando observar quais são os cursos com maior presença masculina na instituição, fazendo um recorte com apenas os cursos presenciais e do campus de Juiz de Fora.

Para analisar os dados foi estabelecido que será considerado um curso majoritário masculino (70%) ou mais de homens presentes no curso.

Após analisar os dados foi possível identificar que os cursos que são majoritários masculinos são: Física (74,01%); Engenharia Elétrica- Habilitação em Robótica e Automação Industrial (74,07%); Engenharia Computacional (74,28%); Engenharia Elétrica- Habilitação em Sistemas Eletrônicos (75%); Engenharia Elétrica- Habilitação em Telecomunicações (75,93%); Ciências Exatas (78,83%); Engenharia Elétrica- Habilitação em Energia (79,46%); Música Composição (80,64%); Estatística (82,82%); Engenharia Mecânica (85,39%); Música Violão (85,71%); Ciências da Computação (86,52%); e Sistemas de Informação (86,79%).

Dessa forma, foram identificados 13 cursos que são majoritários masculinos na Universidade Federal de Juiz de Fora. Tendo em vista o grande número de cursos, e a limitação do tempo a ser realizada a pesquisa, foi feito um recorte com foco nas Engenharias. Sendo assim, os cursos que fizeram parte do escopo para a realização das entrevistas foram: Engenharia Elétrica, Engenharia Computacional e Engenharia Mecânica.

A pesquisa foi submetida ao conselho de ética CAAE 55877822.5.0000.514 número do Parecer: 5.446.984 via Plataforma Brasil sendo aprovada no dia 03 de junho de 2022.

Em relação à estratégia de pesquisa, foi escolhido o estudo de caso, que, segundo Yin (2001, p. 148), objetiva “analisar questões do tipo ‘como’ e ‘por que’ sobre a relação dos eventos temporal, e não apenas observar as tendências que surgem com o tempo isoladamente” Ainda de acordo com Yin (2001), o estudo de caso auxilia, de forma incomparável, o entendimento que temos dos acontecimentos individuais, organizacionais, sociais e políticos. Dessa forma, foi escolhido o estudo de caso como estratégia de pesquisa para que pudesse ser analisada a situação específica que é a permanência de mulheres em cursos com dominação masculina na Universidade Federal de Juiz de Fora.

No que se trata de dados, foi escolhido o método de acessibilidade e disponibilidade, uma vez que para entrar em contato com as alunas para as entrevistas foi necessário ser uma aluna dos cursos selecionados, em períodos distintos e que essas alunas aceitassem participar da pesquisa. Além disso, foi utilizado o método bola de neve para compor o grupo de entrevistadas. O método bola de neve é utilizado basicamente para fins exploratórios, frequentemente com três objetivos: disposição de melhor compreensão sobre um tema; analisar a viabilidade de realização de estudo com maior abrangência e desenvolver os métodos que serão utilizados nos estudos ou fases subsequentes (VINUTO, 2014). A

entrevista, é um dos métodos mais utilizados no trabalho de campo. Com ela, o pesquisador visa conseguir informações segundo as falas dos entrevistados. Não é uma conversa despreziosa e neutra, por se tratar de um meio de coleta dos fatos descritos pelos entrevistados (MIYANO, 2001). Com a entrevista, visou-se analisar a vivência de mulheres em cursos de nível superior majoritariamente cursados por homens e cujo as profissões são simbolicamente vistas socialmente como masculinas, assim buscando entender como é ser mulher nestes espaços.

Foram realizadas 18 entrevistas com alunas dos cursos de Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica e Engenharia Computacional. Das 18 entrevistadas, 16 foram realizadas presencialmente na Universidade Federal de Juiz de Fora e, por questão de disponibilidade e acessibilidade, foram realizadas 2 entrevistas online pela ferramenta Zoom.

Foi escolhido utilizar o termo “dominado” masculino, uma vez que a situação que as alunas vivem nesse ambiente é um ambiente muito mais que majoritário masculino, mas sim um ambiente dominado por homens.

Para proceder à análise dos dados coletados, foi utilizada a análise do discurso, em sua vertente crítica. A análise crítica do discurso, de acordo com Fairclough (2012), é uma análise das relações dialéticas entre “semioses” incluindo também a língua e outros componentes das práticas sociais. Tendo como preocupação em particular as mudanças de forma radical na vida social moderna. Onde a semiose possui papel importante nos processos de mudança e nas relações entre a semiose e os outros componentes sociais existentes dentro da rede de práticas. A análise crítica do discurso, varia entre o foco na estrutura, nas mudanças na estrutura da diversidade semiótica, e o foco na ação, no exercício semiótico produtivo que ocorre nos textos (FAIRCLOUGH, 2012).

A análise do discurso entende que o discurso não é restrito a uma determinada estrutura ordenada de palavras, ou uma descrição, meio de comunicação e muito menos apenas a expressão verbal. O discurso é como o indivíduo se expressa, falando sobre sua identidade, seu processo social e como enxerga o mundo (CHIZZOTTI, 2006).

Em relação a semiose, suas formas de atuação atuam como uma parcela da atividade social presente em uma prática. Por exemplo, é da função do trabalho do vendedor da loja, utilizar a linguagem de uma forma particular, o que também acontece, por exemplo, quando se governa um país, cada situação faz com que se tenha uma linguagem utilizada com aquele contexto. Além disso, a semiose atua nas representações (FAIRCLOUGH, 2012).

A semiose como parte de uma atividade social cria gêneros discursivos. Os gêneros são as maneiras de agir, de criar a vida social semioticamente. Alguns exemplos são, a conversa diária, as reuniões das mais variadas organizações, entrevistas políticas, críticas de livros (FAIRCLOUGH, 2012).

A semiose na representação e autorrepresentação de práticas sociais forma os discursos, sendo assim as variadas representações da vida social. Os atores sociais com realidades diferentes enxergam e retratam a vida social de forma diferente, com discursos diversos. Exemplificando, a vida de pessoas desfavorecidas de dinheiro é retratada nas práticas sociais do governo, da política, medicina, ciência social, e nos mais diversos discursos, que estão presentes nessas práticas, correspondendo às várias posições dos atores sociais (FAIRCLOUGH, 2012).

A semiose abarca todas as maneiras de construção dos sentidos, podendo ser imagem, linguagem corporal, e língua. A vida social é uma rede com várias conexões de práticas sociais dos mais diversos tipos como, econômico, político, cultural, dentre outros, onde todos têm um elemento semiótico. Toda prática tem, atividade produtiva, meios de produção, relações sociais, identidades sociais, valores culturais, consciência e semiose, sendo elementos, dialeticamente relacionados (FAIRCLOUGH, 2012).

Existe uma inter-relação das práticas sociais, que constitui de uma maneira exclusiva a ordem social, por exemplo, como a situação do neoliberalismo mundial, do novo capitalismo, e de forma mais específica, da ordem social da educação de uma sociedade típica em determinado tempo. Dessa forma, a dimensão semiótica, pode ser chamada de ordem de discurso. Sendo a forma de vários gêneros e discursos se relacionarem entre si (FAIRCLOUGH, 2012).

Uma ordem de discurso é uma estrutura social da diferença semiótica, de uma ordenação social específica das relações entre as diversas formas de produzir sentido, isto é, os mais diversos discursos e gêneros. Um elemento dessa ordem de dominância, são as formas de produzir sentido que são dominantes ou que estão em voga em determinadas ordens de discursos; outras são marginais, alternativas, subversivas. Por exemplo, pode existir uma forma dominante de realizar uma consulta médica na Inglaterra, porém, existem outras formas de realizar que podem ser feitas em menor ou maior proporção, se opondo à dominante. A forma dominante provavelmente terá uma distância social entre os médicos e pacientes e a

autoridade do médico na interação, já as outras formas de realizar podem ser mais democráticas, e com menor autoritarismo (FAIRCLOUGH, 2012).

A análise crítica do discurso, passa por uma oscilação entre o foco na estrutura e nas alterações na estruturação da diversidade semiótica, ordens do discurso, e o foco na ação, no trabalho semiótico realizado nos textos e nas interações. Nas duas concepções, o importante é as combinações nas alterações entre os gêneros, discursos, estilos, a mudança da estruturação social entre esses componentes, na estabilidade e permanência das ordens de discurso e na continuidade do trabalho, nas relações entre eles em textos e interações. Dessa forma, o termo interdiscursividade fica destinado para os textos e as interações, a interdiscursividade no texto é a indagação de quais são gêneros, estilos, discursos, que os formam e como, no texto, esses elementos irão ser construídos para realizar a junção particular (FAIRCLOUGH, 2012).

De acordo com Fairclough (2012), a estrutura analítica da análise crítica do discurso são:

1. Foco em um problema social que tenha um elemento semiótico;
2. Identificar quais são as barreiras para que esse problema seja resolvido pela análise da rede de práticas que está inserido; nas relações de semiose com os outros componentes dentro das práticas em análise; do discurso; a estrutura analítica, a ordem do discurso; análise interacional; análise interdiscursiva; análise linguística e semiótica;
3. Atentar se a ordem social, a rede de práticas, se em algum sentido se mostra como um problema ou não;
4. Identificar quais formas são possíveis para conseguir superar as barreiras;
5. Refletir de forma crítica sobre a análise dos tópicos de 1-4.

A característica fundamental desse modelo é a combinação dos elementos relacionais (2) com os elementos dialéticos (4). Combinando uma apreciação negativa, na identificação do problema, com uma apreciação positiva, na identificação das possibilidades que ainda não foram concebidas para acontecer a solução, tendo em vista a maneira como estão as coisas (FAIRCLOUGH, 2012).

No estágio 1 é possível ver como a abordagem da análise crítica do discurso tem como base os problemas. A análise crítica do discurso, é uma ciência social crítica, que busca mostrar os problemas que a sociedade enfrenta devido às particularidades da vida social,

trazendo meios para que se consiga chegar em uma solução. E de quem seriam esses problemas? Como é uma ciência social crítica, a análise crítica do discurso pretende emancipar e dar foco naquelas pessoas consideradas como “perdedores” dentro de determinadas formas da vida social, os pobres, e aqueles que são excluídos e passam por discriminações pela sua raça e sexo, orientação sexual (FAIRCLOUGH, 2012).

No estágio 2 da apreciação crítica é abordado o diagnóstico do problema de uma forma indireta, buscando indagar quais são as barreiras, obstáculos que precisam ser superados. O diagnóstico irá considerar a forma que as práticas sociais se inter relacionam, o modo de relação da semiose com os outros fatores das práticas sociais e com as características do discurso em si. Uma vez que se é o foco específico da análise do discurso (FAIRCLOUGH, 2012).

O estágio 3 da análise, considera se a ordem social precisa do problema, sendo uma maneira indireta de conectar as coisas da forma como realmente elas são com o que elas devem ser. Se alguém estabelece, por uma apreciação crítica, que a ordem social cria um encadeamento de problemas os quais são necessários para que se mantenha viva a ordem social, isso corrobora com as razões para uma mudança social radical. Assim, surge o problema da ideologia, o discurso é algo ideológico, uma vez que tem como contribuição a manutenção das relações específicas de poder e dominação (FAIRCLOUGH, 2012).

O estágio 4, modifica a apreciação crítica negativa em positiva, através do reconhecimento das possibilidades de mudanças ainda não realizadas ou feitas parcialmente, tendo em consideração as coisas da forma como elas estão. Essa etapa pode estar concentrada em mostrar as contradições, lacunas, déficits dentro dos elementos que são considerados dominantes na ordem social, ou ainda desvendar as diferenças e resistências (FAIRCLOUGH, 2012).

Chegando no estágio 5, é quando a análise se torna reflexiva, assim, examinando, por exemplo, sua efetividade como uma apreciação crítica, sua contribuição para a emancipação social, ajustando seus posicionamentos a práticas acadêmicas que estão relacionados ao mercado e ao Estado (FAIRCLOUGH, 2012).

Para realizar a análise do discurso na presente pesquisa, foram criadas categorias temáticas definidas a partir das entrevistas. Dessa forma, se estrutura a metodologia desta pesquisa, passando desde sua natureza até a análise de dados.

3.3 Definição do grupo de entrevistadas

O grupo de entrevistadas é composto por 18 alunas das engenharias elétrica, computacional e mecânica da Universidade Federal de Juiz de Fora. Em relação à raça 10 alunas se identificam como brancas e 8 alunas se identificam como pardas.

Tendo em vista a preservação de suas identidades, optou-se por utilizar nomes fictícios. Porém, não são nomes aleatórios. Foram escolhidos nomes de mulheres que foram importantes para a luta da educação e da igualdade de gênero. Abaixo apresento os nomes e um breve resumo da história dessas mulheres para que seus nomes e trajetórias sejam lembrados.

Dilma Rousseff	Primeira presidenta do Brasil, economista e desde jovem lutou pela educação brasileira participando da luta contra a ditadura no Brasil.
Marielle Franco	Socióloga, ativista e política brasileira que lutava pela educação brasileira e foi brutalmente assassinada em 2018.
Maria Guilhermina Loureiro de Andrade	Professora e intelectual brasileira, autora e tradutora de livros didáticos. Nasceu em Ouro Preto, em 1842. Fundou a primeira escola de professoras de jardim da infância do Brasil
Nísia Floresta Brasileira Augusta	Educadora, escritora e poetisa brasileira. Pioneira na educação feminista no Brasil, com enfoque na área de letras, jornalismo e nos movimentos sociais. A primeira escola a ensinar conteúdos científicos foi criada e dirigida por Nísia.

Antonieta de Barros	Professora, escritora e jornalista, primeira mulher negra Deputada Estadual no Parlamento Catarinense no século XX. Aos 17 anos criou um curso que se chamava “Antonieta de Barros” com intuito de combater o analfabetismo a adultos carentes.
Bertha Lutz	Ativista feminista, bióloga, educadora, diplomata e política brasileira. Foi uma das quatro mulheres que participaram da redação da Carta das Nações Unidas.
Beatriz Cerqueira	Professora, deputada estadual que luta pela defesa da educação pública brasileira.
Helenira Resende	Ex vice presidenta da União Nacional dos Estudantes, lutou contra a Ditadura no Brasil e foi morta pelo regime militar.
Iara Iavelberg	Psicóloga, professora universitária, lutou contra a Ditadura no Brasil e foi morta pelo regime militar.
Lúcia Murat	Cineasta e militante contra a Ditadura no Brasil.
Aurora Maria Nascimento Furtado	Estudante universitária, militante contra a Ditadura no Brasil, foi torturada e morta pelo regime militar.
Janáina da Silva Bezerra	Estudante de jornalismo, primeira da família a entrar na universidade, poetisa e tinha o sonho de trabalhar na televisão. Foi estuprada e morta em janeiro de 2023 dentro da Universidade Federal do Piauí, onde

	estudava.
Anália Emília Franco	Nasceu em 1853, professora, jornalista, poetisa, escritora, criou 71 escolas, além de dois albergues e asilos para crianças órfãs.
Débora Seabra de Moura	Primeira professora com síndrome de Down do Brasil, atualmente é professora auxiliar e trabalha com crianças de 6 a 7 anos.
Êda Luiz	Professora, diretora por 20 anos no Cieja Campo Limpo, escola de Educação Integrada de Jovens e Adultos. Teve iniciativas que mudaram a educação inovadora e inclusiva no Brasil. Sendo reconhecida pela Unesco em 2017 como Escola de Educação Transformadora para o Século XXI.
Enedina Alves Marques	Primeira engenheira no estado do Paraná e primeira engenheira negra do Brasil em 1945. Foi professora e pioneira na área da engenharia.
Maria Luiza Soares Fontes	Primeira mulher a se formar em engenharia elétrica e mecânica, em 1950, no Instituto de Engenharia de Itajubá, em Minas Gerais.
Rosa María Torres	Pedagoga, jornalista educacional, especialista em educação básica. Participou de diversos movimentos em defesa de uma educação de qualidade. Foi assessora

	educacional do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em Nova Iorque.
--	---

Após trazer o breve resumo dessas mulheres que serão homenageadas através da utilização de seus nomes, defino o grupo de entrevistadas.

Dilma Rousseff	24 anos, estudante do oitavo período de engenharia elétrica, habilitação em sistemas de potência.
Marielle Franco	24 anos, estudante do décimo período de engenharia mecânica.
Maria Guilhermina Loureiro de Andrade	24 anos, estudante oitavo período de engenharia computacional.
Nísia Floresta Brasileira Augusta	22 anos, estudante do décimo período de engenharia elétrica com habilitação em sistemas de potência.
Antonieta de Barros	26 anos, recém-formada em engenharia mecânica.
Bertha Lutz	23 anos, estudante do oitavo período de engenharia elétrica.
Beatriz Cerqueira	23 anos, estudante do nono período de engenharia elétrica
Helenira Resende	26 anos, estudante do último período de engenharia elétrica.

Iara Iavelberg	23 anos, estudante do sétimo período de engenharia computacional.
Lúcia Murat	21 anos, estudante do sétimo período de engenharia elétrica habilitação em sistemas eletrônicos.
Aurora Maria Nascimento Furtado	23 anos, estudante do oitavo período de engenharia elétrica.
Janaína da Silva Bezerra	22 anos, estudante do oitavo período de engenharia elétrica com habilitação em telecomunicações.
Anália Emília Franco	21 anos, estudante do oitavo período de engenharia mecânica.
Débora Seabra de Moura	23 anos, estudante do sétimo período de engenharia elétrica com habilitação em sistemas de potência.
Êda Luiz	20 anos, estudante do quarto período de engenharia elétrica com habilitação em robótica e automação.
Enedina Alves Marques	23 anos, estudante do sétimo período de engenharia elétrica, com habilitação em telecomunicações.
Maria Luiza Soares Fontes	31 anos, estudante do sexto período de engenharia computacional.
Rosa María Torres	20 anos, estudante do quarto período de engenharia mecânica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este tópico irá apresentar os resultados e discussões da pesquisa após a realização das entrevistas e a análise dos resultados.

4.1 Percepção da pesquisadora

Decidi começar a apresentação da análise dos resultados com a análise de como foi essa experiência da realização das entrevistas enquanto pesquisadora e mulher. Bourdieu aborda o conceito de Antropologia Reflexiva que diz sobre a reflexividade intelectual ou cognitiva do observador e como suas ações fazem parte da forma de conhecer e compreender o mundo. Na antropologia existem dois tipos de sentidos diferentes, onde uma diz sobre a consciência do pesquisador, sua formação, a forma de pensar, agir, as interações e relações sociais que atingem a observação. A segunda, diz sobre a percepção que envolve toda prática cultural, envolvendo o agente, sua consciência e os comentários sobre essa prática. A reflexividade diz sobre a necessidade do pesquisador, enquanto observa o mundo social, também refletir sobre sua própria posição de observador no campo (MONTERO, 2017). Dessa forma, considero interessante trazer essa reflexividade que tive ao realizar essas entrevistas.

Não sou da área de engenharia ou exatas, sendo áreas majoritariamente masculinas. Então, não vivenciei em minha trajetória acadêmica as mesmas experiências que minhas entrevistadas alunas das engenharias. Porém, ao realizar as entrevistas, as histórias dessas mulheres me tocaram muito e, por isso, resolvi realizar essas considerações.

Entrei no mestrado durante a pandemia por COVID-19, então, a maior parte do mestrado foi realizada remotamente. Até antes do processo da coleta, não havia ido à Universidade, conhecido meus professores, colegas. Quando chegou o momento da coleta, me surgiu a dúvida, será que realizo as entrevistas de forma presencial ou online? Uma vez que a pandemia já se encontrava em uma situação mais controlada, realizar as entrevistas de forma presencial já não apresentava riscos significativos.

Porém, foi aí que começaram a surgir os questionamentos de medo e insegurança, de ser uma mulher que viajaria sozinha mais de 300 km para uma cidade que não conhecia. Resolvi enfrentar tais inseguranças e realizar as entrevistas presencialmente. Assim, me

desafiei e lá fui eu para uma viagem sozinha. Tive a sorte de ter uma amiga em Juiz de Fora que muito me ajudou nesse processo e, a partir disso, já conseguia enxergar uma similaridade com os relatos das entrevistadas no que se refere à importância de criar uma rede de apoio, uma rede de apoio com outras mulheres.

As entrevistas foram realizadas na faculdade de Engenharia. Então, vivenciei naqueles dias um pouco da realidade das entrevistadas naquele ambiente. Desde o primeiro dia eu não me sentia muito confortável ali. Em um primeiro momento, pensei que fosse pelo fato de não conhecer ninguém, de não ser da engenharia. Mas fui observando e no intervalo entre uma entrevista e outra fui refletindo sobre isso. Cheguei à conclusão que diversos eram os motivos que faziam com que não me sentisse à vontade naquele espaço, inclusive, os já citados. Porém, concluí que um dos maiores motivos de não me sentir à vontade naquele espaço era por ser uma mulher.

Havia mulheres passando por ali, mas era possível observar que elas eram minoria. E aquilo já era algo que incomodava. Me sentia observada e julgada pelos olhares dos homens que ali passavam. E só me sentia mais à vontade quando ia realizar alguma entrevista, quando pedia alguma informação, sempre para alguma mulher.

Uma das coisas que me marcou muito foi a entrada da porta do diretório acadêmico de engenharia. Na porta sempre havia muitos homens que até impossibilitam a passagem. Para entrar você precisaria passar por eles. Ponderei entrar para conversar com alguém do diretório acadêmico sobre a pesquisa e ir em busca de mais entrevistadas. Porém, eu não conseguia entrar naquele espaço, tentei cerca de três vezes e, todas às vezes que estava próxima à porta, não me sentia a vontade de entrar ou mesmo só perguntar àqueles homens que estavam na porta sobre com quem eu poderia falar.

Depois, realizando as entrevistas, percebi que isso não era um sentimento que apenas eu tinha tido. As próprias alunas da engenharia relataram não se sentirem confortáveis de frequentar ou até mesmo entrar no diretório acadêmico pelo mesmo motivo, de ser sempre dominado um ambiente masculino. Foi aí que percebi que o meu desconforto não era apenas por não pertencer àquele ambiente, mas sim por ser uma mulher em um ambiente majoritário masculino.

A realização das entrevistas foi um desafio muito grande para mim enquanto pesquisadora e mulher. Muitos relatos das entrevistadas eram fortes e me tocaram. Por mais que minha realidade acadêmica não fosse a mesma, como mulher, ouvindo outra mulher

falando de como era difícil seu dia à dia pelo simples fato de ser mulher, era fácil compreender. Muitas vezes a minha vontade era de só poder abraçá-las, acolhê-las, dizer que tudo aquilo não estava certo e que elas não mereciam passar por situações assim. Mas tentei me manter apenas em silêncio, ouvindo aqueles relatos e tentando ao máximo não intervir. Confesso que ao finalizar as entrevistas, em algumas situações, não me contive e disse algumas palavras para aquelas mulheres. Me surpreendi porque elas, muitas vezes, queriam me dizer algumas palavras também, fazer alguma pergunta.

Foi um desafio para mim me sentar com mulheres que eu nunca havia visto. O tempo todo eu refletia que, por mais que fosse desafiador conduzir uma pesquisa, eu me sentia confortável com elas. Cheguei a pensar que, se meu grupo de entrevistados fossem homens, eu não estaria sentindo o mesmo. Possivelmente eu não teria decidido por fazer entrevistas presenciais, pelo medo, receio e insegurança de estar sozinha em um espaço com homens que não conhecia.

Imagino que, para as entrevistadas, deve ter sido um desafio ainda maior, se sentarem na frente de uma desconhecida e falar sobre questões tão íntimas, delicadas e muitas vezes dolorosas. Consegui observar que nas primeiras entrevistas que foram realizadas em locais mais informais o desconforto era maior. Tendo em vista isso, procurei uma sala mais reservada e senti que a partir daí as entrevistadas se sentiram mais à vontade. Sentia que da mesma forma que eu estava confortável, elas também estavam e tinham segurança e confiança em mim, mesmo sem nunca terem me visto antes. Aqui mais uma vez reflito da importância da rede de apoio e de como, quando mulheres estão com outras mulheres, por algum momento temos a sensação do mundo ideal, onde nos sentimos seguras, confortáveis em estar naqueles ambientes, até mesmo em situações em que a outra mulher é uma desconhecida.

Inúmeros foram os sentimentos e sensações nas realizações das entrevistas, mas estes foram os mais marcantes e significativos. Comecei essa pesquisa achando que já era uma “feminista completa” e hoje vejo que não, que sempre é tempo para aprender e sobretudo, é sempre tempo para ouvir.

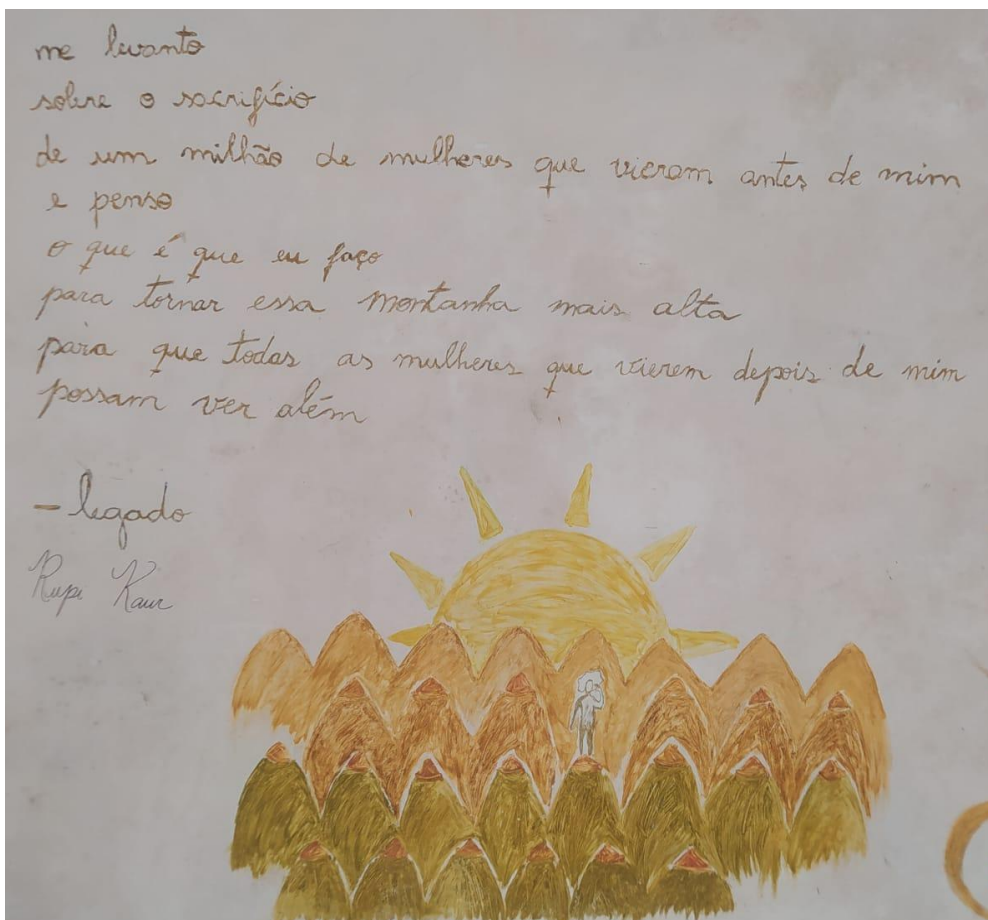
Ouvi muito das entrevistadas: “Nossa, que interessante alguém que não é da engenharia pesquisando sobre isso”, e também vários “Muito obrigada” por estar pesquisando um tema que não era minha realidade, mas que, para a realidade dessas mulheres, era algo diário. O simples fato de ter alguém ali para estudar sobre aquilo e ouvi-las, para elas, era suficiente para que se sentissem muito gratas por aquilo.

A realidade de ser mulher na engenharia não é a minha realidade, mas isso não quer dizer que não seja importante ou que não, seja possível compreender e empatizar. Ser pesquisadora, acredito, seja isso. É se preocupar e se dedicar a questões que nem sempre são sobre sua realidade, mas que você sabe que de alguma forma é importante e pode ajudar a transformar a realidade de outras pessoas.

Em todo esse processo da realização das entrevistas, muito me deparei com 'sinais' que sempre me faziam pensar que eu estava no caminho certo e que, por mais que não tinha sido um sonho pesquisar esse tema, foi e tem sido muito importante para mim realizar essa pesquisa. Tenho aprendido muito a respeito de todo o debate sobre ser mulher, sobre as realidades de outras mulheres e, sobretudo, tenho entendido e aprendido o que representa eu ser uma mulher e realizar essa pesquisa.

Encerro este tópico com um dos 'sinais' que relatei. Na sala ao lado daquela onde realizei as entrevistas estava pintado esse poema e, acredito, que ele se encaixa com tudo que descrevi sobre essa experiência.

FIGURA 1 - Poema escrito em porta de sala de aula



4.2 Mulheres na engenharia: esforço multiplicado

Uma das categorias de análise importante para este trabalho é aquela relacionada à percepção das alunas quanto ao seu processo de inserção na universidade, se sentem que precisam estudar mais, se esforçar mais, para serem ouvidas e compreendidas. Importante ressaltar que esse esforço não compreende o sentido meritocrático. Das entrevistadas, a maioria relatou sentir que precisam se esforçar mais, estudar mais que os colegas de sala homens, uma vez que sentem que precisam se provar ou mostrar que são ainda melhores para serem reconhecidas e valorizadas pelos colegas e professores.

A aluna Antonieta de Barros relatou uma situação onde a entrada em uma determinada disciplina é realizada através das médias dos alunos e apenas aqueles com maiores médias seriam selecionados para uma das 5 vagas.

(001) Tinha um professor que era muito bom, mas para mecânica só tinha 5 vagas com ele. Aí a turma elencou, né? Lá no grupo do WhatsApp, quem seria os 5 que iam ficar pra essas 5 vagas, né? É pelo IRA ²que conta, então, você tem que ter uma média alta para você conseguir. Aí o pessoal manda no grupo “ah não, fulano, fulano, fulano está tentando, né?”. Colocou lá os 5 nomes dos homens e o resto da turma, ta de fora. Aí, quando eu entrei, tirei a vaga de um deles. Todo mundo ficou assustado assim, né? Uai, como assim? Porque eu não fico, não ficava falando qual que era a minha nota para ninguém.

No fragmento discursivo acima é possível perceber, pelo relato de Antonieta de Barros, como todos se assustaram com a entrada dela para a disciplina, uma vez que ela não falava de suas notas para ninguém, bem como do índice atingido por ela no IRA, de forma que não havia a percepção pelos colegas de turma de que ela era uma das melhores alunas do curso. O silenciamento de Antonieta de Barros sobre seu desempenho acadêmico não está relacionado a uma eventual timidez. Trata-se de uma tática para sobreviver a esse ambiente dominado masculino, esforçando para não chamar atenção sobre si mesma, o que poderia fomentar problemas em suas relações de poder com os colegas, que poderiam passar a considerá-la como uma ameaça em relação à competitividade no campo.

Além disso, a aluna relatou sobre como os alunos homens naturalizaram a percepção de que são os mais inteligentes:

² Índice de rendimento acadêmico (IRA): somatório dos produtos entre a carga horária da atividade acadêmica cursada e a nota nela obtida, dividido pelo somatório da carga horária dessas atividades cursadas, considerada neste cálculo a reprovação por infrequência como nota zero e não considerados os estágios e as monografias. (Regimento Acadêmico da Graduação - RAG UFJF)

(002) Eles colocaram na cabeça quem eles achavam que eram os mais inteligentes, os que iam conseguir, e isso acontecia em outros momentos também, sabe? Para tudo que a gente é passa de processos na faculdade para a empresa júnior, para equipe de competição, esses extras curriculares que têm, assim, a galera nunca bota fé.

Neste fragmento discursivo é possível perceber como os homens não consideram as mulheres capazes de competir com eles, considerando que apenas eles teriam capacidade de entrar em uma disciplina, que é concorrida e oferta poucas vagas, ou em outro processo seletivo qualquer. Porém, situações como a da aluna Antonieta de Barros evidenciam que o gênero não torna as mulheres incapazes de competir com os homens no âmbito acadêmico, mesmo em cursos de graduação cujo as profissões são, socialmente, vistas como masculinas.

Antonieta de Barros fez uma importante colocação que exemplifica bem o processo de ter que se esforçar mais que os homens:

(003) Aí eu tinha, eu me esforçava, 40, 50 vezes mais para eles enxergarem. Não por meio de nota, porque pra mim, nota é uma coisa que não é relevante. Não por meio de média, assim de coisa, mas por meio das conquistas. Eu não, cara, eu tenho valor e não, eu não sentia quando tava querendo provar é para eles, era provar pra mim, porque eles me faziam duvidar de mim. Então, não era assim, ah não, eu quero mostrar para você que eu consigo, que eu tenho isso. Eu preciso mostrar para mim, porque você [os homens] fez com que eu parasse de acreditar que eu conseguia.”

Ao fazer uma análise semântica da seleção lexical “eu me esforçava, 40,50 vezes mais para eles enxergarem” é possível observar que a aluna se utiliza de uma hipérbole para falar da situação, colocando uma grande intensidade nessa situação. Este fragmento discursivo remete como as alunas precisam se dedicar ainda mais para serem reconhecidas e, além disso, como todo esse processo interfere no processo pessoal. Como a aluna explicita, a disputa entre os gêneros no ambiente acadêmico não se restringe a uma questão meramente relacionada a notas, nas relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres, uma das estratégias comuns para a manutenção da hegemonia masculina envolve a desvalorização da mulher, que passa a ser convencida a não acreditar em si própria, como evidencia o excerto "porque você [o gênero masculino] fez com que eu parasse de acreditar que eu conseguia". Sendo tal estratégia pertinente à manutenção da hegemonia masculina, os alunos desse sexo não passam situações semelhantes em cursos dominados cursados por homens. As alunas, apesar de toda a dedicação a mais, podem começar a acreditar que aquele lugar não é para elas, o que faz com que muitas acabam desistindo do curso.

A aluna Maria Guilhermina coloca que sente que o peso do homem é sempre maior. Então, ela precisa de um diferencial.

(004) Eu sinto, eu assim, eu realmente, porque eu não sei se porque a maioria das matérias, são homens. A gente sempre vê, assim, que são mais engajados na matérias, eu vejo, assim, que se igualar é os 2 tiver igual. O peso do homem vai ser mais. Então, eu tenho que ter um diferencial. Isso eu acho que não, não tem jeito, não vi mudança nisso. Então, ainda penso desse jeito. Pode ser que mais pra frente. É tem essa igualitária, né? Mude um pouco, mas hoje em dia ainda eu penso que eu tenho que ter sempre alguma coisa de diferencial.

Êda Luiz aborda a questão do currículo:

(005) Sim, eu acho que, como eu falei para mim, foi para eu conseguir um estágio, um emprego, eu vou ter que ter um currículo mais vasto do que o homem. Eu acho que, se for para comparar, eu e o homem, o homem, eu acho que teria mais facilidade de entrar. É um obstáculo. Então, eu tento me esforçar mais para ter mais um currículo melhor, né?

Êda aborda como que, além da faculdade, o estágio e emprego também esbarram nesse processo da mulher ter que se qualificar ainda mais do que os homens para ter uma oportunidade. Os homens não precisam passar por esse processo, o que faz com que eles estejam sempre à frente, uma vez que a sociedade não os cobram tanto quanto cobram as mulheres.

As alunas Marielle Franco e Anália Emília Franco, relatam sobre o estereótipo do curso de engenharia mecânica.

(006) Ainda mais mecânico, os cara vão olhar pro menino, vão olhar pra minha cara, eu, toda garotinha bonitinha, fofinha, vão falar “Ah, essa menina sabe de nada, essa menina com essa unha pintadinha não, que vai querer apertar um parafuso” não que seja minha função, né? Mas eles vão levar até isso em consideração, para não me escolher. Porque eu sou uma garotinha delicada e não posso sujar minha mão de graxa. Eu sinto que sim, assim, parece que eu tenho que me enfiar debaixo de um caminhão para o cara virar e falar “Nossa, essa daí sabe” (Marielle Franco)

(007) Então, eu vejo que muitas das vezes, eu e as minhas amigas em média para eu fazer a gente ser menor quantidade em nossas médias são maiores, mas diz respeito a vivência prática, tipo, assim, ó, vamos conversar de um assunto de engenharia mecânica, mas sem ser o assunto acadêmico? A matéria em si. Vejo que, é, os meninos têm mais propriedade para falar, eles conversam mais sobre isso, como falei no estereótipo da engenharia mecânica, o carro, eu não sou, nunca, eu não entrei na engenharia mecânica porque eu gostava de carro. Ou queria construir um carro. Muitas vezes, entram, né? Então eu vejo nesse sentido, às vezes, até oportunidades abrindo mais por conta disso, porque há não fulano, né? Tem, na hora que faz uma conversa paralela na sala de aula, ele fala as coisas com mais

propriedades, mas não necessariamente ele tira nota, tem uma média melhor do que a minha, do que as minhas amigas. (Anália Emília Franco)

Nestes dois fragmentos discursivos é possível observar como estas profissões ainda tem um estereótipo muito focado no masculino, e assim, as mulheres que entram nesse curso se deparam com esse obstáculo. Além disso, socialmente, os homens são mais incentivados nessas profissões, as mulheres que vão para essa área encontram uma certa dificuldade, pois precisam vencer esse estereótipo e ir atrás das informações sobre o que, muitos homens, já foram ensinados desde a infância.

Ainda nesse sentido, a aluna Beatriz Cerqueira, estudante do curso de engenharia elétrica, aborda o processo em que a grande maioria dos homens já têm experiências fora da faculdade, experiências estas, às vezes, oportunizadas pelos próprios pais dos discentes.

(008) Quando é pra prática acho muito voltado, às vezes, para laboratório. Ou até mesmo a atuação tipo em estágio, ai eu sinto essa defasagem assim. Eu sinto que, tipo, o homem já mexeu com isso, tipo, fora da faculdade ele já, sei lá, o pai ensinou, né? Em casa, então, ele já pega e faz ai [...] Mas eu sinto que eu estou sentindo agora nas matérias de um laboratório assim, de que parece que o homem já sabe fazer e eu não sei fazer uma parada básica, tipo fazer uma ligação, uma coisa assim. E aí eu fico meio assim.

Este fragmento discursivo remete a estrutura de sociedade onde as mulheres sempre foram ensinadas aos cuidados e, quando rompem e vão para outras áreas, acabam encontrando algumas dificuldades, que no geral os homens não encontram, por já serem ensinados e incentivados em atividades socialmente atribuídas ao masculino.

É possível relacionar os fragmentos discursivos acima com a teoria da circunscrição e do compromisso da escolha vocacional de Gottfredson (1981, 1983), que coloca o papel do gênero como o mais importante nas escolhas vocacionais. De acordo com essa teoria, os indivíduos formam gradualmente profissões consideradas possíveis por quatro critérios: o primeiro com base biológica, o sexo; o critério social, estatuto; critério psicológico, que perpassa pelo campo de interesse; e o último relacionado a acessibilidade de formação e de empregos. Dessa forma, o sexo é o primeiro critério considerado, a significação social dos estereótipos de gênero fica clara por volta dos 7, 8 anos. Sendo assim, as mulheres têm seu comportamento e pretensões moldados através das suas mães e das referências femininas que

geralmente estão cuidando dos outros. Por outro lado, os meninos tem seus pais e pessoas do sexo masculinas como seus modelos. Por isso, o profissional fica dividido em duas partes, onde são colocados empregos que são compatíveis ou não com esse processo do gênero. Sendo assim, tem empregos, que são considerados tipicamente masculinos e outros tipicamente femininos (NETO; SASTRE; MULLET, 2001).

Bourdieu (2012) também aborda essa discussão ao tratar sobre a dominação masculina, havendo uma divisão arbitrária entre homens e mulheres, onde os adjetivos positivos são relacionados aos homens e os negativos às mulheres. Fazendo com que os papéis sejam divididos também no trabalho, considerando espaço como a assembleia, espaços de decisão, papéis externos, públicos, serviços braçais são atribuídos aos homens, e o cuidado da casa, das crianças, e trabalhos considerados privados, escondidos ou até invisíveis atribuídos às mulheres.

Uma questão importante a ser levantada é sobre a expressão. As alunas Helenira Resende e Iara Iavelberg relatam sobre isso nos fragmentos abaixo:

(009) É em qualquer espaço que eu preciso falar e me expressar. É, eu tenho, eu sinto que eu tenho sempre que mostrar que eu sei muito. E quando aconteceu esse episódio no estágio que o cara não prestava, não olhava para mim enquanto eu falava com ele, o engenheiro falou comigo que é realmente, eu ia passar por mais dificuldades do que eles, porque eu só ia conseguir fazer alguém me ouvir se eu mostrasse que eu realmente sei. Então o tempo inteiro, eu teria que mostrar que eu sei mais. (Helenira Resende)

(010) A isso como eu falei, a gente, tem que tá sempre se provando que a gente é boa naquilo que a gente faz. Sempre, isso é muito óbvio. É questão, eu vou falar no mercado de trabalho, eu já penso nessas coisas porque é eu sei que eu vou ter que provar que eu sou melhor do ramo. Eu sei que eu vou ter que provar isso, não só uma vez, mas várias vezes. Às vezes você vê muito mais o homem respondendo pergunta do que a mulher. Não sei se é porque as meninas são tímidas, ou porque o homem fala mais alto e ela acaba falando mais baixo e não é ouvida. (Iara Iavelberg)

Mais uma vez é possível observar como as alunas sentem que é necessário provar que são boas naquilo que fazem no ambiente do seu curso e posteriormente no mercado de

trabalho. Além disso, muitas evitam se posicionar e falar, justamente por muitas vezes não serem ouvidas, compreendidas, sendo constantemente silenciadas.

Sobre os silenciamentos, a autora Audre Lorde (2019) coloca que ao se silenciar só traia a si mesma, nos pequenos silêncios, ao pensar no dia que ia falar ou aguardando que outros falassem. Assim, ao entender o poder dentro de si, que não precisava ter medo, e que a força está em aprender e enxergar o medo com outra perspectiva. Transformar o silêncio em linguagem, ação, é um ato de autorrevelação, que aparenta estar rodeado de perigos. Para a autora, é no silêncio que se desvia de observar seus próprios medos, medo do desprezo, julgamento, reconhecimento, censura, desafio.

É na visibilidade que faz com que sejam vulneráveis, mas também é onde reside a maior fortaleza. Uma vez que o sistema, a sociedade vai “triturar” de qualquer forma, tenham falado ou não. Mesmo que se sente num canto e se cale para sempre enquanto outras mulheres são desprezadas, é possível ficar caladas em cantos seguros, “caladas como se engarrafadas”, mas ainda assim o medo estará ali. Compartilhamos o compromisso com a linguagem e seu poder e com a recuperação utilizada contra nós (LORDE, 2019).

É possível aprender a se colocar e falar apesar do medo, da mesma forma que conseguimos trabalhar e falar independente do cansaço. As mulheres são ensinadas a respeitar mais o medo do que a importância da linguagem e definição, mas esperar em silêncio aguardando a coragem chegar, o peso do silêncio irá “nos afogar”. Audre Lorde coloca que o fato dela estar se posicionando, falando, trazendo todas essas palavras já é uma forma de tentar quebrar o silêncio e assim colocar uma ponte sobre as diferenças, porque não são as diferenças que imobilizam, mas sim, o silêncio. “E restam tantos silêncios para romper!” (LORDE, 2019).

A aluna Janaína da Silva Bezerra aborda como sua saúde mental é afetada por todo esse processo “Saúde mental zero né” (Janaína), ela diz se cobrar muito.

(011) Eu sempre me auto cobre muito e então eu sempre me dediquei muito nessas coisas então eu tenho sentimentos para poder me destacar eu tenho que me dedicar mais a ainda então acho que é uma coisa bem específica minha... apesar de a gente tem se dedicado dessa essa forma e vejo que é um ponto negativo porque a gente tem que ser provar muitas vezes.

Débora Seabra de Moura, levanta uma importante questão que, além de ser mulher, também de originar-se de uma classe social de baixa renda, ter estudado em escola pública.

(012) Ah, com certeza. Acho que sim. É porque, tipo, assim esse talvez seja um quanto um pouco individual no meu também, porque independente de eu ser mulher e tal, eu até entrei aqui com classe de baixa renda. E eu acabei de vim de escola pública, então assim. Não vim de escola pública que era o colégio militar, que era um ifet, eu vim do único colégio público que tinha na minha cidade. Então, assim, agora que eu, mesmo com número complexo com isso que eu nem sabia que existia na minha, durante o meu ensino médio no ensino fundamental, então eu entrei com meu ensino um pouco defasado e a maioria das coisas que eu consegui aqui, por exemplo, foi estudando para um cacete. Então assim, coisas que eu já era pra estar sabendo e coisas que eram pra eu estar sabendo agora. Então meio que duplicou. O tipo de estudo que eu teria que ter, sabe?

Esta consideração da aluna é de suma importância, uma vez que além do processo de gênero a questão de classe social também irá influenciar em seus estudos, sendo dois fatores que, acumulados, trazem ainda mais desafios para a estudante, que além de ter que estudar mais para ser reconhecida nesse ambiente dominado por homens, precisa também se dedicar mais para compreender os conteúdos estudados uma vez que sua formação escolar foi defasada.

Além disso, Débora trouxe um exemplo que passou no laboratório, onde ela fazia dupla com sua amiga.

(013) A, acho que sim, tem, tinha até uma prova viva agora um laboratório do semestre passado e tal. Do semestre passado não, de semana passada, estou fazendo agora, eu faço dupla com uma amiga minha, mulher, né? Claro. Ele falou que estava usando uma metodologia de para dar nota de comparação com o melhor trabalho na turma. Aí a gente fez o nosso relatório da semana passada, depois da primeira semana, e ele falou que a tabela não estava bem formatada, por isso, que a gente tirou 95. Aí na próxima semana a gente arrumou a tabela do relatório e tudo mais. Aí ele deu 95 de novo, só que aí a minha amiga ficou puta. Aí minha amiga foi e falou com ele, tipo assim é porque ele tirou 95 de novo, sendo que a gente arrumou a única coisa que você falou que estava ruim, sabe? Aí ele falou assim ah não porque eu comparei com o melhor trabalho da turma, tipo, na hora eu nem pensei, talvez porque fosse homem sabe, o outro grupo, mas foi porque ele falou que a formatação ficou mais bonita, ficou mais bem apresentada. A minha amiga ficou assim, mas eu não acho justo isso. Eu fiquei até meio na hora, eu fiquei até meio sem graça, porque assim não é natural, as pessoas, as meninas, esboçarem sua opinião, dessa forma, eu estava lá com meu multímetro na mão, amiga, ele vai dar ponto ruim pra gente no próximo relatório, mas ela foi, falou assim : “Não, acho certo não, essa de comparação, os meus resultados estão certos e minha tabela está correta do jeito que você quer, não tem porque eu tirar menos”. Não que eu acho que 95 é uma nota ruim, sabe? Porque aqui, 95 é 200, aqui na engenharia. É essa situação parando para analisar melhor, eu acho que é por isso que a gente fica toda

hora tentando mostrar nossa capacidade, se a gente dá o nosso máximo, não é o suficiente, sabe?

Neste fragmento discursivo é possível ver um exemplo de que, mesmo quando as mulheres se esforçam ao máximo, ainda assim não é suficiente, além de toda cobrança e desgaste de passar por situações como essa. Essa fala é importante porque Débora não se sentia confortável de questionar o professor pelo medo do que essa atitude poderia causar, mas a sua amiga não teve medo e confrontou mesmo assim. Aqui vemos duas mulheres com atitudes diferentes perante a mesma situação, e em grande maioria, as mulheres acabam optando por atitudes como a de Débora para evitar o conflito ou ser punida por aquilo. Apesar de sua amiga ter confrontado o professor, ainda assim ele manteve a nota delas, o que faz com que muitas alunas desistam de questionar por saber que não serão ouvidas. Esse caso é mais uma evidência de que as alunas, apenas pela questão de gênero, não são ouvidas e compreendidas.

Djamila (2019) aborda que as mulheres não são pensadas a partir de si, mas em comparação ao homem, como se ela se colocasse em uma situação de se opor, sendo o outro do homem, “aquela que não é homem”. Foi possível perceber como isso se reflete nos dados analisados, uma vez que as mulheres precisam provar sua capacidade, conhecimento para serem reconhecidas nesse ambiente dominado masculino, onde elas ficam nesse papel do “outro” dos homens.

Além disso, a autora pontua da urgência em se deslocar do pensamento hegemônico e ressignificar as identidades, de raça, gênero e classe para que assim se construa novos lugares de fala que possibilite a voz e visibilidade dos indivíduos que são considerados “implícitos” nessa normatização hegemônica (DJAMILA, 2019).

Com a análise deste tópico é possível perceber como as mulheres precisam se esforçar muito mais que os homens para permanecer e fazer os cursos de engenharia, como colocado pela Aluna Antonieta de Barros “eu me esforçava 40, 50 vezes mais para eles enxergarem”. Sendo assim, as mulheres na engenharia estão compelidas a realizarem, para serem reconhecidas, um esforço multiplicado.

Dessa forma, além dos desafios já vivenciados em um curso no ensino superior, as alunas dos cursos de engenharia elétrica, mecânica e computacional da Universidade Federal de Juiz de Fora, enfrentam outros desafios pelo simples fato de serem mulheres. Desafios

como: não serem ouvidas, compreendidas; serem silenciadas; se moldarem para estar naquele ambiente; vencerem a síndrome do impostor, que muitas vezes as levam a duvidar de sua própria capacidade, além de precisarem sempre provar e demonstrar que sabem o que estão falando ou fazendo, algo que não acontece com os homens.

Sendo assim, a vivência dessas mulheres é dificultada nesses cursos, principalmente por conta do seu gênero. Uma vez que todos esses obstáculos surgem apenas pelo simples fato de serem mulheres que rompem o padrão e vão para cursos que, historicamente, são dominados masculinos. É necessário superar esses desafios para que mais mulheres possam ingressar nesses cursos e, principalmente, que as mulheres que estão nesses cursos não precisem passar por essa situação e vivenciem a graduação sem serem prejudicadas por conta de seu gênero.

4.3 Pertencimento

Estar em um ambiente onde você não se reconhece em outras pessoas, em que a grande maioria das pessoas à sua volta são homens, sendo uma das poucas mulheres ali, despertam muitos sentimentos. Uma questão importante a ser analisada é se essas alunas se sentem pertencentes ao ambiente da universidade, em específico às engenharias.

Para isso, é importante conceituar o que é o pertencimento, sendo este o sentimento do sujeito que se percebe vinculado e acolhido a um determinado local ou comunidade, que faz parte daquele espaço e daqueles que lá congregam, se identificando com eles. Dessa forma, busca zelar por aquele ambiente uma vez que o mesmo faz parte da sua vida, como se fosse uma continuação dela própria. O sentimento de pertencimento é algo intrínseco às pessoas. De uma forma mais abstrata, o pertencimento perpassa pelas atitudes que fazem com que se saia do senso comum e tenha um olhar mais crítico da realidade, gerando motivação e entusiasmo para o grupo envolvido, fazendo com que busque fatores que façam com que se orgulhe do que é (MARICONI, 2014).

Ao serem perguntadas se se sentem pertencentes ao ambiente da universidade, em específico nos respectivos cursos de engenharia, 8 estudantes (44,44%) disseram não se sentir. Esse é um dado preocupante, uma vez que essas alunas, com base nos seus interesses pessoais e escolhas, passaram pelo processo seletivo sendo aprovadas para estarem naquele ambiente e cursarem seus cursos. Esse fato deveria favorecer que desenvolvessem o

sentimento de pertencimento. Não obstante, quase metade das entrevistadas não se sentem pertencentes àquele ambiente. A principal razão para esse achado de pesquisa, como os dados a serem apresentados adiante indicam, consiste no fato delas, mulheres, serem minoria em um ambiente dominado masculino, e por todas as consequências sociais e psicológicas que se desdobram a partir desse fato.

O ambiente escolar deve conduzir os alunos de forma que considere a relação de subjetividade-objetividade dentro da sociedade, fazendo com que os alunos se sintam, de fato, pertencente àquele núcleo escolar, não sendo suficiente apenas conferir a eles uma matrícula ou uniforme, sendo necessário garantir a inclusão de todos na equipe escolar. O sentimento de pertencimento e identidade no ambiente escolar abrange diversos significados, sentidos e valores aprimorados no decorrer do tempo, tendo em vista que o ambiente escolar traz muitas oportunidades de desenvolvimento, ação e reflexão aos alunos (SILVA, 2018).

Os elementos da identidade que determinam o conceito de pertencimento englobam a identificação dos indivíduos com o local de nascimento e as diversas formas de fundamentação dos alunos no ambiente escolar. É através do pertencimento que os alunos expressam suas identidades nos diversos espaços de convivência, em especial no escolar (SILVA, 2018).

A aluna Janaína da Silva Bezerra, aborda esse processo:

(014) Pra gente se sentir pertencente assim tem que sentir muito representada dentro do curso e só da gente saber só tem duas mulheres dentro do curso, é bem impactante assim. Se você for ver, majoritariamente vão ser velhos, héteros, brancos, inclusive não tem nenhuma pessoa preta dentro da Elétrica. Então, não me sinto representada nesse ambiente que, tipo, é muito, é muito zero diversidade, zero pluralidades” **E você se sente confortável?** (Silêncio) É não, se eu não me sinto pertencente, também não me sinto confortável.

No fragmento discursivo acima, a aluna aborda que seu sentimento de não pertencimento vem de não se sentir representada no curso, uma vez que a maioria dos alunos são homens. Pertencer perpassa com dividir características, experiências, vivências com as outras pessoas do espaço de pertencimento, o que faz com que se desenvolva o sentimento de pertencimento (SILVA, 2018). Dessa forma, ao não ter outras mulheres nesse espaço, é difícil se criar um sentimento de pertencimento.

A aluna Janaína quando coloca: “Se você for ver, majoritariamente vão ser velhos, héteros, brancos, inclusive não tem nenhuma pessoa preta na Elétrica, então não me sinto representada nesse ambiente que, tipo, é muito, é muito zero diversidade, zero pluralidades”,

é importante debatermos o conceito de representatividade que, a partir dos debates da militância e dos movimentos sociais, é entendida como quando todas as pessoas, de todas as cores, raças, corpos, orientações de gênero e sexualidade, possuem o poder decisório. Todos os tipos de pessoas, independente das suas características físicas, culturais ou comportamentais, precisam ser reconhecidas e terem voz. Por não ter outras mulheres nesse espaço, a aluna Jéssica não se sente representada, é através da representatividade que as pessoas se sentem pertencentes ao grupo, sem negar a sua própria identidade para buscar ser aceito pelo outro. A importância de se sentir representado por uma pessoa ou grupo na mídia, seja por conta de características físicas, socioculturais ou comportamentais, causa um afeto maior. Se sentir pertencente a um grupo ajuda na troca de experiências, sentimentos, e faz com que se transforme a relação dos sujeitos em uma sociedade que seja mais harmônica e respeitosa (SOUZA, 2020).

Apesar da falta de representatividade, a aluna Beatriz Cerqueira tem um pensamento diferente sobre o pertencimento na universidade:

(015) Então, apesar disso tudo, eu sinto porque, tipo, assim, eu gosto muito. Então, eu não, nenhum momento eu tive coisas tipo, sei lá, vou trancar o curso porque eu não me vejo aqui. Sim, eu me vejo, então, tipo assim, e eu real tenho até um pouco, assim, claro, eu não queria que fosse assim, né, menos mulher? Mas eu tenho um pouco de orgulho de falar assim, não, eu sou mulher, eu vou formar, eu vou ser engenheira eletrícista. Porque, tipo assim, alguém tem que abrir caminho, então, tipo, bora, sabe? Então é esse o pensamento que eu tenho. Se não for eu, vai ser outra mulher, então não vai ser eu e eu vou.

A aluna utiliza a expressão “abrir caminho” que, ao se fazer uma análise semântica, é possível aferir que a mesma visa ser a pessoa que será essa referência desbravadora nesse ambiente. Então, de certa forma, apesar dela se sentir pertencente àquele ambiente, é possível observar que ela entende que falta essa representatividade. Concomitantemente, reconhece a importância de sua presença no curso, de forma que ela, como uma das poucas mulheres presentes naquele curso, possa abrir espaços para outras mulheres estarem ali e se sentirem pertencentes àquele ambiente.

Apesar de falar que se sente confortável ao ser indagada, a aluna Beatriz Cerqueira relata:

(016) A maioria das vezes sim. Sabe como eu falei, eu só me sinto desconfortável quando, realmente, é uma turma que tem, sei lá, eu e uma menina, eu e duas e, tipo, isso aconteceu acho que sei lá 1, 2 vezes, sabe? Então, até agora está tranquilo.

É possível observar que o desconforto surge justamente quando ela está em um ambiente, com poucas mulheres. Além disso, ela aborda a importância dessa rede de apoio feminina:

(017) Só que, tipo assim, teve um grupinho de mulheres que meio que foi junto, sabe? Então, tipo assim, a gente foi passando junto e fazendo as matérias junto. Então, tipo assim, eu tenho esse grupo de mulheres que é tipo uma rede de apoio mesmo, sabe? Então, é por essa questão também. Eu nunca me senti desconfortável, sim, nossa, é desconfortável mesmo não, porque querendo, não. Eu sempre olhava pro lado, tinha alguém comigo. Então, eu acho, aí eu acho que se eu chegasse num ponto do curso, que por algum motivo eu não tivesse esse grupo, já comigo, de pessoas que eu já conheço, de meninas que eu já sou amiga, que eu já converso, aí eu acho que eu me senti mais assim, desconfortável.

A aluna se sente confortável nesse ambiente por ter criado uma rede de apoio feminina. Aqui podemos inferir, mais uma vez, como a falta de representatividade nesses cursos influencia em como as mulheres se sentem nesse ambiente. Beatriz, inclusive, relata que, se chegar em algum momento no curso em que não tenha mais esse grupo de mulheres como apoio, não se sentiria mais confortável naquele ambiente.

Dessa forma, é possível observar, através deste fragmento discursivo (017) e do fragmento (014), que a aluna Janaína não se sente pertencente e nem confortável nesse ambiente por não se sentir representada. Já a aluna Beatriz se sente confortável e pertencente justamente por poder contar com um grupo de mulheres que, junto a ela no curso, compartilham os mesmos espaços e experiências no ambiente acadêmico. Podemos ver a importância da representatividade feminina para o pertencimento e o sentimento de conforto das mulheres nesse espaço, evidenciando a importância de termos cada vez mais mulheres nesses cursos para que, de fato, essa representatividade aconteça e que seja para todas.

A aluna Lúcia Murat também aborda essa questão ao falar sobre a quantidade de homens nas turmas:

(018) Você vê que, tipo assim, 70/80 por cento homem, é muito difícil. Então, eu lembro que eu tinha uma matéria no período passado e estava eu, minha amiga. Tipo, tinha eu, ela e tinha mais 2 meninas na sala. A gente, tipo, fez uma média lá. Estava dando pra, assim, 75% de homens. E a gente continua assim, cara, 75% de homem na sala. Como assim? Mas ao mesmo tempo, digo, assim, a gente está no nosso lugar. A gente lutou muito e muito para estar aqui. É, então, hoje eu me sinto

um pouco mais parte, mas eu acho que é muito difícil para quando você está entrando, sabe?

Além disso, ao ser perguntada sobre se sentir confortável nesse ambiente, a aluna relata:

(019) Então, é um meio termo. Porque eu acho que sim, em alguns momentos. Eu acho que você consegue se sentir confortável, tipo assim, ah, igual eu falei, tem uma matéria que eu faço que tem mais mulheres. Então, eu consigo me sentir muito mais confortável nesses ambientes, porque por mais que as vezes eu faço esta, eu sei que eu me sinto parte, estou numa sala, tipo, assim, 75% é o homem, 80% é o homem. Você já não se sente tão confortável, sabe? Você até pode se sentir parte, mas você sabe que é uma parte muito menor. Então, com certeza, reflete muito como que a gente se sente.

Neste trecho, novamente vemos que o sentimento de conforto surge quando existem outras mulheres na turma. E quando estão em salas em que a maioria, como relatado pela própria aluna, 75% ou 80% são homens, o conforto já não é o mesmo. Na seleção lexical: “Você até pode se sentir parte, mas você sabe que é uma parte muito menor”, fica evidenciado esse desconforto, pois, apesar de se sentir parte daquele espaço, ela é integrante da parte que se constitui como minoria. Minoria essa agravada pelo fato de que a maior presença masculina não é uma ocasionalidade fortuita, mas uma realidade sócio-histórica consolidada no curso e na profissão escolhida. Então, mesmo essas mulheres se sentindo pertencentes, esse pertencimento não é suficiente, pois se percebe que, sendo uma minoria, no jogo das relações de poder, elas não acessam facilmente os espaços privilegiados, reservados ao grupo majoritário.

Bertha Lutz, por sua vez, aborda como não se sente confortável em determinados ambientes que são dominados masculinos e, que, até os evita:

(020) Mas eu não sinto, me sinto bem desconfortável aqui. É uma coisa que pesa, né? Talvez eu teria, por exemplo, o D.A (diretório acadêmico) que eu te dei de exemplo na hora. Às vezes eu conviveria mais com as pessoas se fosse mais pra contato por mulher. Só tem homem lá! Como é que eu vou entrar ali? E ali é um lugar para as pessoas conviverem, conversarem, eu não tenho coragem de entrar ali. Eu nunca entrei no D.A! Se eu entrei, acho que foi uma vez para comprar a blusa da faculdade, porque vende lá dentro, e depois nunca mais voltei.

Este fragmento remete a mais uma situação de desconforto que as alunas passam nesse ambiente. O Diretório Acadêmico da Engenharia, que em tese representa o conjunto de discentes, reflete a desproporcionalidade de gênero característica do curso sendo, portanto,

dominado frequentado por homens. Conversando com Bertha Lutz antes de começarmos a entrevista, falamos sobre o D.A e de como era difícil de o frequentar porque só havia homens à sua porta e dentro do espaço que ocupa. Apesar de não ser daquele ambiente, nos dias que passei ali não me senti confortável de entrar no diretório acadêmico, como já relatado anteriormente. Pensei que era algo pessoal meu, mas depois percebi que essa insegurança era uma realidade diária das alunas.

Na seleção lexical “às vezes eu conviveria mais com as pessoas se fosse mais pra contato por mulher, só tem homem lá”, é possível analisar o sentimento de não pertencimento àquele ambiente por, justamente, ser um ambiente dominado masculino. Como relatado por Bertha Lutz no excerto (020), se tivessem outras mulheres também frequentaria aquele ambiente. Podemos ver que, além do desconforto, as mulheres evitam frequentar determinados ambientes, quando podem fazer essas escolhas, para evitar de se colocarem em situação de risco, potencializada por ambientes frequentados apenas por homens, mesmo que esses ambientes sejam espaços acadêmicos pertencentes a uma instituição federal de ensino superior.

É possível analisar que a expressão utilizada “como é que vou entrar ali” remete como se fosse necessário construir formas para conseguir entrar naquele ambiente, como se fosse um ambiente de acesso restrito ou dificultado. Porém, a entrada no diretório é feita apenas com a passagem pela porta, que não possui qualquer barreira física. No entanto, mesmo não tendo restrições objetivas, existem as restrições simbólicas impostas pela majoritariedade masculina. É como se a entrada ali não fosse liberada para as mulheres, justamente por elas não se sentirem pertencentes, no caso poderíamos também dizer seguras, naquele ambiente.

A aluna Êda Luiz enfatiza a importância de se ter mais mulheres em todos os espaços:

(021) É claro que eu preferia que estivessem mais mulheres, né? A gente já teve aulas de engenharia, sociedade que a gente debateu sobre isso. E tinha mais homens do que mulheres. É uma coisa que a gente acha muito importante também, não só na universidade, mas na secretaria, na parte burocrática da engenharia, também não tem quase nenhuma mulher. Eles têm uma lei do tipo (10%) tem que ser mulher, de 100%. Sendo que mulheres são 50% aqui no Brasil. E aí a gente é desfavorecida, desde lá de cima, não é? Ah... isso é uma coisa que a gente precisa mudar, né?

Esse relato da aluna aborda considerações importantes. É necessário que se tenha mais mulheres em todos os espaços, uma vez que segundo os dados da Pesquisa Nacional por

Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2021, as mulheres são maioria em nosso país, sendo 51,1% de mulheres e 48,9% de homens. Dessa forma, seria possível que tivéssemos maior representatividade feminina em todos os espaços.

Ao perguntar a aluna Enedina Alves Marques sobre o pertencimento, a aluna ficou em silêncio por algum momento. Pode-se analisar que esse silêncio pode ter diferentes significados, tais como estar refletindo sobre, lembrando alguma situação, entre outras possibilidades. Após o silêncio, a resposta foi “Não sei”, seguida de algumas risadas que aparentavam ser de desconforto. Além disso, ela relatou:

(022) Sensação de pertencimento, é um pouco difícil, é muitas das vezes assim, eu já senti um desânimo muito grande de vir para faculdade. Então a gente vem, até porque é um curso, é pesado, né? Mas eu sinto que eu pertença nessa área, então, na área da engenharia, tudo o que eu faço, eu posso passar maior raiva de todas, mas eu sinto que eu estou fazendo o que eu estou no lugar certo, sabe? Que eu gosto de fazer o que eu faço. Então, acho que a área, eu acertei. A gente sente que pertence ao lugar, quando a gente se sente à vontade em relação a ele.

Neste fragmento é possível analisar que a aluna não se sente tão pertencente ao ambiente, mas, ao mesmo tempo, sabe que aquela área de estudo é a que gosta e quer seguir, apesar de todas as dificuldades. Uma colocação importante que ela faz é: “A gente sente que pertence ao lugar, quando a gente se sente à vontade em relação a ele.” Esta seleção lexical é uma síntese do processo de pertencimento, uma vez que ao não se sentirem confortáveis no ambiente, elas não se sentem pertencentes a ele.

A aluna Maria Luiza Soares Fontes aborda uma perspectiva diferente:

(023) Eu até me sinto acolhida, foi uma coisa que eu fiquei muito surpresa porque foi até mais a minha família que ficava “Nossa, minha filha, mas como é que você vai ficar num ambiente? É todo voltado para homem que pô, pô, pô, tem que tomar cuidado, nã...nã..nã”. Então, assim, eu até falo em casa, me surpreendeu demais porque é muito tranquilo, realmente. E eu não desistiria por ser mulher, se eu fosse eu, algo que passou na minha cabeça de chegar a desistir é achar que eu não ia dar conta do recado. Só aí eu fico assim, não, calma. Não precisa também jogar pro alto logo de início, vamos tentar mais um pouco, uma hora vai.

No fragmento discurso acima, temos um relato diferente dos outros, a aluna Maria Luiza Soares se sente acolhida nesse ambiente. Apesar de sua própria família se preocupar e alertar por estar em um ambiente dominado masculino, houve uma subversão à expectativa dos seus familiares. Além disso, ela relata que não desistiria por ser uma das poucas mulheres naquele espaço, mas sim por achar que não conseguiria dar conta dos conteúdos. Podendo fazer a relação com a violência simbólica que Bourdieu e Passeron (1989) afirmam que a

violência simbólica é quando os sistemas simbólicos fazem a função política de instrumentos de imposição ou validação da dominação, que auxiliam para garantir a dominação de uma classe sobre a outra. Dessa forma, acredita-se que a mulher é menos competente que o homem por natureza, podendo fazer a análise que essa expressão “não daria conta” pode ser apenas o reflexo do pensamento dominante onde é afirmado que as mulheres são inferiores e “não dariam conta”. Além disso, é possível perceber com essa afirmação que a aluna reconhece que esse ambiente possui preconceitos com as mulheres, mas para ela o gênero não se coloca como uma dificuldade, ou barreira.

Além disso, a aluna coloca a importância de persistir e não desistir logo no início, tal postura pode ser analisada como uma forma de enfrentamento às dificuldades encontradas por mulheres em ambientes masculinos, que muitas vezes são desencorajadas ou desvalorizadas.

A aluna Maria Guilhermina Loureiro de Andrade aborda como não se sente totalmente pertencente a esse ambiente:

(024) Ah, não, não 100%. Eu não sinto 100% ainda. Eu sinto muito, realmente muito masculino, muito, ainda mais área de T.I. Acredito que os outros engenharia com certeza, mas acho que tem muito forte masculino, mas eu é assim, eu acredito que isso vai mudar. Eu volto, eu vendo também. Agora mesmo, eu vejo uma mudança. E eu acho que é um pouquinho. A gente vai assim incluindo, mas eu fui sim, tá uns tava aumentando, né? É, não tá é, eu não sinto menos agora do que antes, cada vez mais eu sinto mais inclusa, mas ainda não me sinto 100% confortável.

Maria Guilhermina, começa sua fala com a expressão “Ah, não, não 100%” o que remete que ela não se sente totalmente confortável naquele ambiente. A análise do discurso aqui pode fazer o apontamento das relações de poder subjacentes a essa fala, como a persistência de estereótipos de gênero e a falta de equidade de gênero em determinadas áreas. Além disso, essa fala pode ser analisada como uma forma de resistência e mudança, ao entender a importância da inclusão feminina e acreditar em uma mudança gradual para alcançá-la.

Marielle expressa sua posição como mulher em um ambiente de trabalho e faculdade dominada por homens:

(025) Às vezes, não. Às vezes não, porque às vezes eu penso que por eu ser mulher, eu não vou ter tanta credibilidade. Então assim, às vezes eu penso que eu não me esforço suficiente para eu me destacar e ser melhor do que um homem, entendeu?

Que quando eu me formar, já aí vai, tá eu, eu, mulher, que meu pai, quando tinha 10 anos, não me levava pra consertar o carro com ele, que vai ter um menino do meu lado, que sempre consertou carro com o paizinho dele. Aí não é na hora que a gente for trabalhar, às vezes vai trabalhar eu e ele juntos. Eu tenho comigo que as pessoas que a gente for trabalhar, ainda mais se for igual tô te falando nesse ambiente de produção, chão de fábrica, de oficina, que é o que eu gosto, as pessoas vão se identificar mais com ele do que comigo. Então, qual que era pergunta mesmo? (se perdeu na resposta) Aí, nesses momentos eu penso, será que ali é o meu lugar mesmo? Será que eu será que eu tinha que ser uma engenheira, pra sentar lá, fazer projeto no computador, ficar lá tranquilo, sabe assim, às vezes eu fui pro meio, isso é me faz querer desistir, mas às vezes isso me desanima um pouco de pensar que assim, eu deveria estar fazendo mais pra poder, que é a mesma coisa que um cara que vai fazer o básico, entendeu? Mas eu teria que demonstrar mais interesse, demonstrar mais conhecimento, demonstrar mais, não sei, mas é, ser mais foda-se sabe, é fazer piadinha não sei que lá, só para poder me encaixar nesse ambiente que às vezes eu não me sinto pertencente.

Fazendo a análise deste trecho, em termos linguísticos, é possível perceber que a fala é marcada por hesitações, repetições, interrupções e mudanças de direção na fala da interlocutora. Podendo ser entendido como uma expressão de insegurança e dificuldade em articular as ideias diante de um tema tão sensível e complexo. Além disso, a pressão colocada por se encaixar e ser “mais foda-se” pode ser vista como uma forma de adaptar-se a uma cultura masculina que valoriza a competição e autoafirmação.

Além disso, Marielle relata ao ser perguntada sobre se sentir confortável nesse ambiente:

(026) Então, aí eu acho que depende, sabe? Eu acho que depende do lugar que eu for encontrar, sabe quando eu penso assim, é onde eu faço estágio, por exemplo, eu me sinto super a vontade com o pessoal lá, certo, pessoal, os mecânicos são super humilde, eles me respeitam muito, é, me respeitam o meu conhecimento. Por mais assim que eles têm um conhecimento muito maior do que o meu, eles ficam maior, alegre se eu consigo alguma coisa e eu fico com eles também. Então assim, quando é um ambiente assim com pessoas que sabem conviver com as outras. Eu gosto, é só quando eu penso, num todo, num geral, sabe, num macro. Ali é o meu, meu, meu, minha visãozinha.

Mas aqui na, na engenharia, no curso, você se sente confortável?

Me sinto também. Aqui, até porque, sim, aqui, por mais que tenha, poucas mulheres têm mais do que lá fora. Então assim, aqui eu vejo mais meninas, né? Às vezes não do meu curso, né? Às vezes mistura de outros cursos, ainda mais se nesses projetos de competição, tal, numa aéreo, num бага assim, tem mais menino que não é só mecânica, tem o todos os cursos. Então assim, igual essa minha amiga que era da minha turma, ela foi capitã do aéreo. E assim, tive um pouco de contato com o pessoal e era uma equipe super legal, super tranquilo, super paz e amor, então, né, é uma coisa que aquece nossos corações, faz a gente se sentir à vontade, gente vê que aqui dentro, apesar de pesares, a gente ainda tem, a gente ainda consegue fazer as coisas. Não tem taaanta barreira, aqui é mais assim, é vocês dedicando tem a mesma nota, essas coisas, lá fora o que que eu, bicho que pega mais.

Inicialmente, pode-se observar que a pessoa que fala utiliza expressões como “depende”, “sabe” e “acho” para sinalizar que sua resposta não é objetiva, mas sim uma opinião que pode variar conforme o contexto. Isso indica que a fala da pessoa é permeada por sua subjetividade e sua posição social.

Além disso, a pessoa menciona o lugar onde faz estágio e o ambiente na engenharia como fatores que influenciam sua sensação de conforto. Essa conexão entre o espaço físico e a sensação de pertencimento pode ser explicada pela teoria do espaço habitado, que defende que o espaço é construído socialmente e que as pessoas desenvolvem relações afetivas com os lugares onde vivem ou trabalham (CRESSWELL, 2015).

Marielle também menciona a presença de mulheres na engenharia como um fator que contribui para sua sensação de conforto. Isso pode ser interpretado como uma estratégia discursiva para reforçar a ideia de que a engenharia não é um ambiente hostil para as mulheres, o que pode ser contestado pela realidade vivida por muitas estudantes e profissionais (HOLLY, 2021).

Por fim, é importante destacar que a fala da pessoa revela sua percepção de que existem barreiras para as mulheres na engenharia, mesmo que ela tente minimizá-las. Essa percepção pode ser explicada pela teoria da interseccionalidade, que defende que as experiências individuais são influenciadas por múltiplas identidades sociais, como gênero, raça, classe e sexualidade (CRENSHAW, 1991).

Anália Emília Franco aborda que por fazer aulas com outros cursos isso traz possibilidades de contato com outras pessoas:

(027) Ai ... (suspiro) aí eu acho que pega mais um sentido assim de reconhecimento com o curso, nesse sentido assim, o conteúdo mesmo tipo que eu sou estudando o que eu quero ser, do que o grupo social que eu estou inserida, mas, eu acho que sim, eu não sei, na verdade, responder essa pergunta porque na minha vida acadêmica eu já tive picos assim, sabe? Nossa, eu gosto muito de engenharia mecânica, nossa, isso que quero fazer, aí os outros momentos, nossa assim, meu Deus, que eu tô fazendo? Sabe? Esses picos mais relacionados, tipo assim, o que, o conteúdo programático do curso, o que eu vou ser quando eu me formar, não muito em relação ao grupo social que eu estou, que eu estou me inserido. E o bom da engenharia é que engenharia, no caso, assim, os cursos, eles conversam muito bem, então eu não faço a matéria só com o pessoal da engenharia mecânica, eu faço aula com o pessoal da produção, da elétrica, da ambiental. No início do curso, fazia curso, é matéria, matemática, física. Então isso me permitiu também que eu, se eu estivesse inserida num universo de possibilidades. Então assim é, que te dá um certo conforto, né? Quando você não está muito bem, igual eu falei inserido naquele grupo de meninos que falam sobre carros, mas você tem ali outro grupo, igual eu

sou super voltada nas pautas, é socioambiental, então você consegue encontrar outras pessoas, igual que fiz amizade com o pessoal da engenharia ambiental, sanitária. Então eu acho que a engenharia te dá essa possibilidade de contato com outras pessoas

Ao dizer “Ai... (suspiro)”, a aluna está indicando um sentimento de incerteza e dúvida em relação ao que vai dizer em seguida. Essa expressão pode ser interpretada como uma tentativa de suavizar a fala e indicar que a pessoa está refletindo sobre suas experiências.

Na sequência de seu relato, destaca a importância do contato com outras pessoas que estudam engenharia em áreas diferentes para ampliar suas possibilidades e se sentir mais confortável em relação ao ambiente acadêmico. Essa ideia está relacionada à noção de que a identidade e a inserção social são construídas a partir das relações que estabelecemos com outras pessoas (Santos, 2014).

As alunas Helenira Resende e Débora Seabra de Moura também trazem considerações sobre o pertencimento:

(028) **Você se sente pertencente a esse ambiente?** Não. **Nem confortável?** Não. É vivível que não foi feito para mim, que eu to, é, como se todos os dias eu tivesse que conquistar o espaço. **Uma luta diária?** Aham. (Helenira Resende)

(029) Não, não sinto que eu pertenço, mas ao mesmo tempo eu não me enxergo em outro curso. É, é tipo assim confortável, você fala de poder fazer o que eu quiser, né? Então, não, não me sinto. (Débora Seabra de Moura)

Os dois fragmentos demonstram um certo desconforto e sensação de não serem bem-vindas nesse ambiente. No primeiro trecho, a pessoa entrevistada relata que não se sente pertencente nem confortável no ambiente acadêmico, e que, diariamente, é como se tivesse que lutar para conquistar espaço. Essa fala pode ser relacionada com a teoria da representação social de Moscovici (2003) que trata do processo pelo qual um grupo social constrói uma representação da realidade e a transmite para seus membros. Nesse sentido, o ambiente acadêmico engloba um grupo social que constrói uma determinada representação do que é ser um estudante universitário, e essa representação pode excluir ou marginalizar pessoas que não se enquadram nos padrões estabelecidos.

No segundo trecho, Débora relata que não se sente pertencente ao ambiente acadêmico, mas, ao mesmo tempo, não se enxerga em outro curso e não se sente confortável em relação à possibilidade de fazer o que quiser. Essa fala pode ser relacionada com a teoria da identidade social de Tajfel e Turner (1978) que trata do processo pelo qual um indivíduo se identifica com um determinado grupo social e adota uma identidade social correspondente.

Nesse sentido, a entrevistada pode estar se identificando com o grupo social dos estudantes universitários, mas, ao mesmo tempo, sentindo que não se enquadra completamente nesse grupo e que sua identidade social é limitada pelas expectativas e normas do ambiente acadêmico.

Ambos os trechos também revisitam a questão da luta por espaço e reconhecimento em um ambiente que seja excludente ou marginalizador. Nesse sentido, os trechos podem ser vistos como expressões da luta por reconhecimento e igualdade em um ambiente onde as relações de poder e dominação podem estar presentes de diversas formas.

Uma importante consideração a ser feita a partir da análise desse tópico é como a permanência simbólica dessas estudantes é afetada. A permanência simbólica diz sobre os alunos poderem vivenciar a universidade e se identificarem com o grupo dos demais estudantes, se reconhecer, pertencer aquele grupo (SANTOS, 2010). Dessa forma, é possível perceber que essas alunas não possuem permanência simbólica, uma vez, que não se sentem pertencentes aquele ambiente, não se sentem representadas. Além disso, é possível perceber como a reprodução social de opressão as menores, desperta nas alunas o sentimento de não pertencimento de não lugar.

Com base nos dados analisados, conclui-se que um número significativo das estudantes de engenharia, não se sentem pertencentes ao ambiente acadêmico. A maioria das estudantes entrevistadas atribuiu esse sentimento à predominância masculina na área. Essa falta de pertencimento pode ter impactos negativos na autoestima e motivação das alunas, o que pode levar a taxas mais altas de desistência e menor participação em atividades extracurriculares. É importante que as instituições de ensino e os professores sejam proativos na criação de ambientes inclusivos e equitativos que valorizem a diversidade e incentivem a participação ativa de todos os alunos, independentemente de sua origem ou gênero. Além disso, é fundamental serem desenvolvidas políticas e programas específicos para aumentar a representação feminina em áreas como a engenharia, a fim de garantir uma força de trabalho diversificada e inovadora.

4.4 A desistência do curso por conta do gênero

Estar em um curso dominado masculino traz diversos obstáculos e desafios para as mulheres, e muitas dessas alunas acabam pensando na desistência do curso, tendo em vista

tais dificuldades. Das 18 entrevistadas, 5 relataram que já consideraram desistir do curso por ser uma das poucas mulheres matriculadas. Quatro alunas relataram que já pensaram em desistir, mas por outros motivos, principalmente pela dificuldade em acompanhar as exigências do curso. Um fato interessante é que cinco entrevistadas disseram que nunca tiveram vontade de desistir, apesar das dificuldades, e defenderam a importância de não desistirem e estar naquele espaço. A seguir analisaremos excertos dos depoimentos de nossas entrevistadas que tratam desta questão, com base em suas diferentes percepções e vivências.

A aluna Maria Guilhermina Loureiro de Andrade relata que já pensou em desistir no início:

(030) Eu já pensei muito no início, assim, no início da faculdade, porque na época do técnico nem pensava muito sobre, assim, na verdade, até o terceiro ano. Assim, na época, comecei a pensar mais sobre isso, e aí eu as poucas professoras que eu tive também sempre conversando sobre isso. A minha orientadora, inclusive, fala muito sobre isso. Então, assim, eu pensava muito, falou assim a, eu vou ter que é tentar estar estágio mesmo, várias opções diferentes. Porque se eu focar só em uma, mas chega lá, não é o que eu esperava. De nessa questão de ser mulher. Então, eu já pensei muito, mas não quis. Eu não, não pensei em nenhum momento “vou desistir” porque não vai ser uma área que eu vou conseguir crescer. Aos poucos eu fui vendo que isso foi mudando aos pouquinhos, assim. E aí me dá mais vontade mesmo. Acho que me dá mais vontade ainda de continuar nessa área para poder chamar as pessoas também.

A aluna relata que no início teve pensamentos em desistir, mas conversou com sua orientadora e, aos poucos, foi entendendo que tinha mais vontade de continuar do que desistir. É possível perceber que o pensamento da desistência passou por sua cabeça, mas que a persistência em terminar o curso e vencer esse obstáculo foi maior.

Débora Seabra de Moura também aborda esse processo do pensamento de desistência:

(031) Ah, várias vezes, várias vezes, né? Pelo curso também ser um curso difícil, né? Se acaba sendo mais longo do que ele era predefinido, isso me desmotiva demais. Mas a maioria das vezes é por questão de, tipo assim, não é uma coisa que eu chego aqui no curso e eu falo assim, “nossa, eu pertencço a esse lugar”, sabe?” Ali, sensação de pertencimento, eu não tenho. Aqui, eu nunca tive para falar a verdade. Uma coisa que às vezes eu acharia que seria diferente se eu tivesse em outro curso, tipo educação física, psicologia, porque eu até vejo a galerinha assim postando. A minha... minha amiga é de tal curso um monte de garotas saindo essas coisas eu não tenho aqui, sabe? É muito raro.

No fragmento discursivo acima podemos ver que a aluna reforça o pensamento de desistir com a expressão “várias vezes, várias vezes” repetindo a fala, podendo expressar a intensidade que esses pensamentos já passaram em sua mente. Além disso, a aluna ainda aponta como isso é algo desmotivador, evidenciando que, às vezes, a desistência é uma saída que elas encontram para deixar esse lugar que, como Débora colocou, pode não lhes despertar o sentimento de pertencimento.

Iara Iavelberg relata que os comentários preconceituosos feitos em sala de aula por professor é um dos motivos que causa esse sentimento de desânimo nas alunas:

(032) Mas comentários mesmo dentro de sala de aula que nos desanima, eu tenho certeza que muitas das mulheres que tentaram sair da engenharia, desistiram por causa de certas coisas que aconteceram, certeza absoluta, porque eu já ouvi falar. Eu sei de professor que falou que a menina não deveria estar ali porque ela era mulher.

Este relato aborda, como já mencionado, um ponto importante na vivência acadêmica das entrevistadas relacionado à violência institucional sofrida pelas discentes, praticada por docente, do sexo masculino, que, em seus discursos, nos espaços que compõe a infraestrutura universitária e legitimados pelo lugar de prestígio que a docência proporciona na hierarquia acadêmica, usam desse espaço e lugar de fala para deslegitimar o direito das mulheres, por sua capacidade e livre escolha vocacional, se fazerem presentes nos cursos de engenharia e fazerem da mesma a sua futura profissão. Essa violência institucional, embora localizada nas percepções e atos preconceituosos de um ou apenas poucos docentes, é muito grave e precisa ser combatida pela própria instituição de ensino superior a partir de eventuais denúncias que possam ser realizadas pelos discentes que as testemunhem. Embora, deve-se supor, que os discentes, em especial as mulheres, diretamente afetadas por esse preconceito, não se sentem seguras o bastante para representar queixa formal contra esse tipo de atitude. Cabe ressaltar na análise, também, que o desconforto que as alunas sentem em relação a frequentar o Diretório Acadêmico, dominado pelos discentes do sexo masculino, enfraqueça as possibilidades da representação estudantil atuar institucionalmente em favor das mesmas.

Bertha Luz também aborda esse desmerecimento da mulher nesse ambiente:

(033) Olha, assim, o curso é um curso cheio de homem e por eles me incomodarem, não, mas por o depois, o arrumar emprego, ser mais difícil pra mulher, isso já vem, pensei, já me falaram isso também, tipo, “Ai, você é mulher, você não vai

conseguir”. E mas assim, isso é real, porque é se você for ver, é, você pensa um bombeiro, a minha irmã, que tentar tem pouquíssima vaga para a mulher. E pra homem tem um monte, entendeu? Ai deu vontade de desistir realmente, profissionalmente, entendeu? Não por causa da convivência aqui, mas depois mesmo.

O medo do mercado de trabalho aflige também as estudantes. Bertha Lutz relata que já lhe falaram que não iria conseguir por ser mulher. E a aluna acredita nessa afirmação ao dizer que: “Isso é real”, uma vez que as vagas de empregos não são distribuídas igualmente entre homens e mulheres. Todo esse processo fez com que Bertha tenha vontade de desistir de concluir seu curso, uma vez que além de todas as dificuldades enfrentadas na faculdade, a aluna enxerga que no mercado de trabalho será ainda mais difícil.

A aluna Janaína da Silva Bezerra fala sobre sua experiência como sendo uma das poucas mulheres em curso dominado masculino, ao ser perguntada sobre se já pensou em desistir por ser uma das poucas mulheres na turma. Ela disse:

(034) Eu acho que a gente sempre tem uma recaída. Mas assim, mas acho que muitas vezes foi o meu gás de terminar o curso, sabe, de se provar que as pessoas estão erradas nesse sentido acho que às vezes essa é minha motivação de vez em quando. **Mas você já pensou em desistir? Já. Pelo fato de ser mulher?** É de não se sentir representada, de ser um curso extremamente machista e assim a gente ver que mesmo com essas situações assim a faculdade, a faculdade se diz muito inclusiva né, diversa e inclusiva, mas eu vejo que a UFJF ela fala que tem muita diversidade e inclusão quando de fato ela não tem, é só meio que pra inglês vê. Acho que é até um ponto assim, acho que tem muito a melhorar, quando eu penso nos professores eu vejo isso, porque vários estão sendo processados por assédio, esse tipo de coisa, e a UFJF deixa eles trabalhando plenamente, e não faz nada.

Analisando o fragmento discursivo acima é possível perceber que a aluna pensa em desistir do curso por conta do seu gênero. A análise lexical da palavra “recaída”, utilizada pela entrevistada, indica a recorrência do questionamento íntimo quanto à permanência no curso. Além disso, ela coloca que “Foi o meu gás de terminar o curso sabe, de se provar que as pessoas estão erradas nesse sentido, acho que às vezes essa é minha motivação de vez em quando”, sendo uma colocação relevante, uma vez que um importante fator motivacional para a aluna consiste em provar, para terceiros, que, fica subentendido no texto, duvidam de sua

capacidade de permanecer e concluir o curso, por ser uma mulher em uma área dominada pelo masculino.

Janaína ainda aborda outro ponto relevante ao tratar da representatividade na universidade. Janaína pontua que há uma discrepância entre o discurso organizacional, que apresenta a UFJF como instituição preocupada em garantir diversidade e inclusão em seu meio, e a realidade da práxis organizacional, onde ocorreria a reprodução das violências, tais como o racismo, sexismo, homofobia e assédios, que, assim como na sociedade, vitimizam as minorias que, tradicionalmente, são as suas destinatárias. A discente reforça sua colocação com a observação: “quando eu penso nos professores eu vejo isso, porque vários estão sendo processados por assédio, esse tipo de coisa, e a UFJF deixa eles trabalhando plenamente, e não faz nada”. O uso do verbo deixar ao se referir à ação da UFJF frente aos casos de assédio denota uma percepção, por parte da entrevistada, uma certa leniência institucional em favor dos docentes acusados de transgressões. Essa percepção é reforçada com o uso do léxico plenamente, adjunto adverbial associado no excerto ao verbo trabalhar, indicando que ela não reconhece a adoção de medidas que afastem docentes acusados de assédio de suas atividades laborativas, em especial aquelas relacionadas à sala de aula e contatos direto com discentes, permanecendo a possibilidade de contato direto entre eventuais acusados e suas eventuais vítimas no cotidiano acadêmico durante o transcurso dos processos administrativos. Outra possibilidade de interpretação semântica para a expressão “trabalhando plenamente”, do excerto selecionado, seria uma atitude altiva dos docentes, mesmo respondendo a processos, mediante a certeza da impunidade por um comportamento corporativista da instituição, visto que, para a discente, a UFJF “não faz nada”.

Enquanto algumas das entrevistadas vivenciaram conflitos íntimos pensando em desistir de seus cursos, motivadas pelas situações acadêmicas e não acadêmicas já explicitadas até esse momento da análise, outras, como a aluna Dilma Rousseff, parecem ter uma visão mais positiva ante as adversidades que as auxiliam a seguir em frente com seus planos de carreira. Vejamos o que diz Dilma Rousseff sobre já ter pensado em desistir por conta de seu sexo:

(036) A não, a esse ponto, não. Porque aí, eu, já nesse caso, já penso em contrário. Por mais que se a gente tem um movimento de se reter um pouco, né, pra evitar isso. Acho que tem um peso muito grande também eu ser mulher aqui, formar aqui, ser engenheira. Pra nossa engenharia elétrica que, né? Tem todo, né? Em volta por ser da engenharia elétrica. Então assim, não, não vou desistir, pelo contrário,

justamente para terminar e, não, a gente é capaz em qualquer, não só na área de cuidados. A gente também... que a gente tem que reforçar, né? É, é o todos os passos, né? Então se preocupar com todos os passos, que a gente é capaz de estar onde a gente quiser.

A aluna observa que desistir não é uma opção, uma vez que conseguir se formar é algo muito importante, para ela e, também, para todas as mulheres da engenharia que podem se inspirar e se sentir mais confortável naquele ambiente. Apesar disso, a aluna relata que se “retém um pouco”. Então, a análise discursiva indica que ela consegue observar que o ambiente é adverso para as mulheres, que existem preconceitos. Daí ela sente a necessidade de se “reter”. Pela análise lexical dessa palavra, que tem como significado “guardar, conservar”, é possível perceber que a escolha da aluna pela mesma representa bem esse sentido. Ela precisa se guardar, se conservar nesse ambiente para conseguir passar por essas barreiras, para estar e permanecer naquele ambiente e atingir seu objetivo de se graduar em Engenharia Elétrica, auxiliando no desbravamento da área para outras mulheres.

Outra colocação importante de Dilma é sobre as mulheres serem capazes em qualquer área e não só na área dos cuidados, sendo possível perceber que a aluna tem entendimento da discussão de que as mulheres estão mais presentes nos cursos dos cuidados, e que ela, como uma mulher que rompe esse estereótipo e vai para uma área dominado masculina, passa pelos desafios diários oriundos de sua escolha. Mas isso não faz com que queira desistir ou a faz se sentir incapaz. Ela tem uma motivação em ser uma das poucas mulheres ali para ser exemplo e referência para outras mulheres e, também, para si mesma, provando ser possível vencer as barreiras acadêmicas e profissionais impostas às mulheres pelos preconceitos de uma sociedade machista.

Iara Iavelberg, por sua vez, não pensou em desistir por conta do gênero, mas traz uma importante colocação:

(037) Não por esse motivo, por outro já. Por esse não, porque é uma coisa que eu quero muito ver, e não só no Brasil, mas no mundo, é mulher tendo um respeito só de respeitar, não porque tem homem envolvido, não porque sei lá porque a sua chefe você deve respeito a ela. Um respeito por respeito, igual respeita um cara igual você chega, porra. E cumprimenta normal. Você se a pessoa tem a liberdade pra abraçar você abraça, se não, é isso e não só com homem, com mulher.

Apesar de não ter pensado em desistir por conta do seu gênero, através da sua fala é possível observar que a aluna observa os preconceitos desse ambiente. No entanto, ela tem um fator motivador importante e forte o suficiente para auxiliá-la a prosseguir e alcançar seus objetivos. Iara coloca que quer ver a mudança, no Brasil e no mundo, para as mulheres terem mais respeito. Além disso, ela coloca a importância desse respeito ser para todas, independentemente da função desempenhada, uma vez que muitas mulheres, às vezes, só são respeitadas por conta de suas posições de poder. Portanto, vencer as barreiras de gênero e auxiliar na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde as mulheres recebam o devido respeito social, é o fator motivacional que tem impulsionado Iara Iavelberg e a afasta de pensar em desistir.

Além disso, ainda tratando da questão do respeito, ela aborda os limites que tangem os processos de assédio, em termos de contatos físicos: “Você se a pessoa tem a liberdade pra abraçar você abraça, se não, é isso e não só com homem, com mulher.” Sendo uma colocação muito importante, por ser urgente o respeito aos limites em relação ao corpo alheio. A fala de Iara reforça a importância e a necessidade dos avanços contra o machismo, em especial contra o assédio sexual, não só no Brasil como no mundo. Isso porque, ser mulher, em qualquer país do mundo, não a isenta de passar por situações desconfortáveis por conta do seu gênero.

Aurora Maria Nascimento Furtado relata que não pensou em desistir, mas que se sente desmotivada:

(038) Desistir não, já me senti desmotivada em alguns momentos, mas eu acho que a gente tem que fazer é justamente sobre o contra, né? Tipo assim, cara, é, eu sou minoria, a tendência, todo mundo queria fazer eu desanimar, então a gente se unir, levar como desafio, né? Como? Um incentivo, mesmo, de tão duvidando, então é isso mesmo que eu vou fazer. O mercado de trabalho dá uma desanimada né, gente? Assim, dependendo, é nessa parte final que a gente vê muito estágio, processo seletivo, até alguns que a gente, já cheguei a ver e-mail que falava que era vaga preferencialmente para homem. Isso dá um dá um baque, a gente dá um impacto, mas eu estou persistindo aí, quero é tentar fazer a mudança, né? A gente tem que ter esse pensamento de que vou conseguir fazer diferente, sim.

Apesar de não ter pensado em desistir, Aurora se sente desmotivada, o que em algum momento pode influenciar na sua permanência no curso e influencia no seu dia a dia nesse ambiente. Porém, a aluna coloca a necessidade da união entre as mulheres que pode servir como um fator motivador para continuarem ante as dificuldades. Aurora usa a expressão

“levar como um desafio”. É possível analisar que a aluna entende que toda essa situação se mostra como um desafio, a exemplo de uma competição, como algo possível de se enfrentar e vencer, de forma que tenta não deixar tais desafios prejudicarem sua permanência.

Porém, ao olhar para o mercado de trabalho, o desânimo aparece novamente, ao perceber a reprodução dos preconceitos relacionados às mulheres na área das engenharias em ofertas de vagas em empresas que, mesmo utilizando o termo “preferencialmente” para camuflarem seu sexismo, reforçam a masculinidade como requisito. Tal situação é inaceitável, pois mulheres também poderiam desempenhar a função já que passam pelo mesmo processo de formação que os homens sendo, portanto, qualificadas para a profissão. Situações como essa favorecem o sentimento de desânimo, como reforça os termos “baque” e “impacto” utilizados pela aluna. A utilização desses termos conota algo que realmente é inesperado, choca, causa um desconforto. Situações como a relatada pela entrevistada evidenciam a necessidade das mulheres desenvolverem uma capacidade de resiliência maior daquela exigida aos homens, visto que tendem a ser sempre mais cobradas, julgadas e preteridas no mercado de trabalho. Baixa resiliência favorece a desistência feminina e, conseqüentemente, favorece a manutenção dos espaços de poder masculinizados. Sem uma capacidade diferenciada de resiliência, associada a uma boa disposição para a disputa nos espaços de poder, a que Bourdieu chamava *Illusio*, restam poucas chances para as mulheres.

Aurora, também, aborda sobre a importância da união entre as mulheres para superar esse processo:

(039) Não por esse motivo. Já pensei em desistir, mas não por ser pouca mulher. Que igual eu te falei, eu tenho um ciclo muito feminino. Então isso nunca me incomodou. (silêncio)

Nísia não pensou em desistir por conta do seu gênero por justamente ter um círculo de amizades feminino, que reforça mais uma vez a importância da rede de apoio e de maior representatividade. Apesar de colocar que isso nunca a incomodou, houve um breve silêncio após essa fala, o que pode representar, na percepção da pesquisadora, que talvez não seja algo que, de fato, nunca a incomodou.

Anália Emília Franco também aborda esse processo, que por ter um apoio feminino não teve vontade de desistir:

(040) Há, não, momento algum, momento algum. A sorte é que eu tinha outra menina também e a gente sempre se apoiava muito nesse quesito, mas eu sempre,

eu sempre tive muitos amigos homens também. O que era tipo assim, desde a minha adolescência, sempre me relacionei muito bem com os meninos, eu tinha amigas, meninas, mas era um tipo assim, poucas, um grupinho assim, sabe, de 4 meninas? Eu sempre tive muitos amigos meninos, mais homens, então, eu sempre lidei bem com isso.

Ter uma colega que a apoiava nesse ambiente a ajudou a permanecer e lidar com as dificuldades. Além disso, Anália relata que sempre teve uma boa relação com homens, o que a ajudou a estar em um ambiente dominado masculino. Nesse sentido, é possível analisar que as mulheres que, de certa forma, conseguem ser incluídas nesse meio masculino, passam por menos dificuldades por estar nesse ambiente masculino, uma vez que se acostumam a estar em ambientes dominados masculinos e se moldam para serem aceitas e estar nesses ambientes. Outro fator a se pensar sobre as amizades masculinas de Anália diz respeito a uma eventual proteção que a sua participação em um grupo de homens pode lhe proporcionar em relação a outros homens que não fazem parte do mesmo. Em uma lógica grupal territorialista, de caráter machista, os homens, embora compitam uns com os outros, também tendem a respeitar o território e “patrimônio” de outros homens, quando querem evitar conflitos. Nessa lógica machista, onde a mulher é objetivada, pertencer a um grupo masculino pode acarretar em pretensas vantagens, conferindo-lhes mais facilmente o sentimento de estarem sendo protegidas.

Enedina Alves Marques fala sobre sua dedicação e foco e como isso faz com que ela não queira desistir do curso:

(041) Eu sempre fui, é, eu sou uma pessoa muito, assim, focada. Então, se eu quero uma coisa, eu boto uma coisa na cabeça, eu vou atrás até o final. Isso para mim é só uma pedra no meio do caminho, sabe? Lidar com pessoas. Não sei se posso falar isso, mas umas pessoas sem noção. Umas pessoas que não sabem das coisas, porque para mim, uma pessoa que é qualquer tipo de extremo negativo, né? Racista, homofóbico, machista, essa pessoa, para mim, ela é sem noção. Então isso são pedras. Infelizmente a sociedade está cheia dessas pessoas. E elas não vão atrapalhar seguir, do meu objetivo, sabe, o meu objetivo é formar e fazer minha faculdade e atuar na área. É tipo assim, poder ajudar alguém, eu vou fazer, vou chegar até o final. Não vão ser pessoas ruins que vão tentar me atrapalhar no meio do caminho, que vão conseguir, elas não vão.

O foco de Enedina em seus propósitos a ajuda como fator motivacional para não desistir. Porém, esse foco e dedicação pode ser analisado como mais uma evidencia da necessidade das mulheres sempre precisarem se esforçar mais do que é cobrado aos homens,

se dedicarem ainda mais, em especial no que se refere ao objeto de estudo deste trabalho, por estarem nesses ambientes dominado masculinos. A aluna se utiliza de uma metáfora ao utilizar a expressão “uma pedra no caminho” ao se referir às dificuldades em lidar com as pessoas em sociedade, das dificuldades da convivência social em si. Esse trecho é muito significativo, sendo as dificuldades da convivência social reforçadas por outras colocações, como quando se refere às “pessoas sem noção” que, depois, ela caracteriza como sendo aquelas que são racistas, machistas, homofóbicos. São esses tipos de pessoas que ela atribui como sendo as pedras no seu caminho. Não obstante, as “pedras no caminho”, a aluna se mostra bem firme quanto ao seu objetivo de se formar. O discurso de Enedina evidencia que ela se utiliza das dificuldades como um motivador para vencer os obstáculos.

Lúcia Murat também utiliza dessas situações como motivação para continuar no curso e não desistir:

(042) Cara, não. Não, por isso não, tipo assim. É, acho que o que, tipo assim não me deu me fez mais forte essas frases bem clichê, mas tipo, tudo que aconteceu comigo, tudo que eu passei, tudo que eu sofri. É, eu acho que infelizmente, tipo assim, meio que criou uma casca muito grossa em mim. Então, eu nunca pensei em desistir por causa disso. Tipo assim mesmo que às vezes eu não me sinta, aí eu me sinto meio desconfortável, ou meio coisa, tipo assim, ao mesmo tempo, sei que eu estou num lugar, sabe? Eu estou ocupando meu lugar de direito, eu tenho direito de estar ali de tipo, tá, vivendo essa experiência. Então eu sempre tento colocar muito isso na minha cabeça. E então, assim já pensei em desistir por outros motivos. Mas até que por isso, não.

Lúcia Murat utiliza das suas vivências como força de motivação e, também, de proteção. A aluna diz que “criou uma casca grossa” em si. Ela se utiliza dessa metáfora para justificar como todas as situações difíceis que passou fizeram com que ela criasse uma barreira, uma forma de se proteger nesse ambiente e de situações desconfortáveis. Mais uma evidência da importância da resiliência para as mulheres se fortalecerem na luta das relações de poder. É por isso que, apesar de ter vivenciado situações difíceis na faculdade, relata nunca ter pensado em desistir do curso, mesmo não se sentindo tão confortável.

Outro apontamento relevante no discurso de Lúcia refere-se ao entendimento dela de que o lugar que ocupa na universidade lhe pertence, por direito. Esse sentimento de propriedade é importante e complementar ao sentimento de pertencimento já tratado no tópico anterior. Não basta às mulheres se sentirem pertencentes, incluídas no ambiente acadêmico de cursos socialmente vistos como masculinos. É imprescindível, de fato, que

desenvolvam, assim como Lúcia busca fazer, a certeza de que os lugares que ocupam na academia ou ocuparão no mercado de trabalho lhes pertencem, foram conquistados por elas e, mediante seus esforços, poderão deixar de ser vistos, no futuro, como pertencentes ao universo masculino, assim como já ocorreu às demais profissões imperiais, o direito e a medicina.

Marielle Franco relata que não pensa em desistir, justamente, porque é o que sociedade espera:

(043) Eu não penso em desistir porque eu penso que, se eu fizer isso, é... vou tá fazendo o que eles querem, sabe? Eu vou chegar lá, aí ele vai começar a me inferiorizar, aí vou falar, então, tá bom, não é meu lugar, que não é meu lugar, o que pô . Aí eu vou lá. Por isso que eu estou te falando na frente dele, eu faço uma coisa, eu grito, fala, olha aqui, né? Ou sei lá o que eu faço, mas vou fazer alguma coisa. Por trás, eu viro as costas, eu choro, mas na frente outra coisa, a gente tenta enfrentar.

A aluna faz uma afirmação forte ao dizer que não pensa em desistir porque estaria fazendo “o que eles querem”. O pronome “eles”, presente na seleção lexical destacada, pode ser analisado como representando a parcela da sociedade que tem uma visão machista e acredita que esse ambiente não é para mulheres, que elas não têm capacidade e não irão conseguir. Marielle Franco parece ter uma postura combativa e evidencia não deixar se abalar por comentários que buscam inferiorizar e desacreditar a mulher, como demonstra a colocação “eu estou te falando na frente dele, eu faço uma coisa, eu grito”. Nesse excerto é possível observar como a aluna evidencia uma mentalidade de resistência ao poder dominante, buscando enfrentar essas situações e comentários de frente. Sua resistência e combatividade demonstra ser uma estratégia de sobrevivência a esse ambiente, que pode ser reforçada por essa fala subsequente: “Por trás, eu viro nas coisas, eu choro, mas na frente outra coisa, a gente tenta enfrentar”. Em sua estratégia, quando em frente aos adversários, ela se impõe e esconde suas eventuais fraquezas. Mas quando fora da vista daqueles com quem disputa poder, pode-se permitir chorar, evidenciando que ela utiliza desse enfrentamento como uma forma de subversão a esse ambiente dominado masculino. Marielle Franco parece defender que, para a mulher ser respeitada e ouvida, ela precisa se impor, levantar sua voz e, se necessário e conveniente, reprimir a si mesma e às suas emoções para ser validada como alguém que sabe exercer poder.

Beatriz Cerqueira e Helenira Resende abordam sobre a desmotivação ao pensar o ambiente de trabalho:

(044) Eu já pensei, tipo assim, na dificuldade, tal tipo, nossa, o que que eu arranjei da minha vida? Muito voltado para o mercado de trabalho, não aqui para dentro, tipo assim, não por alguma coisa aqui dentro, mas sim pensando no futuro, porque eu sei que o futuro vai ser muito pior que aqui dentro da universidade. Eu acho, né? Eu acredito, é porque até ter essa transição. Igual eu falei, tem eu acho que eu estou vendo mais bem, mais mulheres agora, mas é uma transição até as mulheres formarem e conseguiram ingressar no mercado, tipo, vai demorar uns anos para isso, mudar um pouco, então eu tenho muito mais medo do mercado de trabalho mesmo, sabe? Só que às vezes eu vou para a área de gestão, então porque é uma área que eu gosto também, vai ser mais fácil realmente nesse quesito de não que a área de gestão seja fácil, mas a nesse quesito de representatividade ela é mais fácil. eu tenho medo real e eu sigo página, tipo assim, no Instagram eu já vi várias vezes a requisitos da vaga ser homem tem sim explícito e é tipo proibido. Não pode colocar uma coisa dessa e a pessoal denúncia a empresa e tal, mas é aquela coisa. Às vezes a empresa não vai colocar explícito, então ser homem, mas aí ela vai chamar todo mundo para entrevista. Com a mulher, ela já vai cagar vai, não vai contratar não, porque eu quero que seja homem, então sim, sim, aí eu tenho, eu tenho real medo disso, mas eu já me preparo psicologicamente, tipo assim, a cada período, pra chegar igual falei chegar igual eu faço a postura que eu já tenho aqui dentro, só que pior, fechado, cara séria e trabalhando para caramba, pra me provar, é isso? Tipo, é a minha saída, não tem muitos o que eu posso fazer a mais que isso. (Beatriz Cerqueira)

(045) A, acho que por um eu já pensei em desistir, mas não só por isso, tipo várias coisas. Acho que não por essa questão de ser um ambiente masculino, essa questão, talvez não influenciou tanto, porque aqui dentro não era tão assim, tão discriminante pelo menos eu tive sorte de ter professores que não me tratavam diferente também. Só depois quando eu comecei a trabalhar que eu comecei a ter uma visão um pouco diferente. Eu acho que talvez, se eu não tivesse no final, eu teria pensado desistir. **Mas o gênero iria influência assim?** Uhum. (Helenira Resende)

A aluna Beatriz aborda a dificuldade de estar em um curso dominado masculino, e sua preocupação com o mercado de trabalho, o que já fez com que ela pensasse ir para a área de gestão, onde há maior representatividade feminina e, por essa razão, ela enxerga que seria mais fácil se estabelecer profissionalmente. É possível verificar que, ante as adversidades relacionadas ao seu gênero, a aluna pensa até em mudar de área para, de certa forma, não precisar enfrentar as situações desagradáveis presentes em uma área tão dominada pelo masculino.

Dentre tais situações, ela aborda os exemplos de ofertas de vagas de trabalho que, a despeito da lei, estipulam o sexo masculino como critério objetivo necessário para a candidatura a uma delas. Beatriz fala: “eu tenho real medo disso, mas eu já me preparo

psicologicamente”. A aluna sente medo em participar dos processos seletivos ofertados no mercado de trabalho e ser preterida apenas pelo fato de ser mulher. Ela precisa, como disse, até se preparar psicologicamente para isso, esperando evitar que violências simbólicas ou concretas aos seus direitos não lhe afetem o ânimo e lhe proporcionem adoecimento mental.

Helenira Resende também aborda essa questão do mercado de trabalho. Embora não tenha se queixado das experiências vividas na universidade, no que se refere à possibilidade de ter pensado em desistir do curso, foram as experiências no mercado de trabalho que a levaram a ter uma visão diferente. Como colocado por ela: “se eu não tivesse no final, eu teria pensado desistir”. Pode-se perceber que as experiências preconceituosas vividas no mercado de trabalho constituem um dos motivos que fazem com que as alunas pensem em desistir do curso, uma vez que, além de todo o desconforto que as violências sofridas lhes proporcionam, geram insegurança quanto às possibilidades de sucesso profissional no futuro, podendo induzir a impressão de que estão investindo em uma carreira que, por conta do preconceito de gênero, pode não lhes ser exitosa. Como falado por Helenira, sua experiência trabalhando na área a fez questionar sua continuidade no curso. Porém, como ela se encontra no fim do curso, usou esse fato como motivação para terminar.

A partir da análise deste tópico é possível perceber que 5 das entrevistadas relataram já terem pensado em desistir do curso por ser uma das poucas mulheres no curso. Além disso, muitas entrevistadas relataram a falta de motivação e as dificuldades por estarem em um ambiente dominado masculino. Muitas alunas relataram que apesar das dificuldades utilizam disso como um fator motivador para continuar no curso e se formarem e assim, inspirar e representar outras mulheres.

Apesar de várias relataram que não pensam em desistir, é possível relacionar com o “mito da guerreira”, onde a mulher precisa aguentar tudo, fazendo com que se naturalize as violências vivenciadas no cotidiano. Uma vez que ela precisa enfrentar tudo e todos.

Um fator importante é a representatividade, as alunas que possuíam uma rede de apoio feminina não tiveram vontade de abandonar o curso, por possuírem essa representatividade e não estarem sozinhas nesse ambiente dominado masculino. Já as que não tinham esse apoio relataram, justamente, a importância da união e representatividade para a permanência das alunas. As mulheres passam por desafios uno no ambiente acadêmico e profissional, falta de apoio, discriminação de gênero, falta de representatividade que colaboram para taxas altas de desistência (HALPERN; ELIAS, 2008).

Além disso, o mercado de trabalho se mostra como um dos fatores que fazem as alunas pensarem em desistir do curso, uma vez que ao entrarem no mercado de trabalho, buscarem vagas se deparam com vagas exclusivas para homens, apesar de ser proibido, o que gera desânimo com a profissão. Ademais, as dificuldades vivenciadas em um ambiente, tão dominado masculino quanto a universidade.

Diante do que foi exposto, é possível observar que a falta de representatividade na universidade se reflete no mercado de trabalho, uma vez que se tem poucas alunas nos cursos e poucas se formando, no mercado de trabalho não diferirá, a realidade é de poucas mulheres trabalhando nessas áreas majoritárias masculinas. Sendo assim, é necessário maior inserção das mulheres nesses cursos, com incentivos e acompanhamento, além de buscar minimizar as dificuldades por conta do gênero, fazendo com que a universidade seja de fato um ambiente acolhedor e para todos.

4.5 Desafios e barreiras

Ser uma das poucas alunas em um curso dominado masculino coloca diversos desafios e barreiras para essas estudantes. Dessa forma, buscou-se identificar, através das entrevistas, quais são, especificamente, essas barreiras/desafios enfrentadas pelas alunas.

Aurora Maria Nascimento Furtado aborda a diferença no tratamento entre homens e mulheres:

(046) Diretamente, é difícil de falar, porque eu acho que a tendência é nossa, né? É sempre está sendo de amenizar esse tipo de desigualdade. Então, no dia a dia você não tem mais aquilo escancarado e o professor fala alguma coisa, alguma crítica, né? Diretamente por você ser mulher, mas a gente sente algumas vezes em algumas aulas, até práticas, por exemplo, que o professor ele tem uma visão diferente de um grupo formado por meninas e de um grupo formado por meninos, né? Às vezes a gente percebe que eles ficam mais atenciosos com a gente, né? No sentido de o preconceito mesmo, de achar que os meninos ah eles conseguem desembolar, conseguem fazer. E as meninas vou dar uma atenção a mais, porque pode ser que elas tenham alguma dificuldade, sem se basear em nada, né? Só puramente no achismo deles. Então, esse tipo de situação é chata, é difícil de passar e até em sala de aula mesmo tem professor que não diretamente, mas a gente vê que eles dão mais atenção para as dúvidas dos meninos. Ali não é tão escancarado, mas a gente percebe. **É velado né? É.**

Na seleção lexical acima é possível analisar que Aurora tem dificuldade de identificar quais barreiras enfrenta num primeiro momento, por vivenciar isso diariamente e tentar, como falado pela aluna, “amenizar” esse tipo de desigualdade. A palavra amenizar possui como significado “tornar(-se) ameno, brando; suavizar(-se), abrandar(-se), menos penoso, custoso ou difícil”. A amenização da percepção da desigualdade no tratamento de homens e mulheres no curso parece ser uma tática, no sentido cereteuniano, de sobrevivência no ambiente. Enquanto as desigualdades não são superadas, busca-se não problematizar demasiadamente as dificuldades para poder enfrentá-las diariamente.

Além disso, Aurora Maria Nascimento identifica que os professores têm um tratamento diferenciado para homens e mulheres, sendo mais “atenciosos” com as mulheres como se elas precisassem de maior atenção, por força de uma percepção preconceituosa desses professores, como colocado pela aluna. Aurora usa a expressão “sem basear em nada” para demonstrar que isso ocorre mesmo que as alunas não apresentem dificuldades, de tal forma que os professores apenas pressupõem que, por serem mulheres, irão ter dificuldades e, por essa razão, buscam ter um tratamento diferenciado para com elas. Por outro lado, paradoxalmente, Aurora percebe que quando os discentes possuem dúvidas legítimas, os professores dão mais atenção às dúvidas levantadas pelos alunos homens do que as levantadas pelas mulheres. Aqui é possível observar a discrepância entre tratamentos. Mesmo sem apresentarem dúvidas as mulheres recebem um tratamento como se tivessem defasagem nos conhecimentos, mas quando realmente manifestam dúvidas não recebem atenção semelhante à dispensada aos alunos homens.

As mulheres são constantemente subestimadas e menosprezadas sobre sua capacidade de liderança, sua inteligência e habilidades. Isso acontece em diversos contextos, como em pessoais e profissionais, afetando a autoconfiança e o sucesso dessas mulheres em suas carreiras e vida. É necessário assumir, reconhecer, valorizar plenamente o potencial das mulheres para que se tenha uma sociedade de fato mais justa e igualitária para todos (CLINTON, 2017). Além disso, as mulheres são diariamente não ouvidas em debates e decisões importantes, o que faz com que suas opiniões e ideias não sejam valorizadas (GATES, 2019).

Bertha Luz também aborda sobre a não validação da fala e, também, sobre “piadas” feitas pelos professores:

(047) Acho que a essa questão, assim, de não validar, então quando a gente fala né, quando a gente tem dúvida e tal. Essa questão das piadas também me incomoda um pouco tem um professor específico, que eu já sabia que ele fazia piada, ele é professor e ele faz piadas péssimas assim. E eu fiz uma aula de laboratório com ele, era a única mulher na sala toda. E a gente usava umas plaquinhas, ela tinha uns buraquinhos, assim, fininhos. Ele ficava assim, “Nossa buracos estão estuprados” e só tinha eu de menina. E ele repetiu isso, toda aula sabe, isso me incomodava demais, demais. E fora olhar também, né? Eu evito roupa apertada, essas coisas eu não me sinto bem mesmo.

Nessa situação que você comentou com o professor, ninguém dos alunos achavam...?

Só tinha eu de menina, então eles riam, todo mundo ria, sabe?

E ninguém achava que podia ser algo ruim?

É que podia estar me ofendendo.

A aluna aborda esse processo de não validação da fala e, também, traz uma importante colocação sobre as “piadas” feitas por um determinado professor que fogem ao que pode ser considerado senso de humor e são ofensivas às mulheres. A utilização da palavra “estupro” nesse contexto explicita o desrespeito, podendo evidenciar a reprodução da cultura do estupro, propagando misoginia, e minimizando um caso tão sério como esse o reduzindo a uma “piada”. Bertha Luz, que era a única mulher na turma, se sentiu extremamente incomodada, enquanto todos os outros alunos riram da situação. Essa situação mostra como esse ambiente é desrespeitoso, hostil, e prejudica a participação das mulheres.

Além disso, a aluna relata que evita usar roupas apertadas como uma tentativa de se proteger nesse ambiente que se mostra tão hostil e misógino.

A cada 10 minutos, uma mulher é estuprada no Brasil. O estupro é um problema mundial que, infelizmente, atinge milhões de mulheres ao redor do mundo (NAÇÕES UNIDAS, 2021, 2019). Não se pode culpar as mulheres por terem medo da violência sexual tendo em vista que, no mundo, uma em cada três delas serão agredidas sexualmente em sua vida. Resolver este problema não passa por fazer com que as mulheres não usem determinadas roupas, ou ir a determinados lugares, mas, sim, educar os homens sobre respeito e consentimento (KATZ, 2015). Ante o exposto, fica evidenciada a gravidade de atitudes como a relatada pela entrevistada, onde um docente reproduz com sua fala um tipo grave de violência simbólica que, além de afetar as mulheres que estão expostas a esse tipo de comentário, pode contribuir para naturalizar, junto a outros homens, esse tipo de comportamento desviante.

Nísia Floresta Brasileira Augusta fala sobre a falta de representatividade na docência:

(048) Que não tem, tipo assim, professora mulher. Então você não vê, tipo assim, uma pessoa igual você no futuro. É questão de representatividade mesmo na profissão, assim, né? É.. É, tipo assim, não é questão de que ah porque não tem, eu não vou conseguir, sabe? Que você vai, que você tem a mesma chance do que o seu amigo seu, que é homem, mas você não vê essa visibilidade, sabe?

A falta de representatividade é um ponto muito importante, como colocado pela aluna “você não vê, tipo assim, uma pessoa igual você no futuro”. Isso influencia na motivação das alunas uma vez que, ao não ver tantas professoras no curso, sentem dúvidas quanto às suas possibilidades, enquanto mulheres, de obterem sucesso profissional no mercado de trabalho que, no caso das engenharias, reproduz os preconceitos sociais de gênero em seu desfavor. Das 18 entrevistadas, 16 relataram que a maioria de seus professores são homens, tendo apenas de uma a duas professoras em todo o curso. Essa falta de representatividade é algo muito grave, porque além de conviverem com uma grande maioria de graduandos em seus cursos, os professores também são homens. Esse fato influencia para que todo o ambiente, sua cultura, processos e procedimentos, sejam pensados e funcionem para atender as necessidades e interesses masculinos. Se não tem mulheres em posições de liderança, em sala de aula, nos livros didáticos, como esperar que os estudantes compreendam sobre suas experiências, lutas e contribuição para a sociedade? (HOOKS, 1994, 1996).

A aluna Dilma Rousseff aborda sobre ter que provar sua capacidade para ser ouvida:

(049) Eu tenho que provar ser uma pessoa capaz. Porque muitas das vezes a minha...a minha, passei a minha opinião mesmo profissional, vai ser inicialmente questionada, né? Aí acontecendo mais questionamentos para a gente, por simplesmente ser mulher. Então, até mesmo quando a gente, é a gente, né? Já tem esse olhar. Assim que você sente, né? Nos ambientes, quando você tem que se impor, né? Para falar algo, às vezes, para dar uma ordem, né? Então a gente carrega. Você sente isso, mesmo que não está muito sendo dito, não é? Mas começa aí os que geralmente sempre vão ser maiores.

Você se sente um peso maior? Sim, um peso maior.

Tipo não é o mesmo na medida para o homem? É exatamente

A aluna coloca que precisa se impor para ser ouvida, sendo questionada em algumas situações apenas por ser mulher. Constantemente a mulher precisa provar sua capacidade, impor sua opinião para ser ouvida. Porém, os homens não passam por situações parecidas. O que mostra mais uma barreira enfrentada por essas mulheres nesses cursos, a busca constante por validação dos homens para serem ouvidas.

Iara Iavelberg fala sobre o processo das aulas noturnas:

(050) Aí, como barreira, desafio, hum, vou falar do que eu estou enfrentando agora, por exemplo, eu estou com 4 matérias no semestre. Eu queria ter 6 e 2 delas eu não pude pegar, porque são à noite, muito tarde. Então, as 2, um dia da semana terminaria às 11 horas da noite. Impossível eu sair sozinha daqui de cima, às 11 horas da noite. Então isso seria um ponto, porque, é questão de segurança, porque a gente sabe como que é andar sozinha 11 da noite, no deserto que é essa engenharia. Deserto que é isso aqui, ó! Eu já cheguei, já cheguei fazer aulas de 7 às 9 [19 às 21h]. Foi um inferno que eu saía daqui parecendo que eu estava fugindo de algum lugar, que eu só saía correndo porque era muito deserto e muito escuro. Você não vê nada, nem um palmo na tua frente. Assim, se tiver alguém escondido, assim, te esperando, você não vê. Então, enfim, essa é uma barreira pra mim. É na questão de segurança dos horários de aula. Pelo meu curso ser integral, então, ele acaba que é uma barreira que eu vejo que me atrapalha, que acaba que eu queria pegar 6 matérias, eu perdi 4, estou atrasada né? Eu já estou atrasada, isso me atrasa mais ainda. É não que eu tenha passado, mas a questão realmente dos professores por ter minoria mulher. E professor dos mais velhos, digamos assim. Você vê, você vê mais de professores mais velhos, não estou falando que mais novos não fazem. Mas comentários mesmo dentro de sala de aula que nos desanimam. Eu tenho certeza que muitas das mulheres que tentaram sair engenheiras desistiram por causa de certas coisas que aconteceram. Certeza absoluta, porque eu já ouvi falar. Eu sei de professor que falou que a menina não deveria estar ali porque ela era mulher. Que não, não ia aguentar uma ferramenta lá porque era da civil e aguentar uma ferramenta. **E essas aulas, você falou que é a noite os colegas homens fazem?** Fazem. Se você for, eu já fui de uma turma de 7 às 9. Que se eu não era a única mulher da sala, só tinha mais uma que eu nunca vi. Porque, era laboratório, então eram aulas que não tem muita visibilidade para outro, então eu não sei se tinha alguma que sentava ali, mas eu sei que onde eu sempre sentava, eu não via uma mulher naquela sala. Pela questão de segurança. Eu acho que as mulheres só fazem curso mais tarde, assim, se ela tiver um carro pra poder ir embora porque chega aqui, não tem ônibus.

Iara Iavelberg traz uma importante colocação que as aulas noturnas são desafios para as mulheres, uma vez que a noite a universidade é mais vazia, o retorno para casa é mais difícil e perigoso. Dessa forma, a aluna está atrasando seu curso por não conseguir cursar as disciplinas ofertadas à noite. Por questão de segurança ela prefere não frequentar essas aulas. Porém, ao ser questionada se seus colegas homens fazem essas disciplinas, a aluna fala que sim, o que mostra que essa é uma barreira apenas para as mulheres. O relato evidencia a necessidade da universidade, por meio de seus representantes legais, ouvir as alunas dos cursos de engenharias no intuito de identificar essas questões e poderem propor soluções viáveis para as mulheres, a exemplo de ofertar essas disciplinas no período diurno; melhorar a segurança e iluminação no local e na via de acesso aos prédios; mobilizar órgãos públicos

responsáveis pelo transporte público para as linhas de ônibus que passam pelo campus funcionem adequadamente no período noturno cobrindo a saída dos discentes após às 23h. Entretanto, como as alunas são minoria, acabam não tendo força política para se fazerem ouvidas e terem a possibilidade de ter o problema resolvido, o que representa mais uma barreira.

Cabe lembrar, mais uma vez, que a representação estudantil, que deveria representar os interesses dessas alunas junto à instituição, é dominada pelos alunos homens. Como vimos em tópicos anteriores as mulheres evitam participar e, até mesmo, adentrar nas dependências do Diretório Acadêmico. Essa falta de confiança e participação não apenas as afasta da representação estudantil como praticamente elimina as possibilidades de terem seus interesses representados por ela, aumentando o distanciamento político entre as mulheres dos cursos de engenharia e as instituições da universidade.

Além disso, Iara Iavelberg fala sobre os comentários dos professores que afetam as mulheres e fazem com que elas queiram desistir da engenharia, como o comentário “engenharia não é lugar de mulher”, sendo uma afirmação sexista e preconceituosa, que afeta as alunas do curso que, ao ouvir tal afirmação de um professor, podem se questionar sobre sua capacidade e se, de fato, aquele lugar são para elas.

Maria Luiza Soares Fontes traz uma colocação sobre esse processo de não se sentir tão capaz:

(051) Mas, querendo ou não, sempre tem aquela coisa de achar que o homem vai saber desenvolver melhor que a mulher, vai pensar mais rápido, vai fazer isso, aquilo. Então imagino que a barreira de você assim, a mulher sempre está tendo que se mostrar que sim, ela é capaz, ela consegue fazer exatamente a mesma coisa que o homem, ela é tão inteligente quanto.

Esta fala de Maria Luiza pode se relacionar com a fala da aluna Iara Iavelberg, uma vez que comentários como o feito pelo professor de que a engenharia não é lugar de mulher, favorece com que as mulheres, ante a pressão imposta pelo preconceito, sintam que esse lugar, realmente, não é delas. Consequentemente, não lhes pertencendo, permanecem sendo um lugar dos homens. Maria Luiza, aborda que a mulher precisa estar sempre mostrando, provando ser capaz e inteligente nesse espaço, que sabe fazer as mesmas coisas que um homem. Comentários como este de não ser o lugar de mulher, colaboram para que este processo de achar que as mulheres não são capazes sejam reforçados.

Antonieta de Barros também fala sobre esse processo de duvidar da sua capacidade e de ter que se esforçar mais para provar que é capaz:

(052) Acho que tudo que o machismo traz, né? Essa ideia de achar que a gente sempre está atrás. A gente já se cobra na graduação, todo mundo naturalmente já tem uma cobrança. Eu tive uma cobrança 200 vezes maior. É aí como eu estava falando, é os desafios que o que o machismo trás mesmo, né? É que dessa questão da cobrança o tempo inteiro, eu sentia que as pessoas não enxergavam potencial ou que achavam que eu estava sempre atrás. Então isso acaba mexendo muito com o nosso psicológico, né? É, já é difícil, já a faculdade já atrapalha muito o nosso lado emocional assim já fica bem desestabilizado e esse o fato das pessoas terem tempo inteiro duvidando da sua capacidade, colocando à prova e tudo. Você tem que dar 3 vezes mais de você pra mostrar que você tem potencial, que você tem o seu valor. Isso é cansativo. Acho que isso foi o que mais, é... mexeu comigo, assim.

Antonieta fala sobre a sensação que o machismo desperta nas mulheres de que estão sempre atrás dos homens, despertando em suas mentes uma persistente cobrança por melhoria nos esforços e desempenho. Esse tipo de percepção também é compartilhada por terceiros, que passam a exercer uma cobrança significativamente forte sobre as mulheres. Antonieta, no fragmento discursivo “eu tive uma cobrança 200 vezes maior”, se utiliza de uma hipérbole para conferir intensidade na sua fala, que reflete como ela se sente sendo cobrada muito mais que os homens, pelo simples fato de ser mulher e por estar em um ambiente dominado masculino, precisando sempre provar sua capacidade para ser reconhecida e valorizada. Esse processo de cobrança, de não reconhecimento do seu potencial, como colocado por Antonieta, afeta o psicológico, desestabiliza, o que mostra que o machismo pode adoecer as mulheres. Como falado pela aluna, ela tem a impressão de que estão duvidando da sua capacidade o tempo todo: “Você tem que dar 3 vezes mais de você pra mostrar o que você tem potencial, que você tem o seu valor. Isso é cansativo”. Fazendo a análise do fragmento discursivo, é possível ver mais uma vez a intensidade, de ter que provar, mostrar sua capacidade e valor, e como a aluna fala é cansativo. Dessa forma, todo esse processo de ter que provar várias vezes, o tempo todo, sua capacidade, faz com que a aluna se sinta mais cansada, desgastada psicologicamente, mostrando que este ambiente dominado masculino, permeado pelo machismo, adoecer e sobrecarrega as alunas.

As mulheres são constantemente colocadas em situações que lhes cobram padrões mais elevados, pressão para provar sua capacidade e competência em relação aos homens. Essa constante pressão de ter que provar a sua própria capacidade, gera maior estresse e

ansiedade, além de auxiliar no surgimento de problemas como síndrome do impostor³ e diversos problemas de saúde mental. Além disso, as mulheres passam por diversos desafios, como a discriminação de gênero no trabalho, falta de apoio, dificultando o desenvolvimento das suas carreiras. É necessário que as empresas e a sociedade criem ambientes de trabalho que sejam mais inclusivos e equitativos para as mulheres serem valorizadas e respeitadas, sem necessidade de ter que provar diariamente a sua competência (ONU, 2019).

Enedina Alves Marques aborda como não se sente confortável com os professores e falta de mulheres no curso:

(053) É, eu tenho muita dificuldade de me sentir, é... à vontade com o professor, né? Isso é até chato de falar, mas eu não gosto de ir à sala de professor para tirar a dúvida, tá? Só eu e o professor. Eu não me sinto à vontade nesse tipo de ambiente e, às vezes, existem alguns professores que fazem algum tipo de piada assim que deixa a turma meio desconfortável, precisa nem ser uma piada relacionada entre aspas, supremacia masculina, algo assim. É uma piada que deixa a turma meio assim, eu me sinto desconfortável também, né? Então eu acho que, não sei, é igual comentei com você antes, às vezes, parece que por nós sermos poucas a gente é inferior, né? Eu entrei aqui e luto todo dia para não ter esse tipo de pensamento. Eu estava comentando com você antes, eu fiz parte de um programa aqui na faculdade. E nesse programa eu tinha, eu não lembro agora direito, mas eu acho que era um, sei lá, 25 pessoas. E dessas 25 eram 4 mulheres e o resto eram todos homens. E não é nem porque não tem mulheres inscritas, é porque não tem mulheres na faculdade. E às vezes muita gente desiste do curso logo no início. É, já entram menos mulheres e tem uma evasão enorme. No início do curso, por ser um curso, tipo assim, o início dele é bem difícil e bem, é... sem aplicação. Sabe, você não vê uma aplicação tão prática, então às vezes as pessoas acabam desistindo aí, menos mulheres ainda.

Enedina Alves evita ir à sala dos professores sozinha para tirar dúvidas, mostrando um certo medo de estar sozinha em um ambiente com um homem, mesmo sendo este o seu professor. Este medo, essa sensação de desconforto, vem justamente pelo comportamento dos professores em sala, que como colocado pela aluna, fazem “piadas” que a deixam desconfortável. Além disso, na seleção lexical “às vezes, parece que por nós sermos poucas a gente é inferior, né?”, remete que a falta de mulheres no curso reforça a sensação de inferioridade, de não capacidade na aluna. Enedina traz o exemplo de um programa que participou em que das 25 pessoas apenas 4 eram mulheres. Ela explica esse fator em “E não é nem porque não tem mulheres inscritas, é porque não tem mulheres na faculdade”. Pode-se,

³A síndrome do impostor é a condição de a conscin, homem ou mulher, considerar-se não merecedora do sucesso, ou do reconhecimento das outras consciências, por imaginar-se aquém da capacidade de realização dos auto empreendimentos evolutivos, vivendo o medo fantasioso de descobrirem não serem merecidas as auto conquistas (KAUTI, 2012, p.1)

mais uma vez, constatar no discurso que as mulheres são minoria nos cursos da engenharia e, este fato, influencia para que parte delas que sentem dificuldades em se adaptar à realidade do curso e ao seu cotidiano acadêmico desistam de se graduar na área.

Lúcia Murat fala sobre essa falta de representatividade:

(054) Quando eu faço uma matéria sozinha que não tem um amigo muito próximo, e aí eu vou pra sala, tipo assim, sozinha e, tipo assim, você vê aqui na quantidade de homem, tipo assim, você vê que é minoria, mulher, você se sente meio, tipo assim, tá, vou ter que achar meu lugar aqui para ocupar. É... eu não, até que não tive muito isso. Mas às vezes, tipo assim, você conversar com o professor homem é muito mais difícil do que você conversar com uma mulher. Eu estou no sétimo período e eu tive assim uma mulher professora na engenharia, tipo assim. É uma coisa que, que afeta, sabe, que você, cara, por que que não tem? Sabe porque que não tem, tipo, né, essa representatividade? Eu acho que é muito importante isso assim, porque afeta muito o jeito que a gente vê. A gente sabe que, tipo assim, vai ter que lutar muito mais pelo nosso espaço. E num estágio, né? Quando a gente formar no mercado de trabalho também. Então acho que ter essa representatividade mas, também, para a gente aqui na faculdade ela também me afeta em como a gente vai estar vendo no mercado de trabalho no futuro, assim, no profissional mesmo.

Lúcia Murat traz a dificuldade de quando está em sala de aula sozinha, sem seus amigos, uma vez que aquele espaço é repleto de homens. Isso, aparentemente, traz um certo desconforto para a aluna. Porém, ela coloca que “vou ter que achar meu lugar aqui para ocupar”, mostrando que, apesar da dificuldade relatada, ela busca achar seu lugar dentro daquele espaço e ocupá-lo. A palavra utilizada pela aluna, “ocupar”, tem como definição “tomar posse de algo ou preencher um espaço, ou tempo com alguma atividade, ou ocupação”. É possível analisar que, ao utilizar esse léxico, Lúcia visa assinalar sua compreensão de que estava adentrando um espaço que, a princípio, não lhe pertence, mas tem o direito de frequentar e tomar para si. Além disso, a aluna fala que conversar com os professores é mais difícil que conversar com as professoras. Não obstante, relata que teve apenas uma professora mesmo estando já mais para o fim do curso. Dessa forma, é possível constatar que essa falta de representatividade, tanto pelas colegas de sala quanto pela falta de professoras, constrói uma barreira entre mulheres e homens no curso, podendo impactar, inclusive, no processo pedagógico, visto que, mesmo em caso de dúvidas ou necessidades acadêmicas, essas alunas evitam contato com os professores homens.

Lúcia também enxerga que essa falta de representatividade vai se refletir no mercado de trabalho, uma vez que se tem poucas alunas e professoras no curso. Percebe que ao ir para

o mercado de trabalho a realidade não será muito diferente. A aluna fala: "A gente sabe que, tipo assim, vai ter que lutar muito mais pelo nosso espaço". A escolha da palavra utilizada por Lúcia, "lutar", reflete que será uma batalha para ter esse espaço, ela entende toda essa falta de representatividade e sabe que precisará lutar para ela e outras mulheres terem seu espaço.

Maria Guilhermina Loureiro de Andrade relata como ela e várias outras alunas buscam se qualificar mais:

(055) Então, eu vejo que eu acho que não só eu e as meninas em si, a gente tenta buscar o máximo que tem, conseguir abraçar e a maioria das oportunidades que dão na faculdade, eu fiz monitoria, empresa júnior e agora estou com bolsa e tento assim pegar o máximo possível porque tem caso mesmo, de gente que forma que faz trainee em um monte de empresa para no final você contratar pra ser moleque, sabe? Então o que eu penso é o máximo que eu consegui de conhecimento e mostra que sou tão capaz ou até mais, eu tento e acho que a universidade é uma oportunidade boas de se conseguir esse conhecimento.

O relato da aluna mostra novamente como as alunas precisam se esforçar, dedicar mais para mostrarem que são capazes, terem uma oportunidade. Porém, Maria Guilhermina coloca que mesmo buscando todas essas oportunidades ainda acontecem de contratarem um homem. O que mostra que mesmo que as alunas se dediquem, busquem se qualificar ainda mais, ainda não é suficiente para romper com esse domínio masculino no mercado de trabalho.

Marielle Franco fala sobre a sua experiência em um dos seus estágios:

(056) A empresa que eu trabalhava tinha, no meu setor, eu era a única mulher e, assim, eu saí de lá sem conversar com o antigo chefe, por conta de brincadeira que ultrapassa o limite, entendeu? Por conta de machismo, né? Porque eles não fazem com os meninos, é muito engraçado isso. Então assim, a barreira que encontro... eu tive uma vivência de fazer uma atividade extracurricular no curso e ter passado um estresse muito grande, porque menino não sabia respeitar menina. No empresarial, no profissional também, entendeu? Eu gosto da área da manutenção, por exemplo, meu antigo estágio era na área da manutenção, esse agora é na área da manutenção. Então, quando vou sair de casa, eu fico preocupada com a calça que eu estou usando, sabe? Principalmente a calça é e se sabe se meu sutiã não tá marcando, porque eu sei que se tiver alguma coisa assim, a pessoa vai comentar, então eu me preocupo com essas coisas e não é tipo assim, eu acho que um qualquer lugar que você for, se você for com uma roupa que fica transparente não é legal. Mas só que nesse caso, nem a roupa está transparente, não é uma calça mais apertada, sabe? É uma legging. Então assim, antes de eu sair de casa para ir para o estágio, eu penso nessas coisas. Se eu for com essa calça, eu já vou preparada, eu já vou com o psicológico preparado, sabe. Nesse atual estágio nem tanto, mas o meu antigo eu já assim, ficava, gente, eu vou de legging hoje, primeiro eu vou escolher minha blusa mais larga de uniforme que eu tenho pra ver se tampa a bumba, com meu casaco

que vai até meu joelho e assim era assim, eu fazia essas escolhas, não era porque eu queria vestir aquela roupa é porque se eu tinha que usar minha legging, então eu tinha que escolher outras blusas. O pessoal, não tem noção, o cara não tem noção, ainda mais pião de produção, não tem noção. Oficina não tem noção, não essas barreiras, né que eu encontro.

A experiência no estágio de Marielle foi negativa por conta do machismo, e ela consegue observar que isso acontecia apenas com as mulheres ao falar “porque eles não fazem com os meninos”. Além disso, ela aborda a questão da roupa, que por trabalhar numa área muito masculina, isso se torna uma preocupação diária em como irá se vestir para evitar comentários, sendo uma forma de se proteger nesse espaço, mas também sendo uma violência, uma vez que ela não pode se vestir como quer e precisa pensar em como irá se vestir, buscando mostrar menos seu corpo para evitar eventuais comentários, atitudes machistas.

Marielle Franco relata a relação com seus colegas que também tem um tratamento diferenciado com as mulheres:

(057) Por situações de falta de respeito com a gente, comentar comentário, piadinha é de ficar excluindo, de ficar debochando, é porque a gente era mulher, entendeu? Só por isso? Sim, e era umas piadinha nada a ver. Eram umas coisas, assim, é falar que você acha, tipo assim, olha umas coisas que não, não é ruim, não é uma coisa ruim. Mas eles falavam de forma pejorativa, entendeu? É falava da nossa aparência, falava do nosso peso. É porque eu e essa minha amiga, a gente nunca foi muito magrinha, mas a gente também não é gorda. Só que eles tinham que falar do nosso peso, falava da nossa aparência, se a gente estava com cabelo solto, comentava com cabelo, preso, comentava. É, queria saber, da nossa vida de tipo, se já deu, se já não deu, já beijou, se já não beijou. É de ficar falando que a gente ficava com mulher, que queria ficar com mulher. Que era uma pessoa que era incessantemente, a gente falava, cara, ele não parava, entendeu? E aí a gente só, eu e ela a gente já tomou consciência de que a gente era menina, porque a gente não via eles fazendo isso com os meninos, né? Se um menino virasse e falasse assim, “nossa, mó paia isso que você fez” “Pô mano, desculpa.” Não falava mais. A gente não, a gente eles ficam “Aí vocês são muito chatas” Aí quando estava só eu, “Nossa, vai ficar chata igual a Duda?” Aí chegava pra Duda “Nossa, você vai ficar chata igual a Marielle?”.

Este fragmento discursivo mostra que os alunos comentam da aparência das alunas, invadem seu espaço e privacidade, e mesmo quando Marielle pediu que parassem com isso não era respeitada. E assim, a aluna observou que quando um homem se sentia incomodado e pedia para parar, eles paravam e ainda pediam desculpas. Mas quando elas falavam elas eram consideradas chatas. Sendo possível analisar que, mesmo quando a mulher se sente incomodada e reclama, ela não é ouvida e ainda taxada de chata, louca, entre outros. Neste

fragmento é possível analisar que existe uma desigualdade de poder entre homens e mulheres. A desigualdade de gênero faz com que as mulheres fiquem em um local de inferioridade, violência e agressividade por parte dos homens com comentários machistas, sexistas e invasivos. Evidencia, também, a resistência da aluna apesar de todas essas dificuldades.

Anália Emília Franco fala sobre a dificuldade no mercado de trabalho e como as mulheres são contratadas apenas para áreas administrativas. Helenira Resende também aborda essa questão sobre a desvalorização da mulher na profissão:

(058) Olha... (pausa) eu acho realmente assim essa questão do julgamento, assim não, eu acho que nem falo dentro da academia, é ótimo, mas fora do mercado de trabalho. Quando você vê mulheres sendo empregadas na área de engenharia, você vê mais essa questão do administrativo, até mesmo no próprio lugar onde eu faço estágio, a maioria das mulheres ocupam os lugares administrativos, área de suprimentos ou parte até mesmo da engenharia, mas a engenharia mais parte administrativa e você não vê muitas mulheres, no caso, trabalhando de fato ali no chão da fábrica ou, no caso, eu faço estágio, né? No trecho, né? Por considerar um ambiente mais hostil e pensar que é a mulher mais frágil, a mulher ... Tipo assim, a mulher e aquele ambiente não combina, né? Não aguenta a pressão. Então eu falo que dentro do meio acadêmico é, eu tenho muita sorte de estar cercada por um grupo de amigos e professores que respeitam muito isso. (Anália Emília Franco)

(059) Eu vejo mais fora. É, eu estou fazendo estágio tem 1 ano. Eu estou tipo, já vou ser contratada, então já tenho funções como se eu já fosse engenheira responsável mesmo. Aí, às vezes, chega alguém e eles não olham para mim, não me tratam como uma engenheira, mesmo eu sendo a única pessoa no lugar que está mais perto de um diploma, né? De engenharia, qualquer pessoa que tiver, eles ouvem mais do que eu. (Helenira Resende)

Anália Emília Franco, fala sobre como na engenharia as mulheres, em grande maioria, estão nos cargos administrativos, e não de fato na área da engenharia que estudam, aqui podendo analisar mais uma redução e a desvalorização da mulher dentro da sua própria profissão e área de formação. Helenira Resende, relata sua experiência no estágio e mesmo ela sendo a engenheira responsável, muitas vezes também não é reconhecida e valorizada. No fragmento discursivo “Qualquer pessoa que tiver, eles ouvem mais do que eu”, reforçando mais uma vez a não validação da capacidade e da voz da mulher naquele espaço, a aluna utilizou a expressão “qualquer pessoa que tiver”, mas é possível analisar que qualquer pessoa, só será ouvida se não for uma mulher.

Janaína da Silva Bezerra, levanta a questão dos estereótipos da profissão, de acharem que ela não poderia estar cursando engenharia elétrica por ser um “curso de homem”:

(060) Acho que no início assim eu via muito o fato de eu só tá querendo curso, mas muita gente me questionou se tipo “mas isso é curso de homem” “o que você vai fazer lá é curso de homem” e aí eu ficava “não isso não é curso de homem, é curso de qualquer pessoa” (risadas) e as pessoas falavam porque você não faz engenharia ambiental que é mais de mulher e aí eu ficava eu não gosto de ambiental (risadas) então foi assim, isso época já era um certo desafio assim, porque eu já entrei um pouco com receio na faculdade né, porque assim nossa será que você é a única mulher dessa turma inteira da Elétrica. Graças a Deus não, eu vi que tinha bastante assim mulher, não é que não tem. Eu acho que não é suficiente, mas tem bastante pelo tanto pessoal ficava falando né, e quando até eu entrei na faculdade assim teve uma situação que eu passei foi com o Uber é assim a gente tava eu tava indo para casa de uma amiga e aí ele me questionou, não é aquela coisa né o que você faz de faculdade, esses papos de uber né, aí eu falei eu faço Engenharia Elétrica aí ele ficou “nossa, engenharia elétrica, você fazer?” Ai eu fiquei é eu faço, mas aí ele, mas como você foi gostar disso, isso é muito de homem fazer e tal, aí eu fiquei nossa, que rolê chato. Aí acho que foi desafios mais nesse sentido e eu vejo também muitas vezes a desvalorização da mulher no mercado porque já é um mercado assim que não tem muito aqui em Juiz de Fora, então eu vejo que é um desafio assim para a gente está tentando engenharia elétrica se a gente não se dedicar muito ao dobro né a gente não tem certa atenção, por exemplo, do mercado, professores nesse sentido assim.

Várias pessoas falavam para Janaína que aquele curso era de homem, e ela nunca concordou com isso, como falado pela aluna “não isso não é curso de homem, é curso de qualquer pessoa”, uma vez que não há requisitos de gênero para estar no curso, então essa afirmação da aluna é bom resumo sobre. Além disso, as pessoas recomendaram para ela cursar engenharia ambiental por ter mais mulheres, mas Janaína rebatia que não queria fazer esse curso. Apesar de já saber que se depararia com um ambiente dominado masculino, a estudante não desistiu de ingressar no curso. Mas ela relata que teve receio ao entrar no curso e ser a única mulher, mas se surpreendeu ao encontrar outras mulheres, apesar de não ser ainda o suficiente. Neste fragmento é possível perceber o quanto a sociedade tem a ideia de que os cursos de engenharia, em especial engenharia elétrica é um curso de “homem” e ao se depararem com uma mulher neste ambiente buscam fazer com que ela vá para outra área. Porém, Janaína se manteve firme em sua decisão e não deixou esses comentários afetar sua decisão de cursar engenharia elétrica, mostrando a sua persistência.

Janaína e Débora trazem também relatos de atitudes preconceituosas dos professores:

(061) Tem uns que dá um sentimento de desconforto, porque eu já sei de algumas histórias, alguns, tipo assim, tem um tratamento diferente com mulheres, então dá para perceber. É bem nítido. Teve até vez que era um professor de física né, eu tinha uma amiga assim que ela tava para tomar pau com ele (reprovar na disciplina) e aí ela queria enviar prova dela e aí ela falou ele já tá sendo processado por vários, assédio tal e aí ela falou assim “ah eu tô com muito medo de lá, vai comigo” tipo assim eu fico com ela sabe a gente foi gravou o momento ele caso ele falasse alguma coisa que já teve situações que ele falou sabe e ele era mais departamento da física, mas acaba todo mundo da engenharia passando por esse departamento né então não tem como fugir e aí eu levo muito desse momento assim também que foi marcante para a gente ele não chegou a falar nada não na época, mas a gente ficou com muito medo assim na época, eu lembro. (Janaína da Silva Bezerra)

(062) Eu dou, acho que sorte, né? Porque eu já vi histórias aqui, por exemplo, de professor que eu estou fazendo matéria esse semestre, não vou citar nomes, né? Pra não ficar meio estranho que ele já chegou a dar em cima de aluno, então tudo mais, só que eu tive que pegar matéria com ele esse semestre porque eu acabei reprovando essa matéria semestre passado e só tinha ele com mais turmas esse semestre, aí eu tive que pegar com ele, mas assim eu sempre fico meio receosa digamos, na aula dele, sabe? (Débora Seabra de Moura)

Janaína relata sobre um professor que já é conhecido por assediar as alunas, e sua amiga com medo de ir sozinha à sala dele pediu para que ela fosse junta e gravaram a conversa, podendo ser analisada como uma forma de proteção que ela encontrou para enfrentar essa situação. A aluna diz como isso foi marcante e causou medo, sendo uma situação muito delicada, uma vez que além de todas as dificuldades que enfrentam no curso, precisam conviver com professor que já tem processos de assédio e ainda continua na universidade, o que faz com que as alunas tenham medo de que algo aconteça com elas, mas acabam não tendo opção uma vez que precisam cursar a disciplina e apenas ele a leciona. Sendo algo muito grave a universidade ainda não ter apurado e afastado tal professor do cargo, mostrando mais uma barreira que as alunas precisam enfrentar.

Débora também fala sobre relatos de professor que “deu em cima” de alunas, e por ter conhecimento deste caso, a estudante tentou evitar cursar disciplina com ele para se proteger. Porém, acabou precisando cursar a disciplina com ele, o que faz com que ela tenha receio de acontecer algo com ela. Nestes dois casos, é possível ver duas alunas diferentes em situações desconfortáveis e até se colocando em risco com professores que já tem um histórico de

assédio a alunas, e mesmo assim estes professores continuam na universidade, o que faz com que as alunas tenham que cursar disciplinas com eles e passar por essa situação de medo e talvez infelizmente até passar por uma situação de assédio. Dessa forma, é extremamente necessário que a universidade e as autoridades competentes analisem as denúncias e afastem tais professores, para nenhuma aluna precisar sentir medo ou passar por uma situação de assédio.

Aurora Maria Nascimento Furtado, aborda a polarização, de homens e mulheres na sala de aula:

(063) Assim é, eu vejo como bem polarizado assim, né? No dia a dia, dentro da sala de aula, a gente nota que é majoritariamente masculino até mais garotos. E que é bem dividida, assim é bem separado. Geralmente os meninos, né? Tem o grupinho deles ali e a gente como mulher, se junta mais com as outras meninas, né? Em tudo, né? No dia a dia, não só de convivência, mas a parte de estudo também, geralmente a gente já tem o hábito de estudar as meninas junto com as meninas, é mais separado assim.

Este relato mostra que na sala de aula homens e mulheres tendem a se separar e se agrupar de acordo com seu gênero. Para as mulheres, estar com outras mulheres na sala de aula, nos estudos, é uma forma de enfrentar esse espaço tão masculino e buscar apoio uma nas outras.

Iara Iavelberg, fala sobre o susto que é ao entrar na sala e perceber o número de mulheres:

(064) É complicado. Quem imagina você chegar de cara na sua universidade e a sua turma de 40 pessoas tem 4 mulheres. Foi basicamente isso quando eu entrei na faculdade. É isso, a aula de laboratório, né?

Ao analisar a fala da aluna, é possível perceber que ela se surpreendeu ao entrar na sua turma e perceber que das 40 pessoas apenas 4 eram mulheres. A expressão utilizada por ela, “quem imagina”, permite perceber que é uma situação que não se espera vivenciar.

Além disso, Iara Iavelberg, relata sobre sua experiência no diretório acadêmico:

(065) No dia a dia, por exemplo, no diretório acadêmico mesmo porque, como eu faço parte, eu vejo eu vivo muito ali. E ele é um lugar majoritariamente masculino, majoritariamente masculino, não tem nem como, muitas mulheres deixam de entrar no D.A por causa do que na porta se concentra um monte de homem assim. E eu, antes de fazer parte do diretório, também não entrava. Eu entrava quando eu estava com meus amigos, porque eles entravam, eu ia junto, mas sozinha eu não conseguia, porque é muito desconfortável. Nós fazemos parte, parte do diretório, sabemos, tentamos trazer mulheres lá pra dentro pra deixar um lugar mais agradável para todo mundo. Só que a gente sabe, nós do diretório, nós escutamos as coisas que rolam lá fora. E a gente sabe que tem comentários maldosos, tem comentários de caras, nada

a ver. Comentários que não necessariamente machistas, mas comentários por exemplo, que me fala esqueci a palavra, não é humilha, humilha é muito forte. É, constrange mulheres ao redor, digamos assim. Então, já aconteceu casos, por exemplo, que eu viro e falo, gente, se fosse um homem no meu lugar, eu acho que não aconteceria. Comigo, por exemplo, é, eu estava no meu horário de atendimento, eu estava sozinha na salinha. Uma pessoa pela terceira vez pedindo música, eu pedi pra esperar porque eu ia colocar, mas eu estava ocupada no momento. E como eu não estava no computador, ele veio chegando no computador. Eu estava do lado, ele meio que me empurrou para usar o computador. Aí, tipo, meio que me empurrei de volta porque o computador é propriedade do d. a eles não podem mexer. E eu fico imaginando que eu tenho, eu fico imaginando, eu tenho praticamente certeza que se fosse um homem ali isso não aconteceria. Porque a gente vê a diferença.

O relato da aluna evidencia uma situação que muitas mulheres do curso de engenharia passam com o diretório acadêmico. Elas não se sentem confortáveis em entrar na sala do diretório, por ter vários homens na porta e também dentro da sala. Iara diz que antes de fazer parte do diretório só entrava quando estava com outros amigos. Dessa forma, é possível analisar que a presença majoritária de homens nesse espaço faz com que as mulheres se quer se sintam confortáveis para entrar no espaço. E este não conforto vem justamente por acontecerem comentários, situações que constrange as mulheres, essa dificuldade das alunas frequentarem o espaço vem de situações concretas. Iara relata que em muitos momentos reflete se a situação seria a mesma se fosse um homem ali. Ela chega à conclusão que não. O que mostra que existe um tratamento diferenciado para homens e mulheres.

Antonieta de Barros relata o susto ao ingressar no curso e se deparar com o grupo do WhatsApp da turma:

(066) Mas é como de praxe né quando a gente passa ali no no SISU faz ENEM passou no SISU. A galera já procura o nome de todo mundo, e cria um grupo no WhatsApp. Então, logo de cara foi um baque, susto, apesar de estar esperando foi vamos dizer assim, só tinha eu e mais uma menina na turma de 40 pessoas. Só que aí eu senti pelo WhatsApp, porque a turma criou um grupo, sem mim, os meninos sem as meninas. Eles mesmo não tendo isso fisicamente eles criaram um grupo no Whatsapp também só de homens para falar coisas que mulheres não gosta. Ridículo, deram um nome tosco enfim. Coisa de menino de 17 anos né, 17 anos né. E eu já não comecei a não, não senti muito envolvida assim, é enquanto quanto turma né, que entrou junto, porque a galera ia sair, eu não era convidada. É então toda aquela experiência de universidade que você tem ali, as calouradas de reunir tudo, eu não, não era convidada para essas coisas. É, eu não tive muito isso, porque por mais que eu tivesse convívio com as outras pessoas, com as outras turmas, acaba que esse tipo de coisas ficam um pouco fechado, né? Foi um pouco traumático, assim, esse, essa parte. Mas assim mulheres, né? Eu acho que a gente está acostumada desde sempre passar por esse tipo de coisa que acaba sendo só mais um ponto que você segue o baile. Mas foi muito, muito no começo, muito antes da... da... da... da galera me conhecer mesmo, né? Porque eles não me davam nem essa oportunidade de me conhecer eles não me convidavam para nada.

A aluna comenta como se assustou ao se deparar com o grupo da turma e ver que, das 40 pessoas, tinha apenas ela e mais uma aluna de mulher. Mesmo que ela já esperasse estar num ambiente dominado masculino, ao se deparar com essa situação foi como colocado por ela, “baque, susto”, o que mostra como essa situação a surpreendeu ainda mais do que ela já esperava. Além disso, Antonieta relata que foi criado também um grupo sem as mulheres da turma, apenas com os homens, para como colocado por ela “falar coisas que mulheres não gosta”, podendo questionar o que seria essas “coisas” que as mulheres não gostam, possivelmente eram comentários que eram machistas, desrespeitosos com as mulheres.

Ademais, ela relata que não se sentia envolvida, porque nunca era convidada para estar com seus colegas de turma e que isto foi traumático para ela, mostrando como toda essa situação também se configura como uma discriminação de gênero, uma vez que ela estava sendo excluída do convívio com os colegas pelo simples fato de ser mulher. Antonieta ainda diz que mulheres estão acostumadas a passar por isso, o que mostra como situações como essa são recorrentes e como as mulheres acabam normalizando situações e comportamentos discriminatórios para evitar que a situação fique ainda pior.

Antonieta traz uma importante colocação: “Mas foi muito, muito no começo, muito antes da... da... da... da... galera me conhecer mesmo, né? Porque eles não me davam nem essa oportunidade de me conhecer, eles não me convidavam para nada”. Fazendo a análise deste fragmento discursivo é possível perceber que os alunos não deram a oportunidade de conhecer Antonieta, apenas a excluíram e, após, ao conhecê-la, essa situação mudou. Sendo possível perceber que a discriminação de gênero impede as mulheres de participarem, estarem nos espaços e se quer serem conhecidas, ouvidas.

Marielle Franco relata como foi difícil sua experiência no início da faculdade por conta do machismo:

(067) É porque assim, quando eu entrei, foi muito difícil, eu entrei em 2016, 2017 até 2018 eu passei muito estresse aqui por conta disso. Eu entrei na empresa Júnior, aí lá na empresa Júnior, a gente teve algumas situações de preconceito mesmo. É de machismo, foi machismo assim, não teve é, não houve muitas reclamações de outros tipos, até porque não tinha. Também não tinha, não tinha gente preta, não tinha gente LGBT. Então assim, né, não tinha né? Aí eu tive um problema, não só eu, como as poucas meninas que eram na época era eu, mais 3 se eu não me engano, uma gestão de 20 poucas pessoas, são 4 meninas e 19 meninos, mas eu acho. Aí foi aí nessa época foi bem complicado, aí assim, passei muito estresse, eu e as meninas.

Analisando este fragmento discursivo é possível perceber como o machismo afeta a vida das alunas. Marielle relata como se sentiu estressada por passar por tantas situações de machismo. Além disso, a aluna comenta que não havia reclamações de racismo, LGBTfobia, mas não porque as pessoas não eram preconceituosas, mas sim porque não existiam pessoas pretas e LGBTs naquele momento.

Beatriz Cerqueira também comenta sobre esse processo do desconforto de chegar em sala e ser uma das poucas mulheres na turma e o processo dos professores:

(068) Mas eu ainda sinto que tem aquela coisa assim que você entra na sala, aí você olha, aí você vê, a maioria é homem. E aí assim eu vejo isso sim, todas as turmas que eu faço, as mulheres tendem a se agrupar. É então assim, você entra na sala, aí você vê homem, homem, homem, uma mulher, você vai senta perto dela. Então é uma coisa que eu tendo até eu tenho a tendência de fazer isso também, porque me sinto mais segura assim, né? Eu chego e já é quando eu não estou na turma que tem minhas amigas, por exemplo, eu já procuro mulheres e a agrupo. Mas eu ainda sinto um pouco assim de incômodo quando eu entro numa sala, eu vejo que tipo assim, sou eu e mais 2 ou eu, mais 3 e eu olho para o lado e eu sinto tipo assim, que você entra e só tem homens e fica um clima pesado, uma coisa que me incomoda também é a questão de professor. Tenho 2 professores mulheres na engenharia elétrica inteira. Então assim é quando tem aulas que tem essas professoras, eu tendo a pegar, porque eu acho bem interessante. Aí o período passado eu peguei uma matéria que era, foi com uma das professoras e eu senti que, tipo assim fez diferença pra caramba na minha questão de motivação, assim mesmo, porque a professora ela é uma professora muito boa e ela falava da das vivências dela, sabe? Então eu via com um espelho, sabe? Ela me inspirou pra caramba, até me inspirou muito a gostar da área que ela trabalha, sabe? Então eu vi que fez diferença, que eu fui a primeira experiência que eu tive com a professora mulher. O resto é só homem.

Beatriz consegue observar que as mulheres se agrupam nas salas e que ela também faz isso, porque se sente mais segura. Mesmo que sejam mulheres que ela não conhece, busca se aproximar. É possível perceber como isto é uma forma das alunas enfrentarem esse ambiente dominado masculino e buscarem se sentirem seguras nele. Além disso, a aluna relata como diferiu ao fazer uma disciplina com uma professora mulher, e que isto a motivou muito no curso, na carreira, que a viu como um “espelho”, podendo analisar que ela se enxergava nela, se sentia representada. Ter feito uma disciplina com uma professora mulher a incentivou, motivou e a fez sentir representada, o que reforça mais uma vez a importância da representatividade e o apoio feminino desde as colegas de sala até as professoras.

Helenira Rezende faz um relato muito forte sobre se sentir inferiorizada nesse espaço e como ela faz para tentar se sentir menos vulnerável:

(069) É eu, me senti às vezes um pouco inferiorizada em questões de a gente tem de estar de TPM. A gente acaba que é muito um pouco mais sensível. Eu senti que talvez a gente tenha alguns problemas que eles não passariam e quando eu comecei a fazer estágio, por exemplo, é uma das primeiras vezes que eu fiz, foi colocar o DIU porque eu queria não ter TPM mais, porque eu queria não me sentir tão vulnerável estando num lugar completamente masculino. E aí eu peguei meu primeiro salário para colocar um DIU, sendo que eu poderia ter tirado uma habilitação e aí isso me deixou um pouco incomodada, porque se fosse um homem, a primeira coisa que eu teria feito era tirar habilitação.

A aluna se sente inferiorizada por questões como TPM, por se sentir mais sensível, fazendo uma análise deste relato é possível perceber que ela se sente inferior pelo simples fato de ser mulher. Para evitar essas situações utilizou seu primeiro salário para colocar um DIU, buscando que com ele tivesse menos variações hormonais, natural das mulheres. Além disso, ela reflete que poderia ter utilizado esse dinheiro para tirar habilitação, sendo algo que um homem pensaria como primeira opção, mas ela mulher, sua primeira opção foi buscar algo para se sentir menos inferiorizada por ser mulher naquele ambiente dominado masculino. Este relato é muito forte, mostra que as mulheres tentam, de todas as formas, se moldarem a estes ambientes dominados masculinos, buscando formas para diminuir as discriminações vividas, e muitas vezes isso ainda não impede que passem por situações de machismo e discriminação de gênero. Além disso, pode refletir se essa atitude pode ser uma forma de se sentir menos feminina, uma vez que a variação hormonal é tida como uma característica feminina, podendo pensar se não é uma atitude que também pode ser vista como uma postura machista naturalizada, onde se busca cada vez mais estar longe das características femininas.

Débora Seabra de Moura relata sobre o processo da roupa:

(070) Mas na faculdade, eu reparei com uma amiga minha esses dias que está muito calor, né? Que a galera da arquitetura, a galera do IAD eles vem mais com uma roupa mais leve, mais boa, porque eles meio que não se importam com a opinião dos outros, só que a gente sempre está aqui de calça, blusa e tênis, é, é a roupa que a gente tá aí, tipo assim, não é nem que mandaram a gente está com essa roupa, mas é porque a gente acha que é melhor estado que vim aqui com um short, por exemplo, eu vim na faculdade com um short quando eu estava lá no ciências exatas, né? Fazendo o ciclo básico uma vez. E mesmo assim, eu não, não me senti muito bem, sabe? Por mais que as pessoas não estejam te olhando. Você fica com aquilo na cabeça, tipo, aí eu acho que as pessoas tao me olhando, então eu procuro evitar. Então, nunca mais eu vim de short, eu estou aqui desde 2018.2, então assim parando pra pensar no calor que a gente ta, eu acho um pouco mais grave, né? Porque em relação mais opinião dos outros do que a minha opinião. Mas eu não me sinto livre talvez para optar pra querer, porque quando eu vou sair, por exemplo, final de

semana, eu uso a roupa que eu quero aqui, meio que eu já tenho determinado as roupas que eu tenho que usar aí pronto, igual hoje eu estou com um bory e que ele é meio mais aberto por trás. Aí eu já, sei lá, já fico meio estranha, me sinto né. **Não se sente segura?** É. Não, não é nem questão de segura ao ponto de, sei lá, achar que alguém vai fazer alguma coisa comigo, sabe? Mas é questão de olhares errôneos, tipo de duvidar da minha capacidade, esse tipo de coisa.

A aluna observa que, em outros departamentos da universidade, as alunas se vestem de forma mais livre. Já as alunas da engenharia se preocupam com as roupas que irão vestir para evitar situações ou comentários desconfortáveis, o que mostra que nos departamentos que não possuem uma presença majoritária de homens, as mulheres se sentem mais à vontade para vestirem e serem quem elas são, sem medo. Débora comenta que nunca mais usou shorts na universidade, por ir uma vez e ter se sentido desconfortável em como a olhavam. Depois disso, independente do calor que estivesse, ela nunca mais usou short. A própria aluna consegue observar, como falado por ela, que isso é grave. Ela ainda relata que não se sente livre na universidade. No momento da entrevista ela estava com uma roupa que a fazia se sentir desconfortável, não porque aquela roupa a incomodava, mas porque tinha medo do que poderiam falar, dos olhares, ou do que poderia acontecer, ou de duvidarem da sua capacidade por conta da roupa que estava vestindo.

Este é outro relato muito forte, que mostra como as mulheres se moldam a esses ambientes, cerceiam a própria liberdade, suas vontades, para tentar se sentirem mais seguras, ou menos desconfortáveis. Porém, a solução não perpassa pelas mulheres se moldarem, se limitarem, não vestirem da forma que desejam, mas sim ter medidas que garantam que as alunas se sintam seguras e livres para vestirem o que quiserem.

Fazendo a análise dos desafios e barreiras enfrentados pelas alunas dos cursos de engenharia mecânica, elétrica e computacional, cursos dominados masculinos, é possível constatar que as dificuldades e barreiras vão além das questões acadêmicas. As estudantes lidam diariamente com assédios, falta de representatividade, cobrança excessiva para provarem sua capacidade naquela área, além de não serem ouvidas. Tais barreiras afetam o desempenho das alunas, a saúde mental, e a vivência no curso. A falta de representatividade e todas as dificuldades enfrentadas, afetam também a carreira dessas alunas, que ao entrar no mercado de trabalho se deparam com situações muito parecidas com a da universidade,

assédios, não serem ouvidas, a necessidade de provarem sua capacidade diariamente, afetando diretamente as carreiras dessas mulheres.

Para que esses desafios e barreiras sejam superados, é necessário haver uma mudança nas instituições de ensino e, também, na sociedade. Promovendo maior inclusão das mulheres nesses cursos e, também, as auxiliando para que essas barreiras sejam superadas e elas não precisem passar por tantos desafios por conta do seu gênero. É necessário, fazer com que se tenha um ambiente de respeito, equidade, e inclusão, onde as estudantes possam ter plena capacidade de desenvolverem seus conhecimentos sem serem prejudicadas por conta de preconceitos ou discriminações.

É importante serem criadas redes de apoio e mentoria e acompanhamento dessas estudantes para que elas sejam ouvidas e possam buscar soluções para os problemas enfrentados. É essencial serem implementadas canais de ouvidoria para as alunas onde possam denunciar situações de assédio, desconforto, discriminação com professores, alunos, servidores, buscando que essas situações sejam ouvidas e resolvidas. Além disso, é necessário que os casos de assédios sejam apurados e punidos para as alunas serem protegidas de tais situações e que casos como esses não se repitam.

Com a análise deste tópico foi possível observar que diversas são as barreiras e desafios das alunas em cursos dominados masculinos e em grande maioria essas barreiras são exclusivamente por conta do seu gênero. Dessa forma, se mostra extramente necessário avançar nos debates e no combate da discriminação de gênero nas universidades e em toda sociedade.

4.6 Casos de assédio e discriminação de gênero

Assédio e discriminação de gênero são temas importantes de serem discutidos e analisados nesse trabalho, uma vez que muitas mulheres passam por esses tipos de situações. Conforme a Organização Mundial da Saúde (2010), assédio pode ser definido como uma violência interpessoal que utiliza do abuso de poder ou autoridade para intimidar, humilhar ou coagir uma pessoa em situação de vulnerabilidade. Já a discriminação de gênero é um tipo de violência contra as mulheres, onde as mulheres são discriminadas em diversos âmbitos como a limitação de acesso à educação, ao mercado de trabalho, salários desiguais e, também, na desigualdade na tomada de decisões (NAÇÃO UNIDAS, 2019).

Ao definir para as entrevistadas o que seria assédio, uma vez que muitas mulheres não conseguem identificar que já passaram por uma situação desse tipo, 13 entrevistadas relataram já terem vivenciado alguma situação de assédio desde as “piadinhas”, “brincadeiras”, a toques não autorizados em seu corpo, falas, violência, entre outras situações dentro e fora da universidade. Sendo assim, 13 das 18 alunas entrevistadas já se sentiram assediadas de alguma forma.

Nísia Floresta Brasileira Augusta comenta que foge dos professores que possuem fama negativa e, também, da experiência em projetos:

(071) Acho que eu tive sorte de ter professor bom assim, eu fugia dos que eu sabia da fama, sabe? Negativa assim. É no segmento que eu participei aqui eu participei da porte empresa Júnior, ISF uma ONG de engenheiros sem Fronteiras, e aí, às vezes eu via nos projetos que o beneficiário, ou cliente, às vezes trata mais como projetista homem né? Porque acha que sabe mais é, mas posso falar algo discreto, mas se percebe a diferença. Ou igual quando eu saio com meu namorado, não tem questão da faculdade, mas aí sempre dá conta para ele, ou dá o cardápio para ele, isso me incomoda, não é uma questão da faculdade, mas é algo que você percebe também. Mas eu acho que foi algo mais sutil assim, mas que você vê a diferença, né? Você todos os dias você vê alguma sutileza assim por ser esse ambiente mais masculino? Sim, mas igual eu te falei na faculdade em si, foi mais nesses pontos de quando eu lidava com gente de fora, no segmento, entendeu? Agora de professor em si, eu nunca presenciei não. Não eu nunca tive não, igual eu te falei eu fugia daqueles que tinha uma fama sabe?

Analisando o fragmento discursivo acima, observa-se que a aluna comenta que “fugia” dos professores que possuem uma fama negativa. É possível perceber que Nísia tem como uma forma de proteção evitar esses professores. A escolha da palavra “fugir”, que tem como significado “escapar(-se), desviar(-se) precipitadamente de (perigo, pessoa ou algo ameaçador, desagradável ou tentador)”, mostra que a aluna tenta evitar situações desconfortáveis com os professores que já possuem “fama”, que vem dos casos em que tais professores foram acusados de assediar ou discriminar outras alunas.

Além disso, Nísia relata que nos projetos em que participa os clientes tratam de forma diferente as mulheres e preferem projetistas homens. Ela também aborda situações do cotidiano como quando sai com o namorado e entregam a conta para ele. Dessa forma, conforme o relato, todos os dias ela percebe algumas sutilezas relacionadas à naturalização e reprodução das práticas sexistas na sociedade. Diariamente, as mulheres passam por situações que as colocam em situação de discriminação, mesmo em situações sutis, para reforçar a hegemonia da dominância masculina nas relações de poder.

Bertha Lutz também tem a mesma estratégia de evitar fazer matéria com professores que já assediaram outras alunas:

(072) Aqui na faculdade tem história de professor que foi processado por conta disso e ele continua dando aula, dá aula. Atualmente hoje dá aula aqui e eu evito pegar a matéria com ele. A minha amiga mesmo comentou que ela não teve opção, ela pegou uma matéria com ele, está fazendo uma matéria com ele e quando ele veio falar com ela depois da aula, aí um policial já chegou junto, sabe porque ele já está com vários processos e mesmo assim continua dando aula.

A aluna diz que já ouviu relatos sobre professor processado por assédio e, ainda, continua lecionando as aulas. Por isso, ela evita fazer aulas com ele, como forma de prevenção. Porém, uma amiga não conseguiu fazer o mesmo que ela e precisou cursar a disciplina com o professor, que em certa ocasião a abordou após a aula, mas foi contido por um policial que, por já saber dos processos contra ele, resolveu se aproximar para proteger a aluna. Este relato, embora não traga mais informações que nos permitam compreender melhor a natureza, gravidade e provas das denúncias contra esse professor, é suficiente para suscitar um dos principais problemas relacionados a denúncias de assédio: a impunidade aos assediadores. Tal impunidade pode ocorrer devido ao comportamento corporativista de homens que tentam minimizar a responsabilidade de seus pares assediadores, ou pelas próprias dificuldades do sistema, em especial no serviço público, de conseguir punir aqueles que delinuem. Na universidade essa impunidade permite que eventuais assediadores continuem lecionando e, com isso, faz com que outras alunas se sintam inseguras em cursar disciplinas com eles e acabarem, elas próprias, sendo vítimas em situações de assédio.

Antonieta de Barros também fala sobre saber de histórias de professores e de um tratamento diferenciado:

(073) Sim, assim não teve nada muito explícito, mas você, eu sentia assim uns momentos, principalmente quando entrava muito na parte técnica da área. É monitores, professores, colegas de turma mesmo achavam que é que teria alguma diferença, né? Tratavam com uma diferença, sendo que não tem, porque nunca teve, porque e aí eu sentia isso, isso mais forte assim, quando a gente estava tratando mais área técnica do curso.

Tive alguns professores que eu sabia de histórias, e aí ele estava, não ia na aula, deixei de ir. Teve um professor que eu soube que ele assediou uma garota estava tendo alguns processos contra ele e eu estudei muito como ele falou que se a gente passasse, assim que a gente passasse na disciplina, tivesse os 60 pontos ele não obrigava mais na aula. Então eu dei muito para fechar todas as primeiras entregas para não ter que ir na aula dele mais. É era umas situações meio bem, eu preferia não ter contato nenhum, com medo para evitar, enfim, por não querer olhar na cara dele também era na época de eleição, ele votava nessa bosta que a gente tinha de presidente e aí ele ficava falando dessas palhaçadas na aula era péssimo. Então, eu passei na matéria mais rápido possível para não ter que ir na aula mais. Mas não

teve nada diretamente comigo. É com os meus colegas de turma teve umas, já soube de algumas conversinhas, aqueles assédios bem enchidos assim, de comentários que nenhuma mulher gosta de ouvir e eles acham que é elogio. Mas foi muito, muito no começo, muito antes da da da da galera me conhecer mesmo, né? Porque eles não me davam nem essa oportunidade de me conhecer eles não me convidavam para nada.

A aluna relata que não frequentava a aula do professor, que sabia que tinha assediado outras alunas, e que um deles falou que se tivessem 60 pontos ele não iria cobrar mais presença. Então, ela estudou muito para obter essa nota e não ter que frequentar mais as aulas desse professor. Antonieta ainda diz “eu preferia não ter contato nenhum, com medo para evitar”. Ela expressa que preferia não ter que fazer disciplinas com um professor que já assediou outras alunas, pelo medo de também acontecer algo com ela, o que reflete mais uma vez a impunidade desses professores e o medo e insegurança que instaura nas alunas que precisam fazer aulas com eles. Além disso, a aluna relata que os colegas faziam comentários que, para eles, eram elogiados, mas para ela não soava como tal, a incomodava. Dessa forma, é possível ver que esse ambiente é opressor, agressivo para as alunas que não se sentem seguras com os professores nem os colegas de classe.

Beatriz Cerqueira também passa pelo mesmo procedimento de evitar ir à aula de um professor denunciado como assediador:

(074) Sim, esses fazem assim, são tipo assim, só uns 3 ou 4. Claro, igual falei, não é a maioria, mas sei lá uns 3, 4. só de uns 30 professores que a gente tem uns 3, 4 que você já sabe, então, eu acho que, tipo assim, só de, de fugir desse professor, já é uma coisa, porque um homem, ele não vai pensar nisso. Ele vai pegar o professor que ele quiser, sabe? A mulher, tipo, ela vai pensar esse professor eu sei que é que já teve coisa, igual esse que eu falei da que eu peguei esse período que eu não tive escolha. Eu nunca fui na aula ainda, então eu não tive contato com ele. Talvez eu vá trancar. É ele já teve denúncia aqui dentro, tipo assim, de várias coisas, tipo, ele continua, não acontece nada, sabe? Então eu acho que tipo assim, já chegou num nível que ninguém nem mais reclama dele, porque, tipo, todo mundo já sabe o que ele faz, todo mundo, e ele continua aí assim que é isso, sabe, só aceita.

A aluna comenta que os professores que já são conhecidos por assediarem alunas são cerca de 3 ou 4, e que ela busca fugir desses professores. Preocupação que os alunos homens não têm. Beatriz não conseguiu evitar e precisou cursar disciplina com um desses professores. A aluna relata que não foi em nenhuma aula, e que pensa em trancar a disciplina. Pode-se verificar, mais uma vez, como a permanência impune desses professores na universidade afeta diretamente a vida das graduandas mulheres. Além disso, Beatriz relata que as alunas pararam de reclamar sobre esses professores por verem que eles não são

punidos pela instituição. Assim, elas próprias acabam naturalizando a obrigatoriedade de conviver com eles e com esse tipo de situação e desenvolvem táticas alternativas para permanecerem neste espaço da maneira mais segura possível. Essa situação remete a um questionamento, se fossem homens que estivessem denunciando e se sentindo inseguros, será que a postura seria a mesma?

Marielle Franco faz um comentário sobre esse processo da não apuração das denúncias:

(075) Eu fui conversar com uma colega minha do direito, e ela estava me contando sobre como ela e umas amigas dela direito, elas estavam fazendo tipo uma pesquisa pra investigar, né, entre aspas, os casos que UFJF arquiva, de denúncia de assédio, de alguma coisa que acontece, porque então assim, ela tava me contando que ela viu, na ouvidoria que o pessoal, relata pra ouvidoria, ouvidoria meio que não leva pra frente vai arquivando. Aí, aí ela me contou algumas coisas assim, vira e mexe tinha, hoje em dia eu escuto bem menos. Eu acho que eu estou muito alheia a vivência acadêmica, entendeu? Mas antes a gente escutava muito mais, sabe? De uma menina que foi assediada na praça cívica ou no estacionamento, tem muita coisa, no estacionamento, estacionamento da Odonto, estacionamento ali, perto do Creed, sabe que é mais escurinho? Coisas que você já escutou, mas sim, você é verdade, ninguém nunca investigou né?

A aluna relata comentários sobre o não prosseguimento das denúncias de assédio feitas pelas alunas, reforçando o porquê desses professores que já são conhecidos por assediar alunas ainda estarem lecionando matérias na universidade. Além disso, Marielle relata que, atualmente, se ouve menos sobre relatos de assédio, o que pode ser relacionado com a fala de sua amiga sobre o não prosseguimento das denúncias na ouvidoria e da aluna Beatriz Cerqueira que disse que as alunas não fazem mais denúncias por saberem que não serão levadas adiante.

Dessa forma, é possível analisar que a falta de efetividade das denúncias faz com que os casos não sejam devidamente investigados ou não ocasionem punições, de forma que os professores assediadores permaneçam nos cargos e as alunas se sintam inseguras por terem que, obrigatoriamente, fazer disciplinas com eles. Além disso, faz com que as alunas desistam de denunciar novos casos de assédio, uma vez que os que já foram denunciados não resultaram em punições.

Aurora Maria Nascimento Furtado aborda o processo da pandemia e como isso ajudou para que não acontecesse casos de assédio:

(076) Eu acho que a pandemia dificultou muito, né? Porque esses todos esses anos remotos as aulas eram gravadas, essas coisas, dificultou no sentido de isso acontecer

claro que facilitou a nossa vida. Então assim, é difícil de pontuar. Não consigo lembrar de nenhum caso em específico, assim que agora que a gente está retornando presencial de novo, né? E que os professores, eles perdem um pouco do filtro, né? Porque quando é remoto, pode gravar, regravar, se fez algum comentário tem como excluir, aí pessoalmente, não, a gente sabe que tudo que eles falam ficam gravados assim, então não consigo lembrar de nenhum em específico.

Na pandemia as aulas eram online e gravadas. Para a aluna isso dificultou com que os casos de assédio acontecessem, uma vez que o conteúdo seria gravado e poderia ser utilizado contra o assediador. Além disso, ela relata que os professores “perdem um pouco o filtro”, podendo significar essa afirmação que os professores falam ou fazem algo para além do aceitável, do respeito.

A aluna Dilma Rousseff diz como é uma luta diária estar nesse ambiente:

(077) Aqui no ambiente acadêmico, como mulher, todos os dias a gente infelizmente é uma luta diária, né, que a gente acaba sempre ignorando, né? Porque se envolve até o risco, além. Então assim, em relação a corpo, a exposição, os olhares assim, brincadeiras. Não, nunca como eu disse, não tem uma situação pontual aqui, mas é no trajeto de vim para cá. Do ponto de ônibus e nesse, nesses ambientes sim.

E dentro da universidade você também se sente assim?

Acaba que a gente fica com a preocupação, até mesmo em relação ao corpo, né, do assédio da gente ter que se, né? Resguardada mais assim, essa preocupação, às vezes em ta se expondo demais. É então assim, o sentimento, mas é só mesmo aqui, pontual comigo e a gente até ouve isso em casa diretamente, né? De assédio. Mas comigo, particularmente, eu não tenho nenhum caso a relatar.

A aluna vê esse espaço como uma luta diária, onde se acaba naturalizando situações cotidianas de desrespeito às mulheres. Ela busca se resguardar em relação às roupas para não expor seu corpo, para evitar que aconteçam situações desconfortáveis, ou até de assédio. Fica evidenciado o medo constante do assédio, representado pela expressão “luta diária”, que pode ser analisada como uma necessidade constante de se manter alerta para batalhar, para se preservar e ficar segura.

Iara Iavelberg comenta um caso onde uma mulher teve seu trabalho reprovado em projeto, por ser mulher:

(078) Já ouvi histórias igual a semana, a semana da mulher que eu organizei e participei. É, eu ouvi uma falando que o projeto dela não foi aceito porque ela era uma mulher. O projeto no trabalho dela não foi aceito, que ela era uma mulher. Isso, nossa, me incomoda demais. Eu fico pensando, se for eu, sei lá o que que eu faço.

Este relato é algo muito sério, uma vez que lança suspeitas sobre a análise de um trabalho acadêmico que teria sido desqualificado a partir do gênero da autora,

configurando-se, caso seja uma situação real, uma discriminação de gênero. Tendo em vista que avaliações de projetos ou demais trabalhos acadêmicos precisam ser feitos a partir da qualidade do conteúdo e não do gênero da pessoa que está fazendo aquele trabalho, uma eventual discriminação contribui para reproduzir na universidade um tipo perverso de violência simbólica que deslegitima a mulher e desmerece sua pesquisa, sua capacidade intelectual.

Iara ainda fala sobre situações vividas na rua e na universidade:

(079) Ah já. No ônibus, é clássico. No ônibus é clássico, não tem como, é passa a mão. Já teve um comentário, por exemplo, eu estava montando em escala, não sei o que modifiquei a escala e o ser humano propriamente falou assim: “É, poxa, pena que o seu horário não é mais perto do meu”. Eu estou assim, e daí que não é mais perto do seu, não ia acontecer nada sendo perto do seu ou não. Então eu senti desconforto, porque, tipo, é um negócio de tudo bem, não é uma empresa, mas é profissional, tipo, a gente tá lidando com vários tipos de pessoas, me incomodou esse comentário.

Porque não é assim que funciona, então eu sou mais bruta, eu tenho esse jeito é mais bruta, mas eu acho que isso vem muito do meu pai também. Meu pai me ensinou me defender. O meu pai me ensinou que nenhum homem me encosta a mão se eu não quiser.

Iara relata como no ônibus é algo cotidiano passar por situações de assédio. Além disso, ela aborda uma situação com um colega no diretório acadêmico onde ele insinuou que queria estar no mesmo horário que ela. Porém, ela mesmo já rebateu dizendo que não aconteceria nada, mas foi algo que gerou um incômodo na aluna. Além disso, Iara relata que tem um jeito de ser mais “bruta” que foi ensinado pelo seu pai, como uma forma de se defender. Seu pai também a ensinou que “nenhum homem me encosta a mão se eu não quiser”. Esses ensinamentos do seu pai mostram a proteção do pai com sua filha, buscando evitar que ela passe por situações desconfortáveis e como isso se mostra importante para a sua proteção.

Maria Luiza Soares Fontes comenta como acabou se adaptando a esse ambiente:

(080) Sabe uma coisa te joga no ambiente quando você vê, você já se adaptou, o ambiente vai, eu acho que automaticamente eu devo ter, mas eu não sei falar o que eu faço? Ou o que foi que eu cheguei a mudar para me adaptar assim em volta.

Mas eu tenho às vezes uma coisa que é de praxe de vir de short, já pensando, vou voltar de noite para casa, não vou me sentir segura porque eu já sei que eu vou ouvir alguma coisa que eu vou ficar incomodada, aí eu acabo vindo mais de assim de calça. Vindo com a calça mais larguinha, vestido longo, mas dentro da universidade. Eu nunca cheguei a me sentir incomodada, mas fora dela na hora de ir embora,

dentro do ônibus, aí já dá aquele desconforto, aquela insegurança de estar com aquele determinado tipo de roupa.

Este fragmento de discurso mostra que, se “adaptar” ao ambiente, é uma forma de se blindar, se proteger a esse ambiente dominado masculino. Além disso, a aluna comenta que ao vestir shorts já sabe que não se sentirá segura ao retornar para a casa a noite, que se sente incomodada, e que acaba evitando vestir shorts por isso, sendo também uma forma de proteção, mas, ao mesmo tempo, de opressão uma vez que não se veste como deseja, e sente insegura quando se veste com uma roupa que mostra mais seu corpo. Dessa forma, a aluna prefere usar roupas mais largas, e comprida para evitar essas situações de desconforto, principalmente por conta da volta para casa.

Enedina Alves Marques comenta sobre uma situação de um projeto e como se comporta nesse ambiente:

(081) Teve um caso, é, na verdade, quando eu participava desse projeto, eu lembro que tinha um projeto muito grande que todo mundo queria, que era um projeto que acontecia todo semestre e eu queria muito pegar a coordenação desse projeto. Essa coordenação não foi passado pra mim, foi passado para outra pessoa. E aí eu me senti bem diminuída. **Era um homem?** Era, era. Eu me senti bem diminuída, como se é, eu não fosse capaz de poder fazer nada.

Dentro de sala eu nunca, nunca senti nada assim, porque eu sou uma pessoa que eu não levo desaforo para casa. Então se eu escuto algum tipo de comentário, eu faço um comentário irônico, por cima, faço questão, né? É óbvio que assim a gente, a gente tem muito medo, porque a gente sabe que existe essa perseguição. Então se eu viro, levanto a voz, se eu falo alguma coisa, professor foi machista? Eu falo, você está sendo machista, né? Eu sei que eu vou ter que trancar a matéria depois. Não vou poder fazer com ele, porque com certeza vai haver uma perseguição do lado do professor.

É dentro da faculdade não. Mas já houve inúmeras piadinhas de tipo assim: “Ah, mulher fazendo engenharia, nossa, que diferente” e também, ou às vezes até ah piadas relacionadas à mulher no geral, né?

Mas eu já vi um relato de uma menina. Que falou uma vez que levantou a mão dando sala de aula para um professor poder, para poder tirar a dúvida, e ele falou que mulher não tinha dúvida pertinente na aula dele.

Ao tentar a coordenação de um projeto, a aluna não conseguiu e a vaga foi para um homem, o que fez com que Enedina se sentisse diminuída, não se sentindo capaz. Esse relato reforça a desigualdade e dificuldade das mulheres estarem em cargos de coordenação, em postos de liderança e, não necessariamente, por falta de capacidade. O relato permite compreender que, ao se questionar sobre sua própria capacidade, a aluna teve a percepção de

que não foi preterida por uma questão de capacidade ou conhecimento e, sim, devido ao seu gênero.

Enedina também aborda que tem um comportamento de não aceitar comportamentos, falas machistas, apesar de ter medo da perseguição, mas mesmo assim, ela se impõe. A aluna até comenta que quando isso é com um professor, ela sabe que depois precisará trancar a disciplina, mostrando que quando as mulheres se impõe nessas situações e os homens estão num espaço de poder, elas são duplamente punidas, pelos comentários e situações desconfortáveis e por terem se manifestado contra essas atitudes. Além disso, Enedina, fala sobre um caso onde a aluna tentou fazer uma pergunta ao professor e ele falou que “mulher não tinha dúvida pertinente na aula dele”, sendo um comentário extremamente machista e discriminatório, silenciando a aluna e impedindo que a tirasse sua dúvida sobre o conteúdo pelo simples fato de ser mulher.

Lúcia Murat, fala sobre como é tratamento com ela por ter namorado:

(082) É tipo assim, eu namoro, uso aliança. Então, às vezes você vê que a pessoa olha, e a pessoa que tipo, ai, nossa, como que eu posso te tratar? Eu tenho que tomar cuidado porque aí você tem um namorado, gente, isso pra mim também é o fim, meu Deus, tipo assim, sabe, tipo assim, é, parece que a pessoa está respeitando muito mais, tipo meu namorado do que a mim mesmo, e tipo a mim mesma, e isso é uma coisa que eu acho que ainda falta muito também aqui. Porque tem muitas meninas, que eu conheço que namoro e elas são tratadas diferentes das solteiras.

A aluna relata como o tratamento é diferenciado por namorar, mas no sentido de respeitar o namorado dela e não ela. O que mostra que muitas vezes uma mulher só é respeitada quando tem um homem junto, esse respeito não é por ela e sim por aquele homem.

Marielle Franco fala sobre como os colegas de empresas juniores a tratavam diferente e não a ouviam:

(083) Com certeza, na empresa júnior, muito. É quando eu pedia alguma coisa no meu departamento tinha um garoto, para reforçar o que eu pedi. E assim era com as meninas de todos os setores, entendeu? Era sempre assim, sempre tinha que ter um menino, para reforçar o que a gente tava pedindo, porque se só a gente pedisse, não ia ser cumprido, ou ia ser cumprido parcial, então era assim, tudo o que a gente tentava fazer, se a gente é, se eu tentar se, outra menina tentava, a gente tinha que virar, fala assim: ‘O fulano fala lá pro pessoal pra dar um engajamento, que eu tô pedindo e ninguém ta fazendo’ E assim a gente saia, piadinha, para de fazer essa piadinha. O pessoal da empresa júnior, eles falavam até da cor do meu cabelo, é porque eu tinha cabelo cacheado, “que cabelo nem nem nem nem”. Só que era umas implicância sabe?

Este fragmento discursivo mostra que para as mulheres serem ouvidas em um ambiente dominado masculino é necessário que um homem fale novamente o que ela disse. Marielle relata como essa situação é recorrente no seu dia a dia na empresa júnior, que só após um homem falar ou pedir o que ela acabou de falar que é feito, ou como colocado com ela “que a gente tava pedindo, porque se só a gente pedisse, não ia ser cumprido, ou ia ser cumprido parcial”, ao analisar este fragmento é possível perceber que as alunas não são ouvidas, pelo simples fato de serem mulheres.

Além disso, Marielle relata uma situação de assédio vivida em uma confraternização da empresa júnior:

(084) A gente tava, alunos da faculdade, a gente estava numa confraternização da empresa júnior só com o pessoal da empresa e o menino passou a mão em mim. Aí eu fiquei assim, aí foi um dia muito tenso, esse dia eu e minha amiga, a gente chorou por causa disso. Nossa, foi, foi tenso, esse dia sabe, a gente já estava, a gente estava bolada com umas coisas que tava acontecendo, aí o menino passou a mão em mim. Ele falou assim, “Ah, não, não, foi sem querer e tal” só que depois ele falou para os outros meninos que não tinha sido.

A aluna relata uma situação onde passou por um assédio e como isso deixou ela e sua amiga muito mal. Elas já estavam chateadas com outras coisas que estavam acontecendo, o que pode mostrar relacionado com o seu outro relato como este ambiente estava tendo várias situações desconfortáveis. Além disso, o assediador falou que era sem querer para ela e para os outros homens disse que não foi. Mostrando que ele tinha ciência do assédio e ainda comentou para outros homens, o que pode representar até como uma forma de se vangloriar pela violência cometida.

Anália Emília Franco aborda que criou um filtro para conviver nesse ambiente e com a sensação de não proteção, característico dele:

(085) Não, igual falei antes e repito, eu não sei, não sei se eu tenho um filtro e filtro as coisas, mas eu não tenho nada na minha memória de ter vivenciado ou testemunhado algum episódio, é de um menosprezo mesmo de brincadeira, piada desse cunho do gênero. Nem antes no ciclo básico, nem ICE e nem durante a engenharia.

Olha, então, dentro da universidade, assim igual, falei mais no início do curso, é essas questões de piadinha, brincadeirinha, né? Isso também não vem ao caso, mas essa sensação mesmo, de estar sempre desprotegida, quanto estou andando sozinha, até mesmo dentro da universidade, eu tenho assim, às vezes eu tenho aula mais tarde, que na engenharia fica tudo muito escuro, é já teve casos também muito tempo atrás de ter um caso de estupro no escadão do ICE. Então, assim é um lugar que eu até evito passar de noite e eu fico com medo de andar de noite muito escuro aqui dentro. Porque a gente sabe que aqui é um lugar público, né? Então, assim, não

só pessoas da universidade pode estar aqui e também, enfim, né? A gente acaba tendo medo por conta da nossa sociedade como ela é.

A aluna relata que criou um filtro para esse ambiente e que filtra as coisas, o que mostra que ela evita enxergar tais situações, como uma forma de proteção àquele ambiente. Logo após essa afirmação, Anália relata não ter na memória nenhum episódio de machismo, porém, como ela falou deste filtro, pode ser que a aluna apenas tenha evitado guardar em sua memória alguma situação, ou enxergá-la. Além disso, Anália fala que não se sente segura quando está sozinha na universidade, por já ouvir casos de estupro na universidade. Então, de certa forma esse filtro da aluna tem um certo limite, pois ela ainda se sente desprotegida na universidade por já ouvir relatos de outras pessoas, com medo disso acontecer com ela.

Débora Seabra de Moura, também fala sobre como não se lembra de situações de assédio:

(086) Bom, então perguntando assim, agora de lembrança mesmo, eu acho que eu não consigo lembrar de nenhuma. Talvez em um outro momento, se eu martelar mais um pouco é porque, tipo assim, como eu mesmo disse no começo da entrevista, eu sou o tipo de pessoa que eu acabo... não é fechando os olhos para isso, mas eu acabo pegando foda-se sacou, então algumas coisas que às vezes para outras pessoas, soaria discriminação e tudo mais, eu acabo cagando e andando.

Aqui é possível ver mais de uma aluna que utiliza da forma de não guardar em sua memória as situações desconfortáveis como uma forma de proteção. Débora comenta que, se “martelar”, pode até lembrar, o que mostra que possivelmente ela já vivenciou ou ouviu alguma situação. Porém, visa esquecer essas situações como uma forma de conviver nesse espaço. Sendo possível analisar, uma prática recorrente das alunas de tentaram “filtrar”, “esquecer” as situações desconfortáveis que passam nesse ambiente dominado masculino.

Beatriz Cerqueira fala sobre uma situação vivida com um professor:

(087) Deixa eu pensar, se eu já sei... ah não mentira, já sim. É assim, tem um professor que ele era orientador, ele é o orientador do engenheiros sem fronteiras e eu faço parte. É uma ONG aqui, dentro do da engenharia. E eu peguei um projeto. Ele é da área de engenharia elétrica, pegou um projeto que era de projeto elétrico, e aí eu precisava de orientação dele. Então a gente fazia reunião no meet, eu e ele e um outro menino e tal, só que eu era gerente do projeto. Então quem tinha contato direto com ele era eu. Aí, é nisso, ele me seguiu no Instagram e tal, e me adicionou no Facebook, aí eu adicionei porque eu falei assim, ah, sei lá e tipo ele é, eu gostava dele com o professor, tipo assim, ele é gente boa, não sei o que. Aí eu adicionei lá nanana, só que nisso ele começou tipo a curtir meus stories tipo assim stories meu, só eu, não tipo... **Só foto sua?** Foto minha com uma música. Aí, ele curtiu o stories, ele chegou a reagir com aquela carinha de apaixonado, sabe? E aí eu comecei a falar assim, vei não, né? Uma coisa ele me manda mensagem

perguntando, do projeto, perguntando alguma coisa à outra coisa ele ficar fazendo isso e, tipo, eu queria que ele orientasse meu tcc, eu desisti, porque eu falei assim, eu tenho medo real, ele não chegou a fazer uma coisa tão assim, tipo um toque alguma coisa assim. Mas eu não ia deixar isso evoluir, então aí eu bloqueei ele no meu story, eu não deixei de seguir, mas bloqueei ele no meu story pra ele não ficar vendo, pra ele parar, né? De reagir. E aí eu acho que ele não vai ser meu orientador de tcc. Porque eu tenho ... eu tenho medo e aí eu fui perguntar para outras pessoas para outras meninas que eu falei assim, será que ele faz isso comigo ou ele já fez com outras? Aí eu tenho uma amiga também que ela já fez matéria com ele e ele ficava tipo assim, às vezes mandando mensagem pra ela no LinkedIn, tipo assim, às vezes encaminhando vaga, mas tipo assim meio que puxando assunto, mandando mensagem e que ela também se sentiu incomodada, então, tipo, ela também deu uma afastada tipo, bloqueou, não sei que ela chegou a fazer, mas tipo, não deu corda e eu conheço uma outra menina que fez o TCC com ele, e aí eu fui perguntar porque eu queria fazer, então, porque, por causa da área de atuação dele, não dele, da área de estudo que ele é especialista. Aí ela falou que ele nunca fez nada, mas que ela não adicionou ele no Instagram. Tipo assim, ele pediu e ela não adicionou nem no Facebook, nem nada, pra realmente não misturar nada, sabe? E talvez aí eu acho que talvez por isso ela não tenha tido nenhum problema nem nada, mas que ele nunca tentou, tipo, nunca. Foi... ah... Não sei. É meio abusivo, assim, meio intrometido demais, sabe aí? Mas eu acho que eu não vou fazer meu tcc com ele não porque eu real tenho medo porque a questão é uma coisa, eu tava num projeto que ele tá orientando, eu se eu me sentir mal, eu simplesmente não peço mais orientação dele, peço pro outro, não tem esse receio, tipo assim, ele pode prejudicar se eu não sentir a vontade, aí eu estou com uma dúvida sobre o trabalho, aí eu vou perguntar uma pessoa que eu tenho medo de tipo, assim eu teria medo de ir na sala dele. Tipo eu e ele numa sala dele, eu ia ter medo, então, tipo assim, é aí eu poder prejudicar o meu trabalho de conclusão de curso, então assim, provavelmente não vou pegar com ele.

A situação relatada pela aluna é algo muito sério, que mostra que um professor que ela admirava e tinha interesse que fosse seu orientador de TCC, por conta da pesquisa que ele desenvolvia, começou a ter atitudes que excederam o limite de professor e aluna. Ao conversar com outra aluna, ela também ficou sabendo que ele teve a mesma atitude em redes sociais com ela. O que mostra que esse comportamento do professor se repetia com outras alunas. Beatriz Cerqueira, se sentiu incomodada com toda a situação e ficou prejudicada em relação a sua pesquisa para o seu trabalho de conclusão de curso, uma vez que não quer desenvolver mais o trabalho com este professor após essa situação, e que não quis “deixar isso evoluir” podendo analisar esta expressão, como a aluna não queria continuar tendo contato com este professor com medo que este “evoluir” fosse para uma situação de assédio, além disso, ela relata que tem medo após essa situação de ficar em uma sala sozinha com ele.

Dessa forma, é possível perceber como toda essa situação afetou a aluna, nos seus estudos, mas também pessoalmente ao desenvolver um medo e preocupação com este professor.

Helenira Resende fala sobre como é tratada diferente em seu estágio e não recebe a devida validação:

(088) **No estágio, já assim, nessas situações que você comentou já não é** que acho que foi 2 semanas atrás chegou um cara lá que querendo perguntar as coisas, eu trabalho numa empresa de energia solar. Aí estava eu e o outro estagiário, o engenheiro mesmo não estava. Mas e o outro estagiário ele é novo e eu que treino ele, então, tudo o que o cara estava me perguntando eu estava respondendo, mas ele não olhava para mim e ele olhava pro menino enquanto eu falava com ele. Isso me deixou muito incomodada. **E é diariamente, assim você tem essas situações?** É, aconteceu outra na feira de energia solar que eu fui é feira da América do Sul foi uma feira muito grande. Eu chegava para olhar as exposição de materiais e ninguém chegava perto de mim para me explicar nada. Chegava um cara do meu lado e chega um monte de gente para falar esse painel ele oferece isso, isso aquilo. Aí eu até chegou a um certo ponto que eu queria ir embora.

A aluna relata que mesmo sendo ela quem treina o outro estagiário, ao atender um cliente ele não olhava para ela e, sim, para o outro estagiário. Mesmo sendo ela quem sabia da situação que estava explicando ao cliente, o comportamento do mesmo evidencia a falta de confiança e validação do conhecimento e capacidade das mulheres nesse espaço, reforçando os preconceitos de gênero em favor da hegemonia masculina. Ela ainda relata serem situações que acontecem diariamente e que, em uma feira em que participou, ninguém chegava perto dela para ela explicar. Ao chegar um homem, várias pessoas iam o ver explicar e isso a incomodou tanto que ela quis ir embora daquele espaço. Estes relatos mostram a não validação das mulheres, o desmerecimento da sua capacidade apenas por conta do seu gênero.

Helenira Resende, também comenta sobre o processo da roupa:

(089) Ah, já alguma coisa de com a roupa. **De fazer algum comentário?** É de falar alguma coisa, como se a que eu estava de decote, sabe e, sendo que eu nem estava, estava só com uma blusa normal, mas pra homem, qualquer coisa. E olhares que aí te faz querer ficar sempre tipo a fechando assim, pra ninguém, fica olhando porque você percebe quando a pessoa não olha no seu olho, ela olha para o seu corpo. **Isso tanto dentro da universidade quanto fora?** Uhum. **Na universidade é muito frequente, você sente que se preocupa muito com sua roupa?** Na universidade, não tanto que é assim a sala sempre está mais cheia e acaba que eu não como professores pelo menos não tem isso não. Mas fora eu acho que tem mais.

A aluna relata que, mesmo estando com uma blusa normal, recebeu comentários como se ela estivesse com um decote. As pessoas olham diretamente para seu corpo e não nos seus olhos, mostrando a sexualização das mulheres independentemente das roupas que vestem. A sexualização das mulheres independe da roupa que estão usando, a objetificação sexual é uma violência de gênero que acontece independente da roupa utilizada, uma vez que se relaciona com a cultura, mídia que colocam as mulheres em posição de objetos sexuais para satisfazer os homens (NUSSBAUM, 1995)

Débora Seabra de Moura, fala sobre uma situação com o professor:

(090) Então, esse semestre eu falei que peguei com esse professor, né? (pegou disciplina) Ele toda vez que eu chego na aula que com ele, você porque ele gravou meu nome. E, ele fica tipo a é moreninha que, sei lá, tipo perguntando se eu sou parente de... Ontem mesmo, ele perguntou se é qual que é minha origem, se eu sou parente de índio né. Eu falei assim, meu vô era pipi popo, não dou muita corda, mas também não deixo no vácuo. Por que eu tenho, muito medo, tipo, se ele fizer, desrespeito direto, eu vou mandar ele para *****merda, mas enquanto tá uma coisa mais indireta assim, eu tenho um receio do professor, acabar tomando raiva de mim e eu acabar sendo reprovado na matéria que eu acabei de ser reprovada. Então assim, eu prefiro não arriscar muito. Ao ponto de ficar mal vista também com o professor. **Mas é uma situação que você sente desconfortável? Sinto. Você não fala por medo de o que pode acontecer, né?** É exato. Exatamente, tipo assim eu acho que se ficar mais sério, eu falaria alguma coisa, mas enquanto ele só está pagando de doido, eu deixo ele.

Apesar de se sentir desconfortável com os comentários do professor, ela tenta evitar o confronto com medo do que isso pode gerar, de reprovar na matéria, e tenta fazer esses comentários indiretamente, mas ela fala que caso ele fazer algo que desrespeite ela não conseguirá ficar quieta. O que mostra a força da aluna nessas situações, apesar de serem desconfortáveis.

Janáina da Silva Bezerra diz sobre uma situação que vivenciou em um processo seletivo:

(091) Eu especifico acho que... (silêncio) eu acho que teve uma vez que foi até um segmento que eu tava tentando entrar que é o i3e já ouviu falar? Foi um ambiente que eu me senti extremamente desconfortável, assim foi era uma entrevista a gente ia fazer e aí eu lembro que eu tava tipo de uma camiseta e eu vi que o cara que tava entrevistando, tipo ele não parava de me olhar aqui (apontando para os seios) nos meus seios, eu ficava extremamente desconfortável, foi a minha primeira entrevista que eu tive na vida e o fato dele ser feito isso na época, eu acho que eu nunca vou esquecer dele, mas eu fato dele ter feito isso me deixou extremamente

desconfortável e assim foi mais esse tratamento assim que eu senti diferença, porque, obviamente ele não ia fazer isso com cara e assim na época eu lembro de ter passado (no processo seletivo), mas eu não me senti confortável para permanecer, eu saí. Então foi assim sentimento que eu tive de me sentir desconfortável e eu não achava que valia a pena, aí eu saí. Acho que no geral assim acho que é uma coisa que para mim é inegociável sabe, a pessoa ter respeito independente de qual diversidade, de qual grupo sub-representado faça parte e mudou muito a minha visão nesse sentido. Acho que foi o que mais me impactou assim essas atitudes.

Este relato mostra a desrespeito dentro do ambiente da universidade, que ao fazer a entrevista para um processo seletivo, o entrevistador olhava apenas para seus seios, essa situação deixou Janaína muito desconfortável, e foi sua primeira entrevista na universidade, o que ela comenta que a marcou muito, por isso, lembra até hoje. Além disso, apesar de ter passado no processo seletivo, ela preferiu não participar do projeto por ter se sentido desconfortável na entrevista. Mostrando mais uma vez como as mulheres precisam deixar de fazer, estarem em locais que desejam pelos comportamentos dos homens. A aluna ainda coloca que o respeito é algo inegociável para ela, sendo uma afirmação muito importante, uma vez que as mulheres, e ninguém, devem aceitar serem desrespeitadas.

Com a análise deste tópico, é possível concluir que 13 entrevistadas já passaram por alguma situação de assédio. Além disso, uma das entrevistadas não quis comentar sobre o assunto e se mostrou muito desconfortável com o tema, o que pode simbolizar que ela já pode ter passado por uma situação de assédio. Diversos foram os relatos das entrevistas, relatando assédios, de professores, colegas de turma, fora do ambiente da universidade. O que mostra que independente do lugar que estão, as mulheres estão em risco de serem assediadas ou discriminadas.

A realidade da grande maioria das mulheres em cursos dominados masculinos perpassa por lidar com o assédio e a discriminação de gênero, afetando significativamente seu aprendizado, uma vez que não se sentem seguras e confortáveis no ambiente de estudo.

Uma importante colocação é sobre os professores que já foram acusados de assediar alunas e ainda continuam a lecionar na universidade, colocando a necessidade e a urgência de que as medidas cabíveis sejam tomadas. Tendo em vista a proteção e segurança das alunas, que se sentem inseguras de fazerem disciplinas com estes professores, e evitar que outros casos aconteçam, além de ouvir as denúncias já feitas.

É necessário serem realizadas medidas de segurança para as estudantes visando a prevenção do assédio e da discriminação de gênero. Implementando espaços de escuta para as denúncias e prosseguimento nas denúncias feitas. Além disso, podem ser criados espaços de formação para professores, funcionários, alunos, sobre como identificar e lidar com o assédio e discriminação, além de políticas mais rígidas para enfrentar essas situações.

É de extrema importância, que as alunas sintam que não estão sozinhas e as instituições de ensino se comprometam e responsabilizem para criar um ambiente, que seja seguro e inclusivo para todos os estudantes. Tais mudanças necessitam de tempo, mas é necessário garantir quanto antes medidas que garantam que todos os alunos estejam seguros e tenham as mesmas oportunidades de aprendizado e crescimento.

4.7 As táticas criadas pelas alunas dos cursos majoritários masculinos na UFJF

Para conviver em um ambiente dominado masculino, as mulheres criam táticas como forma de adaptação a esse ambiente. Tais táticas perpassam desde a forma de se vestir, de buscar evitar expressões consideradas “femininas”, entre outras (SANDBERG, 2013). Dessa forma, buscou-se analisar quais são as táticas que as alunas dos cursos dominados masculinos da UFJF criaram para estar nesse ambiente.

Uma das táticas, que foi mencionada por diferentes entrevistadas refere-se à vestimenta adotada no ambiente acadêmico das engenharias. Elas se preocupam com as roupas que vestem por medo, insegurança. Sendo assim, evitam vestir roupas que valorizam as formas do corpo feminino como uma forma de proteção contra assédios e também dos julgamentos, como se a mulher usar determinada roupa ela é menos competente. Apresento algumas falas que chamaram atenção sobre esse processo:

(092) É, acho que a questão da roupa é o mais evidente assim, né? Tentar não vir com roupa apertada. Já teve dia que eu cogitei vim de roupa para academia depois eu pensei ah não, não vou, aí depois eu venho com a roupa da academia na bolsa e troco depois, entendeu? Acho que isso é o mais evidente assim. (Bertha Lutz)

(093) Então isso acaba, que o corporal conta muito. Isso acaba que a gente não é igual, as vestimentas indiretamente, não é? É essa, essa questão de não abrir muito espaço para intimidade, então tem que dar uma cortada, então assim, já no início, sabe, já assim meio que se impor, né? E colocar limite. Já a postura mesmo, então a gente acaba, eu acho que acredito que foi, intuitivamente, a gente vai, a gente vai assim, criando forma de se comportar, digamos, para evitar situações desconfortáveis, desconfortáveis. É, isso. (Dilma Rousseff)

(094) Com certeza. Eu agora, é eu dirijo, então eu venho de carro. É um pouco mais tranquilo. Mas eu lembro que o meu primeiro período, né, que foi presencial e tal. Eu andava uma parte a pé e aí estava muito quente, 32°. Mas eu não queria, vim de short porque eu sabia que eu ia passar por alguma situação chata. Porque eu já tinha passado, ou porque você sabe o que vai acontecer, sabe? Ou tipo assim, eu vinha de short, mas eu já trazia um casaco para eu amarrar na minha perna. Então, e assim eu andava numa parte com um amigo meu, e aí eu ainda me sentia um pouco mais tranquila. Porque a gente pensa, tá, eu estou com homem, então, está tipo, tá um pouco melhor, e aí quando ele ia para casa e eu continuava sozinha, eu sabia que aquele trecho ali eu já ia ficar, tipo assim, nossa tipo eu to sozinha e isso é muito ruim, né? Que é a gente acaba pensando muito assim, aí, que roupa que eu vou vim tipo aí essa roupa, puxa, acho que sei lá, vai chamar muita atenção e tipo assim, não, sabe, mas chama porque é difícil assim. (Lúcia Murat)

(095) Ahh é, eu mudei o meu estilo, meu jeito de vestir, pra tentar ficar mais formal. E até foi uma coisa que eu faço, terapia, uma que é minha psicóloga sugeriu tentar usar um saltinho para parecer mais velha para, tipo, tentar impor mais, porque eu tenho cara esse de nova e além de ser mulher, tem cara de ser muito mais nova do que eu sou. Eu tenho 25. Aí eu sinto que as pessoas não me respeitam, ouvem o que eu falo. Aí eu tento usar uma roupa mais formal. **Isso no ambiente da universidade, fora você se veste diferente? É. Se você for sair, você não se veste igual na universidade? Uhum. Você montou um personagem, digamos? É. E como você se sente em ter que fazer isso para estar aqui?** A, é estranho, não é confortável. (Helenira Resende)

(096) A sim, esse negócio da roupa pra mim já é, já é o maior, por exemplo, aqui, agora eu estou na arquitetura fazendo reunião com você. Aí eu estou com essa blusinha aqui, mas provavelmente quando eu descer eu vou colocar a blusa da porte ou eu vou tentar colocar uma blusinha mais por cima, mas pra evitar olhares, e sei lá, interpretações, sabe? (Débora Seabra de Moura)

Estes fragmentos discursivos mostram cinco alunas diferentes que relatam sobre o tema das roupas, em especial sobre o medo, a insegurança de vestirem roupas que possam ser mais curtas, decotadas, com receio dos olhares, atitudes, comentários que possam acontecer por conta da feminilidade delas expressas pelas vestimentas. O receio de serem vitimadas pelo assédio masculino tira-lhes a liberdade de se vestirem como gostariam, inclusive, de forma mais confortável, uma vez que, mesmo em dias de calor, elas evitam vestir roupas mais curtas, como falado pela aluna Lúcia Murat. Além disso, as alunas relatam que quando decidem ir com uma roupa mais curta levam outra roupa na bolsa para trocar, ou uma blusa para tentar tapar, mostrando mais uma tática que elas criaram para estar nesse ambiente, tentando se proteger.

O relato da aluna Helenira Resende chama bastante atenção. A própria psicóloga da aluna sugeriu que ela utilizasse uma roupa mais formal nesse ambiente para buscar ser mais

respeitada. A aluna reconhece que criou uma persona para sobreviver a esse ambiente, mostrando mais uma tática criada.

A cultura do estupro começa antes do assédio sexual, quando se é ensinado às mulheres a terem medo de andar sozinhas à noite, a preocuparem com as roupas que estão usando, e de que devem ter medo de serem agredidas por estarem em constante risco. Essa cultura só será vencida quando os homens forem ensinados a respeitar às mulheres, serem contra a violência e se responsabilizar pelas suas atitudes e ações (KATZ, 2006).

Débora Seabra de Moura, fala sobre uma tática que tem nesse ambiente:

(097) Ai, deixa eu ver mais o quê? Evito pegar trabalho com homem. Na hora de ficar fazendo trabalho em dupla assim, eu sempre vou caçar, por mais que eu não conheço ninguém na turma, mas se tiver uma mulher, eu sempre vou lá, peço pra fazer o trabalho com ela. Evito o máximo desde o início da faculdade, não é de agora. É, eu acho que são essas coisas mesmo laboratório também. Eu sempre procuro fazer por mulheres, porque geralmente são feitos em grupos.

A aluna evita fazer trabalhos com homens, sempre buscando alguma mulher para fazer parceria com ela, mesmo que não a conheça. Ela tem mais confiança em uma mulher do que em um homem, mostrando uma nova tática para conviver nesse ambiente que a ajuda a evitar que tenha mais contato com os homens, possivelmente para se proteger.

A aluna Nísia Floresta Brasileira Augusta comenta sobre uma tática que criou, que consiste em: “De pesquisar a fama do professor antes de ir”. Essa tática também se constitui em uma forma de buscar se proteger, uma vez que alguns professores da instituição já são conhecidos por assediarem outras mulheres.

Aurora Maria Nascimento Furtado, diz que sua tática é ignorar:

(098) Ah, eu acho que é ignorar, tipo saber identificar quando essas coisas acontecem igual a esse sentido intelectual, mesmo porque às vezes a gente está nessa situação e fica achando que o problema é da gente, você é será que eu não consigo compreender? Será que eu que não estou entendendo? Então assim, primeiro identificar que às vezes, a pessoa ela insinua alguma coisa pelo seu gênero, não por você. Você sabe se tirar daquela situação, de perceber falar, não, isso aqui é machismo. O cara está fazendo isso porque eu sou garota, não tem nada a ver com o meu intelecto, porque se a gente levar para o pessoal, a gente desanima. A gente fica cada vez se sentindo mais inferior, então, primeiro identificar, né e ignorar, saber, colocar na caixinha ali, tipo que é um problema coletivo, não individual. E acho que isso que a gente faz, né? De se juntar as meninas com as meninas, não devia ser assim, mas acaba que é protetivo, porque a gente consegue até mesmo desabafar sobre isso, né? Ver o que está acontecendo, de forma geral, tentar não levar para o pessoal comentários tanto de professor quanto de algum colega de classe, alguma coisa assim.

A aluna visa ignorar situações, comentários desconfortáveis como uma forma de tática para sobreviver a este ambiente. Mas, apesar disso, ela relata que questiona sua capacidade ante as críticas recebidas dos homens. Ela precisa racionalizar a psicologia do preconceito, o machismo institucionalizado na sociedade, para não de permitir abater. Outra tática que Aurora criou é de estar com outras mulheres. A própria aluna relata que: “não devia ser assim, mas acaba que é protetivo, porque a gente consegue até mesmo desabafar sobre isso, né?”. Analisando o trecho citado é possível perceber que a própria aluna reconhece que não deveria ser dessa forma, mas que essa tática acaba sendo uma forma dela e de outras alunas buscarem se protegerem.

Iara Iavelberg fala que, desde criança, foi ensinada a ser mais fechada para se proteger:

(099)Acho que sim. Acho que por essa questão, por eu ter sido ensinada desde criança, pelo meu pai, pela minha mãe. Acaba que na convivência é, por exemplo, é lá no, quando, é um grupinho de amigos é, tem gente que eu sei que já, não, não me abraça tipo no meio que também for. É, já tem essa certa, certos cuidados, digamos assim, é com questão de tipo de convivência. As pessoas sabem como meu estilo sabem como é que eu sou, então acaba que sempre acabam respeitando. **Você acha que você se tornou, digamos, é a pessoa mais assim dura, né? Mais fechada para a convivência?** Sim. Porque eu sou muito pouco carinhosa, muito pouco. Eu não sou de abraço, eu não sou de ficar grudada, então isso pode ter sido vindo disso, de questão de ser mais fechada, de não deixar ninguém encostar, porque eu, a gente com a gente é cresce, quando a gente cresce convivendo com os meninos. Eu falei maioria dos meus amigos, são homens. Eles faziam comentários perto de mim sobre uma garota sobre alguma coisa do tipo eu escutava, sei o que eles falam de mulher, de meninas e mulheres, então você já cresce, já fica querido, eu sei sua tática. Não vai rolar, não vai rolar.

Os pais de Iara a ensinaram, desde cedo, a não dar muita abertura para as pessoas, como uma forma de proteção para a filha. Hoje ela se enxerga uma pessoa mais fechada, que evita toques. É possível perceber que a aluna criou sua tática a esse ambiente inicialmente com as orientações dos pais que a buscavam proteger. Ela acabou internalizando essas orientações, o que a faz não se abrir nesse ambiente dominado masculino.

Enedina Alves Marques enxerga que a tática que criou para lidar nesse ambiente é mostrar confiança ao falar:

(100) Eu acho que tipo assim, é tanto falar de aulas, às vezes até para conversar com um professor. Uma forma que eu acabei tomando foi a sempre parecer, tipo assim, falar com muita confiança, como se eu tivesse certa do que estou falando. Às vezes eu posso falando o maior absurdo do mundo, mas nunca parecer, tipo assim, é que

eu não sei do que eu estou falando, me sentir. Tipo assim que a pessoa está falando primeiro ao superior, a mim eu sempre falo com muita convicção, é usar um tom de voz diferente, né? **É esse modo que você fala que é um pouco mais, talvez mais incisivo?** Exatamente **Você sente que criou por esse ambiente?** Sim, **Por estar num ambiente que se você não levantar a sua voz e você não vai ser ouvida, né?** Sim. **Uma coisa que você comentou também foi sobre até não ir à sala dos professores. Você acha que isso também é uma tática, né de tipo, é de evitar por não se sentir confortável?** Sim. Assim, eu só vou quando realmente preciso tirar uma dúvida, ele marca o horário na sala dele, sempre vou com alguém, sabe? Tento não ir sozinha porque não se sinto confortável de ficar numa sala sozinha com um professor. **Por medo?** É, não que eu saiba de algum caso de assédio ou algo assim, mas não quero ser a primeira, (risadas desconfortáveis) e eu acho que às vezes fosse até um assédio mais velado, por exemplo, sabe, um comentário machista assim, eu ia ficar super desconfortável que eu não ia conseguir voltar nessa aula depois, então eu evito muito esse tipo de ambiente.

A aluna tem como tática utilizar da confiança em sua fala, mesmo que esteja de fato se sentindo confiante. Além disso, ela relata nunca ir às salas dos professores sozinha por não se sentir confortável e ter medo. Enedina comenta que não sabe de nenhum caso de assédio, mas que não quer ser a primeira, e logo após dizer isso ela sorri timidamente, reforçando seu desconforto e medo com essa situação.

Lúcia Murat observa que cria um jeito diferente para lidar nesse ambiente:

(101) Ai, eu acho que sim, eu, aí é difícil, tipo assim, acho que inconscientemente a gente acaba criando um pouco, né, de o jeito que a gente se porta também, tipo, é muito diferente do jeito que tipo, quando eu estou com os meus amigos e quando eu estou sozinha, tipo a quando eu estou fazendo uma matéria com os meus amigos, eu me sinto muito mais à vontade aí, tipo, mesmo que tenha muito mais homem, eu ainda vou me sentir mais à vontade, porque eu vou ter ali alguém que eu conheço. Quando eu estou sozinha, eu já estou tipo eu estou mais armada, eu já estou te assim mais ai tipo ai espero que não aconteça nada espero que não tenha nenhum problema, não sabe? Eu só quero passar nessa matéria tranquila e acho que a gente acaba te fazendo muito isso. Às vezes eu tenho inconsciente, tipo a, eu vou passar por isso, vai ficar tudo bem, tipo, vai acabar. Eu estou fazendo sozinha, mas a gente faz muito isso também.

A aluna consegue visualizar que, mesmo que seja inconscientemente, ela criou outra forma de se portar naquele ambiente, que é diferente quando está com seus amigos e de quando está sozinha. Ela ainda relata que quando faz disciplinas com seus amigos se sente mais à vontade, possivelmente por se sentir segura por ter a quem recorrer, caso aconteça algo. Já quando ela está sozinha, Lúcia comenta que vai mais “armada”. A escolha desta palavra pela aluna evidencia que, ao estar no ambiente acadêmico sem a presença de pessoas de sua confiança, ela se sente insegura e ansiosa, o que a deixa em alerta, preparada para reagir a alguma possível adversidade.

Antonieta de Barros diz que, apesar de estar acostumada de estar em um ambiente dominado masculino, ela tenta se moldar àquele ambiente:

(102) Então, apesar de ter muita facilidade, sempre é estar inserida num meio majoritariamente masculino, de sempre ter muito amigos, masculino. Apesar disso, tudo, parece que não tem uma tática que a gente possa generalizar, porque é muito diferente o ambiente que a gente convive. É no trabalho agora, eu também vivo num ambiente majoritariamente masculino, é da minha, dentro da coordenação que eu trabalho, eu também sou a única mulher. E eu vejo muita diferença. Eu não vejo muito como criar uma tática, criar uma estratégia. Porque parece que a gente tá sempre tendo que se moldar, sabe? Para criar o que eu tento fazer, trazer para mim é criar esse escudo emocional mesmo pra não deixar isso atrapalhar o meu psicológico aí aprendo a lidar porque é diferente, tem umas coisas, tem ambiente que são mais velados, ambientes, mais escrachados dos ambientes que você precisa estar ali ambiente, você pode não estar, então eu não te não criei uma estratégia, uma tática, eu acho que é mais, é sobre mim, sobre como eu reagi, eu criei esse escudo.

Mesmo ela tendo facilidade, como colocado por ela, em estar em um ambiente dominado masculino e achar que não tem uma tática para estar ali, logo após essa fala Antonieta comenta que parece que precisa se moldar, que precisa criar um “escudo emocional”. Analisando a expressão utilizada pela aluna é como se ela se utilizasse de algo para se blindar emocionalmente nesse espaço, para tentar não se machucar, o que pode ser visto como uma tática para sobreviver a este ambiente. Apesar de, no final de seu relato, reforçar, mais uma vez, que não criou nenhuma tática e que é algo mais sobre ela, que criou esse “escudo”, mas esse escudo seria justamente sua tática para estar ali.

Anália Emília Franco, observa que criou um filtro como tática:

(103) Há, com certeza, com certeza igual falei às vezes, até, às vezes, até o vivenciei alguma coisa, mas eu, sabe, eu uso um filtro, finjo que não escuto porque realmente eu não lembro de nada. Então se aconteceu, eu não lembro, pode ter acontecido. Eu não sei como é que tá sendo assim, né? As outras entrevistas, se alguém já comentou algum caso, mas com certeza sabe até o meu jeito mesmo, entende, é menos não falo menos feminina, mas assim, sabe? Não ligar muito para esses padrão estereótipo, né? De mulher bem vestida, maquiada, arrumada. Geralmente eu to sem nada, né? Normal assim, até em questão de estilo, assim de roupa e tudo mais, o que até engraçado, porque eu nunca fui muito assim de me arrumar demais, mas assim que eu falei tá convivendo ali com o meio de um grupo de pessoas que sempre tem um mesmo tipo de comportamento acaba que, eu não sei como é que funciona isso, é a mimetização, sei lá, você acaba meio que naturalmente copiando.

Anália cria um “filtro”, finge que não escuta, e acaba não se lembrando, sendo essa a sua tática. Além disso, ela se enxerga “menos feminina” por não se arrumar tanto, maquiarse,

que também se torna uma tática a este ambiente, uma vez que muitas vezes as mulheres buscam não chamar atenção para tentar passarem despercebidas.

Beatriz Cerqueira enxerga como sua forma de ser foi moldada para este ambiente:

(104) Com certeza eu me fecho totalmente, tipo assim, totalmente no sentido de é não, eu sei, e se eu não sei, eu vou atrás. Tipo assim, igual eu falei dessa questão de vergonha de perguntar não sei o quê? Aí às vezes eu vou atrás por mim mesmo de saber e eu acredito que essas experiências extracurriculares é que eu já tive, tipo, me agregaram muito. Então assim, se eu tivesse só dentro de sala de aula, eu realmente não ia saber muito mais coisas. Bom, eu fui atrás, procurei, sabe, e tipo, quando eu tô num ambiente que é que tem muito mais o homem, eu tendo a tipo fechar a cara é ser séria assim, sabe? E tipo, eu já tenho essa tendência de ser assim, ter essa pose meio, durona assim, e aí eu só reforço isso, sabe, tipo assim, porque eu sinto que eu tenho que me impor. Porque eu tenho que me importar, eu já chego na defensiva, assim, sabe? Eu nem espero acontecer alguma coisa, eu já chego, tipo na defensiva assim, eu me preparo. Por exemplo, numa situação, uma apresentação, alguma coisa que eu tenho, me preparo muito mais, do que se fosse uma sala 50%, 50% sabe homem mulher, uma sala mais equilibrada eu já ia chegar tipo assim vou fazer o melhor trabalho, vou apresentar porque, sabe, eu quero deixar uma deixa, então, eu ia me cobrar mais.

A aluna observa que se fecha, com um jeito mais “durona”, que já se mantém na defensiva como uma tática a este ambiente. Além disso, ela se coloca numa situação mais proativa para buscar aprender os conteúdos e, em situações de apresentações de trabalho, se prepara mais porque não quer “deixar uma deixa”. Analisando esta expressão, Beatriz não quer dar motivos para que os homens possam a criticar ou criticar seu trabalho. Ela ainda observa que se fosse uma sala com maior representatividade feminina não se sentiria assim.

Janáina da Silva Bezerra criou duas formas, uma de ignorar e outra de conscientizar:

(105) É... a gente tem duas frentes aí né, a frente que a gente ignora esse tipo de pessoa e a frente em que a gente tenta conscientizar outras pessoas porque tem algumas pessoas que elas tentam entender e a gente consegue tá conversando pelo menos e tem outros que são extremamente ignorantes e você só tem que ignorar elas. Então, tem duas frentes aí, duas táticas que eu uso, a ignorância que deixa de lado ou de fato ali tá dando esse suporte maior para pessoa e tipo “você não pode fazer isso” igual mãe né.

Janáina tenta ignorar e, também, conscientizar os colegas. Para aqueles que a escutam e conversam com ela, se utiliza da tática da conscientização. Ela ainda observa que é como se fosse uma mãe aconselhando e conversando com eles. Já aqueles que são “ignorantes”, como colocado por ela, ela os ignora. Estas duas táticas criadas por ela chamam atenção,

porque apesar de ser uma situação difícil estar em um ambiente dominado masculino, ela ainda visa mudar e tentar dialogar com aqueles homens que se mostram abertos.

É possível perceber que as alunas de cursos dominados masculinos na UFJF criam táticas, formas para lidar com este ambiente, e são diversas táticas, desde ignorar, moldar seu jeito de ser, evitar usar determinados tipos de roupas, se fechar e até tentar dialogar com os homens. Tais táticas, são criadas em grande maioria como forma de se protegerem de eventuais comentários ou situações de desconforto, ou até assédio.

Dessa forma, é de extrema importância que sejam criadas táticas, mas não apenas pelas alunas, como também pela instituição e por toda a sociedade para buscarem proteger, ouvir as mulheres e dialogar com os homens, mostrando a importância do respeito. Para aqueles que tenham comentários e demais atitudes de discriminação de gênero, é necessário que sejam responsabilizados e recebam as devidas consequências jurídicas e o afastamento da instituição. A igualdade de gênero e o combate à violência e o assédio, precisam ser pautas centrais em todas as instituições de ensino superior, para que assim busquem avançar os debates e as medidas sobre este tema.

4.8 Sugestões de melhoria

Tendo em vista todo o processo de discriminação de gênero vivenciado pelas alunas de cursos dominados masculinos na Universidade Federal de Juiz de Fora, foi perguntado para as alunas quais sugestões elas tinham para os problemas enfrentados na universidade. Desta forma, este tópico visa analisar as sugestões propostas.

Uma das sugestões mais faladas foi a importância da conscientização, de dialogar com homens e mulheres sobre o assunto, buscando dar luz ao tema e fazer com que assim a situação não seja apenas ignorada.

Bertha Lutz, traz uma sugestão prática de uma palestra em um evento, além de fazer um resgate de como era aquele ambiente alguns anos atrás:

(106) Semana que vem tem a semana da engenharia, que tem um monte de curso. Talvez eles falemos um pouco disso, né?

A aluna propõe que, na semana de engenharia, seja falado sobre o processo das mulheres na engenharia. Ela enxerga que as adversidades que vitimizam as mulheres na área são um processo enraizado, às vezes praticados “sem querer”. Analisando esta expressão

utilizada por ela é possível perceber que Bertha tenta acreditar que nem todas as pessoas que comentem discriminação de gênero fazem aquilo conscientemente. Dessa forma, ao se falar mais sobre esse tema as pessoas “notariam”, como colocado por ela, e poderiam evitar falar ou praticar determinadas atitudes que são discriminatórias. Bertha ainda relata que hoje a situação já está melhor, uma vez que, em 2014, era apenas uma mulher em todo o curso. Hoje elas encontram algumas colegas no curso, embora não em um grande número.

Dilma Rousseff fala sobre a abertura do diálogo:

(107) Acho que é abrir mais espaço para o diálogo, ter mais homem assim, a gente conversa de diálogo. Realmente falar, né? Porque, não deixar isso parar, porque ele colocou é mimimi e é o famoso que está acontecendo agora. Mas a gente precisa falar, a gente precisa trazer, né?

A aluna sugere a abertura de diálogos com os homens, apesar de colocar que muitos acham que é "mimimi", expressão utilizada pejorativamente para minimizar a fala das mulheres. Mas, apesar disso, Dilma, ainda vê a importância de buscar o diálogo. Além disso, a aluna aborda a importância da representatividade, que antes a mulher poderia ficar só em casa, do lar, mas que hoje estão ocupando os espaços. A aluna ainda sonha com um dia que o curso seja pelo menos 50% igual, buscando a igualdade de mulheres e homens nesse espaço e principalmente a representatividade de mulheres mostraram que esse espaço é, sim, delas.

Enedina Alves Marques sugere a criação de um projeto em parceria com as escolas:

(108) É, já existem projetos de mulheres na engenharia, né? Mas eu acho, não sei se se existe um projeto assim, né? Mas eu acho muito interessante um projeto, tipo assim, de trazer pessoas de escolas, mulheres, né? Pra engenharia, mostrar engenharia para as mulheres, né? Fazer algo relacionado assim. Eu acho que isso também daria uma sensação de pertencimento.

A proposta de Enedina tem em vista mostrar para as alunas estudantes a engenharia, que o curso também é para mulher, buscando incentivar essas alunas a estarem nesse espaço. Além disso, a aluna coloca que isso poderia causar a sensação de pertencimento, que foi tão falado pelas alunas que sentem não ter, ela ainda coloca que dúvida um homem dizer que não sente pertencente àquele espaço, uma vez que o curso é composto majoritariamente por homens, e as mulheres que não tem essa sensação de pertencimento por todo processo de discriminação de gênero vivido.

Êda Luiz tem como sugestão a conscientização desde a infância:

(109) Então, tem que ser uma conscientização desde a infância, né? Pra acabar com o machismo, porque, como aqui é um lugar que tem mais homem, e eles são machistas por natureza. Às vezes eles erram, tipo assim, a gente eu tento sempre explicar, né? Não só brigar em cima, só explicar. Aí você vê que as pessoas simplesmente não sabem o básico, você fala, é básico. E eu acho que tem que vim ensinamento desde a infância.

A aluna enxerga o processo enraizado do machismo que a conscientização tem que começar desde cedo, na infância, buscando evitar situações de discriminação de gênero como vivenciadas pelas alunas. Êda ainda diz que eles “são machistas por natureza”, o que mostra como ela enxerga que desde pequenos os homens já são machistas e, por isso, sua sugestão é que comece a conscientização desde lá para que essa situação seja superada.

Beatriz Cerqueira fala sobre a importância das políticas de incentivo e como foi importante para ela a representatividade:

(110) Então é complicado essa parte, mas com certeza, tipo assim, eu acho que parece que não faz efeito, mas essas políticas de incentivo, sabe, tipo, eu falei dessa feira de profissões que a gente fez é faz muita diferença na vida das pessoas. Então, um dos momentos que eu tive certeza que eu queria fazer engenharia foi quando teve uma palestra aqui na engenharia. De uma física que trabalha em cooperação com a NASA. E ela formou na UFRJ e ela tem família aqui em Juiz de Fora, ela nasceu em Juiz de Fora, alguma coisa assim, e ela veio aqui dar uma palestra e eu estava no terceiro ano do ensino médio. Aí eu vim pra cá. Quando eu entrei e vi a palestra dela, pra mim foi a melhor coisa do mundo escutar a mulher falando e vendo tipo, tudo que ela fez e está nesse ambiente tipo eu vi e na palestra tinha bastante mulher, então, tipo assim, eu realmente me senti parte, tipo assim, pô, eu posso estar aqui, sabe? Então isso, essas coisas fazem diferença. Essa questão da representatividade faz diferença, então? Não sei. Eu acho que isso é uma coisa que pega muito.

A aluna fala sobre como uma palestra com uma mulher da área a incentivou a ir para o curso e, como isso, poderia ser interessante e importante para outras mulheres que possam querer ir para essa área. Essa palestra que Beatriz participou até despertou o sentimento de pertencimento nela, mostrando a importância da representatividade para o pertencimento das alunas.

Nísia Floresta Brasileira Augusta diz sobre essa falta de representatividade:

(111) Não sei assim, tipo igual o fato de ter professores homens para mudar sua realidade é formando mais mulheres, né? Então a gente ainda está nesse processo. Mas não sei se tem alguma. Não sei (silêncio)

Apesar de num primeiro momento a aluna não conseguir identificar uma possível solução, depois ela identifica a importância de maior representatividade e, para que isso seja superado, é necessário haver mais mulheres se formando nessa área.

Antonieta de Barros levanta também a importância da representatividade:

(112) A não tem muito outra saída, além de equilibrar. Tem que ter, e aí tem é na época que eu estava na empresa júnior a gente até tentou movimentar algum projeto mais relacionado a diversidade, mesmo dentro do curso, né? Que a gente queria a diversidade dentro da empresa júnior. Aí é na época eu era diretora, eu comecei a parar para pensar, cara, como que eu quero diversidade aqui dentro, se essa não é uma realidade do curso? Como é que eu vou querer que metade dos membros da empresa júnior, sejam mulheres e essa não é uma realidade da engenharia mecânica. A gente precisa primeiro, começar na engenharia mecânica.

A aluna vê a importância da representatividade e que, na empresa júnior, buscaram ter essa representatividade. Mas, se esbarram na dificuldade de não terem tantas mulheres no curso. Antonieta questiona como que ela vai esperar que metade dos membros sejam mulheres se isso não reflete o curso de engenharia mecânica, que não possui tantas mulheres. Dessa forma, é possível perceber a importância de não só incentivar, mas que mais mulheres entrem nesse espaço. É possível perceber como é importante ter representatividade e que um dos pontos mais importantes a serem mudado é esse. Ao ter mais mulheres no curso, conseqüentemente, elas terão mais apoio, mais voz, vão se sentir mais pertencentes ao espaço, irão formar mais mulheres e isso fará que também tenha mais mulheres no mercado de trabalho.

Iara Iavelberg fala sobre como as mulheres são ensinadas desde cedo aos cuidados:

(113) Acho que é complicado, porque se você é igual, eu vi no texto realmente, mulheres tão majoritárias em cursos de cuidados, digamos assim. Nós não somos ensinadas a outras áreas né. De forma, automática desde pequena, a gente é ensinado a cuidar da casa, a gente é ensinada a arrumar a cama, é mesmo em vivências que você vê em irmãos, você sabe, você vê que a mulher muito diferente é criada, muito diferente do irmão. É a mulher tem que arrumar a cama, filho, tal, tem famílias que tem família só, né? Tem família que os 2 tem que fazer e pronto, acabou. Mas eu já vi eu já tive, eu não tenho irmãos, sou filha única. Então eu já convivi com amigas minhas que tinham irmãos, onde elas tinham que fazer tudo dentro de casa e os meninos não tinham que fazer nada, chegava em casa, ficava de perna pra cima, então você vê a diferença já desde casa a gente não a gente, que é ensinado a cuidar. A gente não é ensinada a, por exemplo, questionar, é, dizem muito que engenharia vem muitos questionamentos, como as coisas funcionam, né? O mecanismo das coisas, a função. Uma mulher vai questionada a pensar isso, aí a gente fica pensando em coisas que podem ajudar, mas eu acho que isso vem desde a criação. Fazer é a mulher não só querer cuidar de uma casa, mas querer estudar,

querer ver em outras áreas de conhecimento que ela possa atuar é questionar, ciências políticas, questionar assim você questionar, entender mais ciências exatas. É tentar ensinar do lá de cedo que não existe diferença entre homem e mulher. Então, sim, é ensinar realmente desde criança, porque chega na hora da escolha já tá tudo enraizado. Já está tudo no nosso jeito de ser. É no nos pensamentos que a gente tem. Chega aí na hora, acaba escolhendo optando por aquilo que vivenciou durante anos e anos, a vida.

Iara consegue observar que as mulheres não são ensinadas, incentivadas a irem para outras áreas além da dos cuidados. Ela ainda relata como é discrepante o tratamento entre homens e mulheres até em casa, onde os homens não precisam fazer os trabalhos domésticos, que fica como responsabilidade das mulheres. Além disso, ela relata como as mulheres não são incentivadas a questionarem, reforçando todo esse processo da discriminação de gênero, onde as mulheres não são ouvidas mesmo quando questionam. Iara ainda coloca que a mulher não quer só cuidar da casa, mas também quer estudar, quer ir para outras áreas de conhecimentos, questionar desde a ciências políticas a exatas.

Para ela, é necessário ensinar desde a infância que não há diferença entre homens e mulheres, por ser algo enraizado, sendo assim, ela enxerga que a mudança precisa começar já desde pequenos, uma vez que isso irá influenciar quando escolher sua profissão. Tal sugestão de Iara, mostra mais uma vez a importância do diálogo e conscientização, tanto para as mulheres visando a incentivarem estar na área que quiserem e, também, para os homens buscando entender a importância de respeitar as mulheres em todas as áreas.

Janaína da Silva Bezerra aborda a necessidade de maior divulgação das iniciativas de inclusão e maior fiscalização:

(114) Tipo tem uma diretoria de diversidade dentro da UF e eu só fui descobrir isso quando eu tava tentando buscar apoio da UF para essa nossa membro PCD, então eu vejo que apesar da gente ter tá muito distante então não vejo que tem fiscalização, não vejo que tem incentivo, não vejo que, o único incentivo que eu vejo trazendo é tipo fotos espalhadas pela UF, que eu acho que não me ajude também então não existe fiscalização, não existe pesquisas para entender se esses grupos sub-representados estão sentindo representados, se eles tão passando por alguma situação, então não existe essa fiscalização, então acho que é um grande ponto sim. E de fato tão muito distante, acho que um poucas pessoas sabem que existe essa diretoria de diversidade dentro da UF assim.

A aluna relata ter tomado ciência da diretoria da universidade apenas ao procurar um apoio para uma estudante PCD, mas que ela não vê ações concretas de inclusão e diversidade na universidade e, também, falta a fiscalização, ouvir como colocado por ela os grupos sub-representados. Dessa forma, Janaína tem como sugestão de melhoria a maior divulgação das atividades de diversidade e inclusão e também fiscalização.

É possível perceber que em grande maioria as estudantes têm como proposta de melhoria para a situação vivida em cursos dominados masculinos a maior conscientização dos homens, para evitar situações e falas discriminatórias e, também, dar maior visibilidade às mulheres da área para incentivar outras mulheres. Além disso, foi muito falado sobre a importância da representatividade, por mais mulheres ingressando no curso, mais professoras, mais engenheiras.

Foi também levantada a importância da fiscalização para ouvir essas mulheres e averiguar seus casos, buscando que tenham melhores soluções e que seja evitada a ocorrência de novos acontecimentos de violência, dos diversos tipos, contra as mulheres.

Dessa forma, fica evidente a necessidade de maior representatividade feminina nesses cursos, maior conscientização e fiscalização. Sendo assim, essas sugestões podem contribuir para que se tenha um ambiente mais inclusivo e igualitário para as alunas em cursos dominados masculinos. Porém, é necessário entender que a mudança não é imediata, sendo preciso esforço contínuo que todas as pessoas da universidade e, também, da sociedade estejam comprometidas em buscar a igualdade de gênero e combate da discriminação de gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, as mulheres desempenham as tarefas dos cuidados e, após toda a luta e conquista do direito à educação, esse caráter permanece, uma vez que, apesar de serem maioria no ensino superior, estão concentradas nas áreas dos cuidados, como nos cursos de educação e saúde. Algumas mulheres rompem esse processo e vão para as áreas, simbolicamente, consideradas masculinas. Assim, enfrentam desafios por serem minoria nesses cursos.

A presente pesquisa visou analisar a vivência de mulheres em cursos dominados masculinos na Universidade Federal de Juiz de Fora. É possível perceber, que a vivência das mulheres nos cursos dominados masculinos, na Universidade Federal de Juiz de fora, é perpassada por diversos desafios e barreiras como, o medo, a discriminação de gênero, o machismo, os assédios, não serem ouvidas, duvidarem da capacidade delas. Além disso, é possível identificar que a vivência delas é dificultada pelo simples fato de serem mulheres.

Por estarem em um ambiente dominado masculino elas buscam soluções para enfrentar esse espaço, a principal relatada por elas é se agruparem com outras mulheres, assim se sentindo menos sozinhas e mais seguras, mostrando a importância da representatividade e da rede de apoio. Além disso, muitos foram os relatos que mostram que as alunas buscam se moldar a este ambiente, tentando fazer com que ele seja menos opressor, sendo assim, elas evitam usar roupas mais decotadas, curtas, para evitar comentários ou situações desconfortáveis, evitam questionar, falar, e até buscam medidas médicas como colocar um DIU para tentar não se sentir tão sensível nos dias de TPM, e não se sentir vulnerável naquele ambiente.

Essas formas de se adaptarem ao ambiente podem ser vistas como um mecanismo de sobrevivência nesse ambiente hostil e preconceituoso. Porém, essas adaptações não resolvem a desigualdade de gênero, ao contrário, fazem com que ela se perpetue, uma vez que a solução não perpassa pelas mulheres se moldarem a esse ambiente, mas sim ter medidas e ações que garantam a segurança das alunas, para não ser necessário as alunas buscarem se moldar ao um ambiente hostil e preconceituoso como forma de proteção. É só buscando combater o machismo e discriminação de gênero que será possível avançarmos para uma sociedade mais igualitária e segura para as mulheres.

A partir da análise dos dados foi possível evidenciar que as mulheres na engenharia passam por um esforço multiplicado, uma vez que precisam, constantemente, provar para si mesmas e para os outros sua capacidade e conhecimento, onde são cobradas muito mais que os homens e precisam falar repetidamente sobre o tema em debate para conseguirem serem ouvidas nas atividades acadêmicas e profissionais da área de formação. Dessa forma, acabam precisando estudar mais que os homens, se dedicarem ainda mais que eles para serem reconhecidas.

A pesquisa evidenciou que a falta do sentimento de pertencimento ao curso, ocasionado por conta dos preconceitos de gênero, refletem na vontade de permanecer nesse espaço. Tal sentimento de não pertencimento, em grande maioria, surge por estarem em um ambiente dominado masculino, o que faz com que elas sintam que aquele espaço não é delas, mesmo tendo sido aprovadas em um processo seletivo para estarem ali. A falta de pertencimento afeta a motivação e a confiança das alunas no próprio potencial, o que pode influenciar na permanência e em seus desempenhos. Dessa forma, foi possível concluir que a falta de pertencimento afeta diretamente a qualidade da vivência dessas alunas nesses cursos.

Com a presente pesquisa foi possível evidenciar que algumas alunas já pensaram em desistir do curso, por conta do seu gênero e todo preconceito vivido. Porém, a maioria delas disse não ter pensado em desistir por essa razão. Apesar de toda a dificuldade vivenciada, elas relataram utilizar as adversidades como um fator que as motivem a continuarem no curso e se formarem, para que, assim, possam inspirar outras mulheres a estarem naquele espaço, e que, em outro momento, a situação seja diferente e haja maior representatividade. Em relação à representatividade, muitas relataram a importância dela, e a formação de redes de apoio feminina entre as graduandas foi mencionada em alguns depoimentos como um dos motivos que as influenciaram a não desistir do curso. Sendo assim, foi possível perceber que a falta de representatividade é um dos fatores que dificultam a vivência das alunas, uma vez que convivem em um espaço dominado masculino.

Foi possível identificar que os desafios e barreiras enfrentados pelas estudantes transcendem os desafios apenas acadêmicos. As alunas enfrentam assédios, praticados tanto por colegas quanto por professores, são cobradas excessivamente em comparação aos homens, além de terem que provar, constantemente, sua capacidade. Soma-se às adversidades já citadas a falta de representatividade, mencionada em parágrafos anteriores, bem como, como evidenciado nas entrevistas, o fato de não serem ouvidas por colegas e professores quando

manifestam opiniões e sugestões sobre temas pertinentes às disciplinas. Portanto, não são respeitadas. Além disso, foi possível perceber que os desafios e barreiras, em grande maioria, são diretamente relacionados ao fato de serem mulheres em cursos dominados masculinos. Todo esse processo influencia diretamente na vivência das alunas nesses cursos. Dessa forma, foi possível constatar que os desafios e barreiras enfrentados pelas estudantes, apesar de serem de natureza diversa, perpassam, todos eles, pela questão de gênero.

Em relação ao assédio, foi possível constatar que quase todas as entrevistadas já passaram por alguma situação de assédio, seja ele moral ou sexual. Elas relataram já terem vivenciado situações de assédio que variaram desde piadas indecorosas, comentários indesejados, olhares e toques. Esses assédios vieram dos colegas de turma, outros estudantes da universidade e até mesmo de professores. Foram relatadas, também, situações de assédio vividas no ambiente onde trabalham ou estagiam, relacionados às respectivas áreas em que estão se formando, colaborando para a conclusão de que as mulheres são vítimas dessas violências em qualquer espaço da vida social organizada.

Várias alunas relataram casos de professores que fizeram comentários indesejados ou, até mesmo, tentaram uma aproximação indevida com as alunas, o que faz com que elas se sintam inseguras e com medo nesse ambiente. Além disso, é de conhecimento coletivo professores que já foram denunciados por assediar alunas e, segundo as alunas, eles não foram punidos pela instituição, continuando a lecionar na universidade. Como os processos administrativos disciplinares são resguardados por sigilo e as discentes não têm acesso ao seu conteúdo para analisá-los, percebeu-se nas entrevistas que, ao não haver punição aos denunciados, elas ficam com a impressão de que os mesmos foram protegidos pelas autoridades acadêmicas responsáveis, em um comportamento corporativista. Tal situação faz com que as alunas convivam com o medo, uma vez que, quando não é possível evitar, precisam cursar disciplinas com estes professores.

É preciso avançar na política de segurança e, também, de acolhimento às alunas para que os casos denunciados sejam adequadamente investigados e, uma vez comprovados, punidos. Tal medida é essencial para que o sentimento de impunidade seja erradicado, fazendo com que as alunas se sintam mais seguras e os professores com propensão a esse desvio moral se sintam inseguros em cometê-lo.

Em relação a como as alunas constroem táticas para conviver em um ambiente dominado masculino, evidenciou-se que as alunas buscam saídas para conseguirem

permanecer nos cursos. Elas tentam estar sempre juntas com outras mulheres, criando uma rede de apoio a esse ambiente tão opressor. Além disso, muitas delas se moldam a este ambiente evitando roupas mais decotadas, curtas, evitam questionar, tentam não entrar em conflitos, tudo isso com intuito de não serem demasiadamente percebidas, não serem notadas a ponto de serem vitimizadas. Porém, ao fazerem isso elas se privam de serem quem são, de usar as roupas que querem, de falar o que desejam, de questionar, de ter voz, de demonstrar sua inteligência, capacidade e potencial para a carreira profissional. Foi possível perceber como é grave a situação nesses cursos, uma vez que a discriminação de gênero, muitas vezes, é vista como normal e não é enfrentada.

Além das táticas já mencionadas, elas buscam ignorar os comentários e situações desconfortáveis, evitam dialogar com os homens, não ficam sozinhas com os colegas e nem com os professores, buscam serem mais reservadas, sendo todas essas táticas soluções que desenvolveram como forma para se protegerem.

Porém, a saída não perpassa pelas mulheres se blindando, se limitando, se diminuindo para caber nesse espaço, para se protegerem, mas sim que se tenham soluções institucionais capazes de lhes garantir uma convivência e experiência acadêmica de qualidade.

Tendo em vista toda essa situação, ao questionar as alunas quais seriam as possíveis soluções para o processo de discriminação de gênero vivenciado por elas, três soluções foram as mais faladas: conscientização, representatividade e fiscalização. Essas sugestões são de extrema importância para que se tenha avanços e melhorias na vivência dessas alunas.

Conscientizar os homens sobre todo o processo de discriminação, a importância de respeitar as mulheres é essencial para a promoção da igualdade de gênero. Uma vez que a sociedade é estruturada nos estereótipos de gênero que prejudicam as mulheres, é importante que os homens reconheçam os desafios desses estereótipos e busquem que sejam mudados para que se tenha uma sociedade mais equitativa.

A representatividade feminina em cursos que ainda são dominados masculinos é muito importante para se avançar na igualdade de gênero. É com mais mulheres nesses cursos que a vivência dessas alunas começarão a ser mudadas, uma vez que irão ver mais mulheres, poderão se sentir mais pertencentes àquele ambiente, mais seguras, e até mais confiantes e capazes. A falta de mulheres nesses cursos é uma das grandes barreiras enfrentadas pelas estudantes, que vivenciam todos esses desafios por estarem em um ambiente composto em sua maioria por homens.

A fiscalização e acolhimento às estudantes é essencial também para a melhoria da vivência das alunas, uma vez que é necessário que os casos de assédio e discriminação de gênero sejam denunciados e devidamente investigados, bem como devidamente punidos quando comprovados, para que assim o ambiente se torne mais seguro e acolhedor para essas mulheres.

Diante do que foi exposto, foi possível perceber que a vivência das mulheres em cursos dominados masculinos na Universidade Federal de Juiz de Fora é perpassada por diversos desafios e barreiras por conta do gênero. Assédios, discriminações de gênero, falta de representatividade, cerceamento de suas falas e corpos, são vivências constantes para essas alunas.

Ser uma das poucas mulheres em sala de aula é desafiador e, muitas vezes, até inseguro, tendo em vista que convivem com situações de assédio e discriminação constantemente. Porém, apesar de todas essas dificuldades, essas alunas permanecem nos cursos enfrentando todas essas barreiras em busca do seu diploma e do sonho em trabalhar na profissão escolhida.

Todas essas situações, apesar de serem enfrentadas por elas, afetam a saúde física e mental. As adversidades relatadas nesta pesquisa podem afetar, também, o desempenho das alunas no curso, uma vez que são questionadas constantemente sobre suas capacidades, o que faz com que, muitas delas, duvidem da própria capacidade e da legitimidade de estarem naquele curso, bem como de pertencerem a ele e ao ambiente acadêmico.

Além disso, ao conseguirem se formar, os relatos evidenciaram que a situação não muda. As alunas se deparam com um mercado de trabalho que também é dominado masculino, onde também não são respeitadas, ouvidas e validadas. Ao procurar uma oportunidade de emprego, encontram anúncios de vagas cujo critério é ser homem, mesmo sendo legalmente proibida tal discriminação. Mesmo sendo elas engenheiras formadas em uma instituição federal de ensino superior que goza de prestígio social e é reconhecida por sua qualidade de ensino, muitas pessoas duvidam que elas sejam profissionais capazes para atuarem na área, desde os clientes, gestores empresariais ou empresários.

Essa situação, também, influencia na vivência das alunas na universidade, uma vez que, como futuras engenheiras, ao se depararem com essas situações se sentem desmotivadas a terminarem o curso, uma vez que o mercado de trabalho também reflete a desigualdade de gênero na universidade. Sendo possível observar a reprodução, são poucas alunas no curso,

poucas mulheres se formando na área, conseqüentemente poucas mulheres no mercado de trabalho.

Sendo assim, é de extrema importância que a universidade crie políticas de inclusão e proteção para as mulheres que estão nesses cursos, além de buscarem ouvir e compreender os desafios delas visando melhorar suas vivências. Situações como relatadas de assédio e discriminação precisam ser apuradas, para que não se repitam, protejam as alunas e também não as desencorajam a denunciar.

Além disso, é necessário o afastamento dos professores com casos de assédio, tendo em vista, que as alunas precisam fazer disciplinas com tais professores e se sentem inseguras. É preciso que se crie horários de aulas diurnos, uma vez que as alunas noturnas dificultam o retorno das alunas, fazendo com que elas não cursem as disciplinas e se atrasem no curso, ou cursem e se coloquem em risco.

Como foi sugerido pelas próprias alunas, a criação de palestras, eventos que dialoguem sobre o tema buscando conscientização de homens e mulheres. E também a realização de eventos com maior protagonismo feminismo trazendo maior representatividade. Outra sugestão seria fazer o diálogo com as escolas, buscando dialogar e apresentar para as alunas os cursos da engenharia, incentivando que mais mulheres ingressem nesse espaço, e assim cada vez mais tenham mais mulheres cursando e que em um futuro não tão distante já sejam cursos dominados masculinos.

A vivência das mulheres nos cursos dominados masculinos precisa ser melhorada, e acima de tudo respeitada. As mulheres podem estar em qualquer área que seja de seu interesse, vivenciar situações de assédio e discriminação de gênero em uma universidade em um curso que a vaga é delas por direito, é uma situação muito grave e que precisa urgentemente ser superada.

É necessário avançar nos debates de igualdade de gênero, uma sociedade mais justa e igualitária perpassa pelo respeito de todas as diferenças, enquanto houver uma mulher que se sinta insegura e discriminada ainda não teremos vencido a guerra contra o machismo. O machismo e a desigualdade de gênero afeta a saúde, a autoestima, a segurança, os estudos e a vida das mulheres.

Com a finalização desta pesquisa, espera-se que os resultados contribuam para que se tenha avanços em relação à superação da discriminação de gênero vivenciada pelas alunas dos cursos de engenharia mecânica, elétrica e computacional da Universidade Federal de Juiz

de Fora. E que esse estudo sirva para abrir caminhos para novos estudos, ações, projetos que possam contribuir para a melhoria da vivência das mulheres nesses cursos.

Por fim, esta pesquisa não se encerra aqui, este é só um início de um longo caminho que precisa ser percorrido para chegarmos um dia em um mundo onde não exista mais discriminação de gênero.

"Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas." (LORDE, 2012)

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Ándrea. Illusio. In: CATANI, Afrânio. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 .p.231- 233.
- ANTUNES, Priscilla Infâncio. A qualidade dos cursos das áreas de turismo, hospitalidade e lazer em um instituto federal de educação: um estudo com a escala servqual. **Programa de Pós-Graduação em Administração**, 2020.
- ARONOVICH, Lola. Prefácio. In: LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Editora Cultrix, 2020.
- ARRUDA, Ana Lúcia Borba de. Expansão da educação superior: uma análise do programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das Universidades Federais (REUNI) na Universidade Federal de Pernambuco. 2011.
- ARTES, Amélia. A presença de mulheres no ensino superior brasileiro: uma maioria sem prestígio. In: **Anais do 11o Seminário Internacional Fazendo Gênero & 13th Women's Worlds Congress**. Florianópolis: UFSC, 2017.
- BARRETO, Andreia. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, v. 6, p. 5-46, 2014.
- BARRETO, Paula Cristina da Silva. Gênero, raça, desigualdades e políticas de ação afirmativa no ensino superior. **Revista Brasileira de Ciência Política**, p. 39-64, 2015.
- BARROS, Aparecida da Silva Xavier. Expansão da educação superior no Brasil: limites e possibilidades. **Educação & Sociedade**, v. 36, p. 361-390, 2015.
- BELTRAO, Kaizo Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. Reversal of the gender gap in Brazilian education in the 20th century. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, p. 125-156, 2009.
- BELTRÃO, Kaizô Iwakami et al. **O vermelho e o negro: raça e gênero na universidade brasileira-uma análise da seletividade das carreiras a partir dos censos demográficos de 1960 a 2000**. 2004.
- BENEDICTO, EDNA APARECIDA FERREIRA. A mulher e o direito a cidade: Assédio sexual x cantadas. **Anais... XXIX Simpósio**, 2017.
- BIROLI, Flávia. Divisão sexual do trabalho e democracia. **Dados**, v. 59, p. 719-754, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**/Pierre Kühner. 2012.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1982

BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense. **A noção de representação social na sociologia contemporânea. Estudos de Sociologia**, v. 18, n. 19, p. 145-161, 1990.

BOURDIEU, Pierre et al. **O poder simbólico**. 1989.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2000: **Sinopse estatística da educação superior**. Brasília, DF: Inep, 2000.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2001: **Sinopse estatística da educação superior**. Brasília, DF: Inep, 2001.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2010 – **resumo técnico**. – Brasília, DF: Inep, 2012.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2015 – **resumo técnico**. – Brasília, DF: Inep, 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2017-**resumo técnico**.– Brasília, DF: Inep, 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2019- **resumo técnico**.- Brasília, DF: Inep, 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2020: **notas estatísticas**. Brasília, DF: Inep, 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2020- **resumo técnico**.- Brasília, DF: Inep, 2022.

BURCKHART, Thiago Rafael. Gênero, dominação masculina e feminismo: por uma teoria feminista do Direito. **Revista Direito em Debate**, v. 26, n. 47, p. 205-224, 2017.

BURRELL, Gibson; MORGAN, Gareth. Sociological paradigms and organizational analysis. **London: Aldershot, Gower**, 2006.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora**, v. 49, p. 49-58, 2003.

CHIZZOTTI, A. (2006) Estudo de caso. Chizzotti A. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis: RJ Vozes, p. 135-142.

CLINTON, H. R. (2017). What Happened. Simon & Schuster.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

CRENSHAW, K. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, v. 43, p. 1241-1299, 1991.

CRESSWELL, T. *Place: An introduction*. John Wiley & Sons, 2015.

DA ROSA, Luiz Carlos Mariano. O sistema escolar entre o espaço social e o habitus segundo o estruturalismo construtivista de Bourdieu. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, v. 9, n. 25, p. 273-303, 2018.

DA SILVA, Luana; DA SILVA, Fabiane Ferreira. CHEGA DE ASSÉDIO: VISIBILIZANDO O ASSÉDIO SEXUAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 10, n. 1, 2018

DAVIS, Angela. As mulheres negras na construção de uma nova utopia. Conferência realizada na 1ª Jornada Cultural Lélia Gonzales. São Luiz, 13 dez. 1997. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-da-vis/> Acesso em 12 out. 2021.

DE ALMEIDA FREITAS, Marcel; TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins; SILVA, Denise Bianca Maduro. Mulheres docentes em cursos superiores de Física em duas universidades federais no Brasil. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 11, p. 1-18, 2021.

DE ASSIS, Anna Carolina Lili et al. As políticas de assistência estudantil: experiências comparadas em universidades públicas brasileiras. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, v. 6, n. 4, p. 125-146, 2013.

DE CASTRO HELMOLD, Stefânia; ITUASSU, Cristiana Trindade. O assédio em instituições de ensino superior brasileiras: retratos de uma dinâmica de violência. **Anais do XLIII Encontro da ANPAD-EnANPAD 2019**, 2019.

DE MENDONÇA, Maria Zilka Farias. TEORIA FEMINISTA E DOMINAÇÃO MASCULINA: ASPECTOS DE CONTINUIDADE E SEUS EFEITOS PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. **NEARI EM REVISTA**, v. 1, n. 2, 2015.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

DE SOUZA, Rebeca Hennemann Vergara; DA SILVA FRANÇA, Maria Paula; PEREIRA, Camila Macêdo. VIOLÊNCIA DE GÊNERO E ASSÉDIO SEXUAL NA UNIVERSIDADE. 2020.

DOS SANTOS, Aurinéia Cândida; DE ALMEIDA BARROS, Anderson; NUNES, Andréa Karla Ferreira. O ACESSO DAS MULHERES AO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: UM ESTUDO DE CASO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 1, n. 12, 2021.

FAIRCLOUGH, Norman; DE MELO, Iran Ferreira. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. **Linha d'agua**, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Editora Elefante, 2019

FERRAZ, Ana Carolina Mattos de Sousa. Professores assediadores: o assédio sexual na Universidade de Brasília. 2017.

FERNANDES, Nathaly Cristina; DA NATIVIDADE, Carolina dos Santos Jesuino. A naturalização da violência contra a mulher. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 76076-76086, 2020.

FOCHI, Graciela Márcia; ZIRBEL, Ilze. Patriarcado e sujeição das mulheres. **DESENVOLVIMENTO, FRONTEIRAS E CIDADANIA**, v. 4, n. 6, p. 56-74, 2020.

GARCIA, Maria Manuela Alves. O campo das produções simbólicas e o campo científico em Bourdieu. **Cadernos de pesquisa**, n. 97, p. 64-72, 1996.

GATES, M. (2019). *The Moment of Lift: How Empowering Women Changes the World*. Flatiron Books.

GUEBARA, Déborah Karen Mansilha; RAVACHE, Rosana Lia. DESIGUALDADE DE GÊNERO OS DESAFIOS ENCONTRADOS PELAS MULHERES NA SOCIEDADE. **CONNECTION LINE-REVISTA ELETRÔNICA DO UNIVAG**, n. 24, 2021.

HALPERN, Diane F.; ELIAS, Laura J. Women's underrepresentation in science: sociocultural and biological considerations. *Psychological Bulletin*, v. 134, n. 1, p. 1-51, 2008. DOI: 10.1037/0033-2909.134.1.1.

HIRATA, Helena. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. **Revista Trabalho Necessário**, v. 16, n. 29, p. 14-27, 2018.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, p. 595-609, 2007.

hooks, Bell. Killing rage: Ending racism. **Journal of Leisure Research**, v. 28, n. 4, p. 316, 1996.

hooks, B. *O feminismo é para todo mundo [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras* tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. recurso digital

hooks, B. *Teaching to transgress: Education as the practice of freedom*. Routledge, 1994

HOLLY, M. Women's experiences in engineering education and practice: A critical feminist intersectional review. *Progress in Human Geography*, v. 45, p. 479-498, 2021.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2021

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Trabalho: avanços e continuidades. **Brasília: Comunicados do IPEA**, n. 40, p. 8. 2010

JUNIOR, Brásilio; BERTONCELO, Edison. Classe Social. In: CATANI, Afrânio. Vocabulário Bourdieu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 .p.118- 122.

KATZ, Jackson. **Macho Paradox: Why some men hurt women and and how all men can help**. Sourcebooks, Inc., 2006.

KAUATI, Adriana. Síndrome do Impostor. 2012.

KOZICK, Katya; COELHO, Sérgio Reis; ALMEIDA, Paula Josiane. APONTAMENTOS SOBRE O MÉTODO EMPREGADO POR PIERRE BOURDIEU NAS CIÊNCIAS SOCIAIS E A SUA REPERCUSSÃO NO ÂMBITO JURÍDICO. **Revista de Direitos Fundamentais & Democracia**, v. 13, n. 13, 2013.

LAHIRE, Bernard. Campo. In: CATANI, Afrânio. Vocabulário Bourdieu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 .p.64- 66.

LÁZARO, A.; MONTECHIARE, R. Presença das mulheres na educação superior: Conquistas e desigualdade persistente [Editorial]. **Cadernos do GEA**, v. 6, p. 3-4, 2014.

LAZZARINI, Ana Beatriz et al. Mulheres na Ciência: papel da educação sem desigualdade de gênero. **Revista Ciência em Extensão**, v. 14, n. 2, p. 188-194, 2018.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. **LORDE, A. Irmã outsider. Trad. Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica**, p. 49-54, 2019.

LORDE, Audre. **Sister outsider: Essays and speeches**. Crossing Press, 2012.

MARGOTTO, Gleidson Roberto. Resenha da obra " A Reprodução" de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. **Kiri-Kerê-Pesquisa em Ensino**, n. 3, 2017.

MEDEIROS, Cristina. Corpo. In: CATANI, Afrânio. Vocabulário Bourdieu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 .p.132- 134.

MEDEIROS, Marcelo; PINHEIRO, Luana Simões. Desigualdades de gênero em tempo de trabalho pago e não pago no Brasil, 2013. *Sociedade e Estado*, v. 33, n. 1, p. 159-185, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, v. 21, p. 9-29, 1994.

MONTEIRO, Paula. Antropologia Reflexiva. In: CATANI, Afrânio. Vocabulário Bourdieu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 .p.33- 35.

MORICONI, Lucimara Valdambrini. Pertencimento e identidade. **Campinas, SP:[sn]**, 2014.

MOSCHKOVICH, Marília; ALMEIDA, Ana Maria F. Desigualdades de gênero na carreira acadêmica no Brasil. **Dados**, v. 58, n. 3, p. 749-789, 2015.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. (2021). Número de estupros no Brasil é alarmante, diz Michelle Bachelet em conferência da ONU. Recuperado em 11 de abril de 2023, de <https://nacoesunidas.org/numero-de-estupros-no-brasil-e-alarmante-diz-michelle-bachelet-em-conferencia-da-onu/>.

NAÇÕES UNIDAS. Declaração sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres. Nova York: Nações Unidas, 2019.

NAÇÕES UNIDAS. (2019). Global study on homicide: Gender-related killing of women and girls. Recuperado em 11 de abril de 2023, de https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/GSH2019/GSH19_Gender-related_killing_of_women_and_girls.pdf.

NETO, Félix; SASTRE, María Teresa Muñoz; MULLET, Etienne. Estereótipos de gênero nas profissões. **Psicologia Cognitiva**, v. 5, n. 2, p. 251-269, 2001.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, v. 23, p. 15-35, 2002.

NUSSBAUM, M. C. Objectification. *Philosophy & Public Affairs*, v. 24, n. 4, p. 249-291, 1995.

OLTRAMARI, Andrea Poletto. A Carreira e sua Auto-Gestão¹. *Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho*, p. 66, 2011.

ONU MULHERES. A igualdade de gênero no mundo do trabalho em transformação: avanços e desafios na promoção da igualdade de gênero e empoderamento das mulheres. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório Mundial sobre Violência e Saúde: Resumo. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2010.

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. **Revista Linhas**, v. 16, n. 32, p. 337-356, 2015.

PEREIRA, SANDRA DE OLIVEIRA GOMES; NUNES, JURAILDES BARREIRA. A presença das mulheres no ensino superior e o papel das políticas de permanência das Universidades Federais brasileiras. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 16, n. 1, 2018.

PINTO, Giselle. Situação das mulheres negras no mercado de trabalho: uma análise dos indicadores sociais. **Anais**, p. 1-16, 2016.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **sur**, v. 24, p. 99-104, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

RIBEIRO, Djamila. Para além da biologia: Beauvoir e a refutação do sexismo biológico. *Sapere Aude*, v. 4, n. 7, p. 506-509, 2013.

RIBEIRO, MARIA FERNANDA CABRAL; DA SILVA, KALLY LOPES. Iniciativas Feministas em Combate ao Machismo Sistêmico no Curso de Engenharia Elétrica da UFRN. **Anais dos Encontros Nacionais de Engenharia e Desenvolvimento Social-ISSN 2594-7060**, v. 15, n. 1, 2018.

RICOLDI, Arlene; ARTES, Amélia. Mulheres no ensino superior brasileiro: espaço garantido e novos desafios. **Ex aequo**, n. 33, p. 149-161, 2016.

ROSEMBERG, Fúlvia. Políticas educacionais e gênero: um balanço dos anos 1990. *cadernos pagu*, n. 16, p. 151-197, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. S. São Paulo: editora moderna, 1987, cap. 1 (papéis sociais atribuídos às diferentes categorias de sexo).

SAMPAIO, Helena. Evolução do ensino superior brasileiro. São Paulo, NUPES, Documento de Trabalho, v. 8, p. 91, 1991.

SANDBERG, Sheryl. *Lean In: Women, Work, and the Will to Lead*. New York: Alfred A. Knopf, 2013.

SANTOS, Cecília MacDowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. **Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**, v. 16, n. 1, 2005.

SANTOS, Dyane Brito Reis. Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa. 2009.

SANTOS, Máira Barbosa. A participação das mulheres no ensino superior. **Revista três pontos**, 2014.

SANTOS, Marcelo Augusto Finazzi; SIQUEIRA-MARC, Marcus Vinicius S.; MEDEIROS, Barbara Novaes. *Branca, Negra, Índia, Tudo Mulher? Preta? na Brasilidade Machista: por uma Agenda de Pesquisas sobre Assédio Sexual e Trabalho*, 2020.

SILVA, Amanda Soares. Sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 8, n. 16, p. 130-141, 2018.

SOTERO, Edilza. Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo. In: MARCONDES, Mariana Mazzini et al. Dossiê Mulheres Negras. **Retratos das Condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: IPEA**, 2013. p.(35-52)

SOUSA, Bárbara Léia Lopes de. A importância da representatividade para os grupos minoritários: uma revolução na construção de identidades. 2020.

SOUZA, Jessé. A cegueira do debate brasileiro sobre as classes sociais. **Interesse Nacional**, v. 7, n. 27, p. 12, 2014.

SCARTEZINI, Natalia. Introdução ao método de Pierre Bourdieu. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, 2011.

TAFFEL, H. (1978). Social categorization, social identity, and social comparison. In H. Tajfel (Ed.), *Differentiation between social groups* (pp. 61-76). London: Academic Press.

TEDx Talks. (2013, outubro). Violence against women—it's a men's issue | Jackson Katz | TEDxFiDiWomen [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=KTvSfeCRxe8>.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, v. 40, p. 27-53, 2006.

UAMUSSE, Amália Alexandre; COSSA, Eugenia Flora Rosa; KOULESHOVA, Tatiana. A mulher em cursos de ciências, tecnologia, engenharia e matemática no ensino superior moçambicano. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WACQUANT, Loïc. Habitus. In: CATANI, Afrânio. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p.213- 216.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso:- Planejamento e métodos**. Bookman editora, 2015.